

Macau 澳門



ANOS

O retorno à Pátria, em 1999, e o estabelecimento da RAEM abriram um mundo de oportunidades para Macau

HO IAT SENG FAZ BALANÇO POSITIVO DE MANDATO COMO CHEFE DO EXECUTIVO



RESIDÊNCIA DO GOVERNO PARA IDOSOS APOSTA NA QUALIDADE DE VIDA

NOVA ESCOLA EM HENGQIN GARANTE EDUCAÇÃO ALINHADA COM PADRÕES DE MACAU



Sempre à Vossa Disposição

Os três principais domínios das actividades do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento

Captação de Investimentos

O Serviço “One-Stop” para Investidores oferece aos investidores, durante a implementação dos seus projectos em Macau, toda a assistência e todo o apoio necessários e o pessoal responsável pelo acompanhamento de todo o processo, desde as consultas básicas até ao apoio nos procedimentos administrativos relativos à implementação dos projectos de investimento.



Serviços “One-Stop”
para investidores

Desenvolvimento de Convenções e Exposições

Promoção do desenvolvimento da indústria de convenções e exposições, incentivo ao intercâmbio e à cooperação do sector profissional de convenções e exposições de Macau com a comunidade doméstica e estrangeira, divulgação das vantagens de Macau a nível de convenções e exposições, apoio aos organizadores profissionais na realização de actividades de convenções e exposições em Macau e prestação de assistência às empresas de Macau na exploração de oportunidades de negócio através da plataforma de convenções e exposições.



Serviço “One-Stop” para
Licitação de Convenções e
Exposições e Respectivo Apoio

Comércio entre a China e os Países de Língua Portuguesa

Com o objectivo de intensificar as trocas e as cooperações entre a China e os Países de Língua Portuguesa no âmbito de economia e comércio, o serviço “Conduta do Comércio China-PLP” oferece uma série de serviços de apoio que criam pontes de ligação e que garantem o acompanhamento de todo o processo por pessoal responsável, ajudando as empresas e as associações comerciais a alargar mercados e negócios.



Serviço de
Conduta do Comércio China-PLP



招商投資促進局

Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento
Commerce and Investment Promotion Institute

Rua Sul de Entre Lagos, Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial
entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Edifício de escritório, 1.º - 3.º andares, Macau

Email: ipim@ipim.gov.mo | Tel: (853) 2871 0300 | Fax: (853) 2859 0309

www.ipim.gov.mo

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.ºs 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORES EXECUTIVOS

Ana Costa Macedo, Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



25 ANOS DE RAEM ◀8

Um retorno à Pátria com sentido de missão cumprida. Numa reportagem especial, a Revista Macau revê os êxitos alcançados durante os primeiros 25 anos da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), alicerçados num contexto de rápido desenvolvimento económico, social e cultural



HO IAT SENG COM SENTIMENTO DE DEVER CUMPRIDO

◀66

Na última deslocação à Assembleia Legislativa enquanto Chefe do Executivo, Ho Iat Seng disse que o Quinto Governo da RAEM cumpriu as suas metas



RESIDÊNCIA DO GOVERNO PARA IDOSOS APOSTA NA INCLUSÃO

◀72

O projecto já entrou em funcionamento e visa melhorar as condições de vida da população idosa de Macau



ENTREVISTA

INTERESSE PELA LÍNGUA PORTUGUESA EM ALTA ◀94

O ensino do português continua a crescer em Macau, com a região a assumir cada vez mais um papel crucial como pólo difusor do idioma na Ásia, diz João Veloso, director do Departamento de Português da Universidade de Macau

OUTROS TEMAS

84 ▶ COMIDAS WONG CHI KEI: 78 ANOS, TRÊS GERAÇÕES, TRADIÇÕES QUE PERDURAM

88 ▶ NOVA ESCOLA EM HENGQIN SEGUINDO MODELO EDUCATIVO DE MACAU JÁ ABRIU PORTAS

100 ▶ FÓRUM DE MACAU TIMOR-LESTE COM AMBIÇÃO DE AGARRAR OPORTUNIDADES

104 ▶ CENTRO CULTURAL MOÇAMBIQUE-CHINA CELEBRA UM ANO DE SUCESSOS

116 ▶ CORRIDAS DE ESTRADA (E TRILHOS) CONQUISTAM CADA VEZ MAIS ADEPTOS



Acelerar sonhos (e realidades) ◀78

Incubadoras de empresas ajudam à diversificação económica



A pauta de Zhang Lie ◀110

Novo maestro da Orquestra Chinesa aposta no encontro de culturas



+MACAU

+122

Amélia António pela aventura no lugar que se fez casa



+127

Lord Stow's, como um pastel de nata pode mudar vidas



+130

Roteiro





Sam Hou Fai recebe decreto da sua nomeação como próximo Chefe do Executivo

Sam Hou Fai recebe nomeação como Chefe do Executivo

Sam Hou Fai recebeu, a 1 de Novembro, o Decreto do Conselho de Estado n.º 794 da sua nomeação como Sexto Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). A entrega foi feita em Beijing pelo Primeiro-ministro, Li Qiang, num evento presenciado pelo Presidente Xi Jinping e que incluiu uma reunião de trabalho.

A eleição para o cargo de Chefe do Executivo da RAEM realizou-se no dia 13 de Outubro. A única candidatura foi apresentada por Sam Hou Fai, até então presidente do Tribunal de Última Instância da RAEM. O candidato foi eleito com 394 votos válidos,

representando 98,99 por cento dos membros da Comissão Eleitoral presentes no acto eleitoral.

O próximo Chefe do Executivo, que deve tomar posse a 20 de Dezembro, sucede a Ho Iat Seng no cargo. Sam Hou Fai já garantiu que, como líder do Governo da RAEM, terá como objectivo máximo satisfazer as expectativas dos cidadãos por uma vida melhor, apresentando como orientação fundamental implementar o princípio “um país, dois sistemas” de forma plena, correcta e firme, seguindo a direcção suprema de defender a soberania, a segurança e os interesses do desenvolvimento do País.

Macau e Díli assinam acordo de geminação

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, e o ministro da Administração Estatal de Timor-Leste, Tomás do Rosário Cabral, assinaram em Setembro um memorando de entendimento para a geminação de Macau e da capital timorense, Díli.

Durante a ocasião, Ho Iat Seng disse esperar que Timor-Leste e a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) possam agarrar, em conjunto, as oportunidades de desenvolvimento trazidas pela iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, aprofundando uma cooperação com benefícios mútuos.

A cerimónia de assinatura decorreu na Sede do Governo da RAEM. O acordo de geminação surgiu no seguimento da primeira visita de Estado à China de José Ramos-Horta enquanto actual Presidente da República de Timor-Leste, a qual decorreu em Julho deste ano.



Governo distingue 25 indivíduos e entidades

O Governo decidiu agraciar com medalhas e títulos honoríficos um total de 25 individualidades e entidades locais, que se notabilizaram por feitos pessoais, contributos para a sociedade ou serviços prestados a Macau.



© DIREITOS RESERVADOS

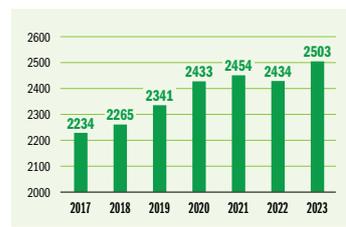
A lista inclui cinco galardoados com a medalha Lótus de Ouro, entre eles a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Macau e o Centro Hospitalar Conde de São Januário dos Serviços de Saúde. Três membros do Conselho Executivo foram igualmente agraciados com a Lótus de Ouro: o advogado Leonel Alves, o presidente do conselho de administração da empresa de capitais públicos Macau Renovação Urbana, S.A., Peter Lam Kam Seng, e o empresário e deputado à Assembleia Legislativa Chan Chak Mo.

Entre os outros galardoados inclui-se Miguel de Senna Fernandes. O também advogado foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural, reconhecendo o seu trabalho em prol da proteção e promoção da cultura macaense.

CONDECORAÇÕES

A paixão de bem comer

Número de restaurantes e estabelecimentos similares



© DSEC

Enquanto cidade reconhecida pela sua gastronomia, Macau é um local onde é possível encontrar muitos (e bons) restaurantes. No ano passado, o número de estabelecimentos de restauração atingiu mesmo um novo máximo.

GRÁFICO



“Macau tem-se empenhado em maximizar as suas vantagens enquanto plataforma singular de ligação entre a China e os países de língua portuguesa”

AO IEONG U

SECRETÁRIA PARA OS ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

993.117

Número total de visitantes que Macau recebeu entre 1 e 7 de Outubro, durante a “Semana Dourada” alusiva ao Dia Nacional da República Popular da China



NÚMERO

FRASE

Orgulho nacional

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) associou-se às celebrações do 75.º aniversário da implantação da República Popular da China, a 1 de Outubro, através de uma série de iniciativas. Um dos destaques foi a cerimónia do içar das bandeiras, na Praça Flor de Lótus, que contou com a presença do Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, bem como de responsáveis das instituições do Governo Popular Central na RAEM. ▲ FOTO © gcs





Correspondência para Seac Pai Van

Foi inaugurada no dia 1 de Novembro a Linha Seac Pai Van do Metro Ligeiro. Esta ligação, composta por duas estações, tornou-se assim na segunda do sistema, fazendo correspondência com a já existente Linha da Taipa. A cerimónia de entrada em funcionamento contou com a presença do Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, que aproveitou para experimentar o novo serviço. ▲ FOTO © SOCIEDADE DO METRO LIGEIRO DE MACAU, S.A.



Ponte do povo

Já entrou em funcionamento a Ponte Macau, a quarta travessia rodoviária sobre o Delta do Rio das Pérolas a ligar a península de Macau à Taipa. Dias antes da abertura ao trânsito, que teve lugar a 1 de Outubro, decorreu uma marcha comemorativa de seis quilómetros para “estrear” o tabuleiro da ponte: o evento atraiu a participação de cerca de 21.000 pessoas. ▲ FOTO © GCS





25

ANOS DE RAEM

RUMMO

AO

São 25 anos de sucessos: após o retorno à Pátria, Macau tem vindo a vivenciar um desenvolvimento fulgurante nas mais diversas áreas, da economia à educação. O futuro apresenta-se igualmente risonho, com o foco na integração regional e diversificação económica

FUTURO



NA SENDA DO DESENVOLVIMENTO

A 20 de Dezembro de 1999, Macau abriu um novo capítulo na sua história, com o retorno à Pátria e o estabelecimento da cidade como Região Administrativa Especial da República Popular da China. Desde então, ao longo do último quarto de século, a RAEM experienciou um crescimento socioeconómico exponencial, que transformou Macau por completo. Da educação à saúde, passando pelo emprego e infra-estruturas públicas, são vários os progressos registados

Texto **Marta Melo**

SÃO 25 anos de transformação. Após o estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), em Dezembro de 1999, a cidade não tem parado de crescer: está hoje maior em termos físicos, tem mais pessoas e apresenta uma pujança económica muito superior à verificada há um quarto de século. Mais importante, a qualidade de vida da população registou melhorias significativas, espelhadas nos mais diversos indicadores.

Nas palavras do actual Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, o nível de desenvolvimento de que goza a RAEM é consequência da “firme liderança e do forte apoio do Governo Central”, impulsionando uma “prática bem-sucedida” dos princípios orientadores “um país, dois sistemas” com características de Macau e “Macau governada pelas suas gentes” com alto grau de autonomia. Segundo

o governante, tal progresso está assente na premissa fundamental de “Macau governada por patriotas”. Além disso, todos os avanços que foram registados na RAEM são fruto “indissociável da união de esforços e do empenho de todos os sectores da sociedade”, referiu Ho Iat Seng numa ocasião pública recente.

O apoio do Governo Central para a estabilidade e desenvolvimento de Macau tem tomado diversas formas ao longo dos últimos 25 anos, em função das circunstâncias e das necessidades. Como sintetizou em 2019 o então Chefe do Executivo, Chui Sai On, “a Pátria é o respaldo de Macau”.

Por exemplo, em 2003, logo após o surto da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, na sigla em inglês), foi lançada pelas autoridades centrais a política de “visto individual”, permitindo a residentes de várias cidades do Interior da China deslocarem-se a Macau (e Hong Kong) de forma independente, em vez de integrados em excursões. Tal possibilitou à RAEM recuperar de forma célere do impacto económico negativo da SARS,



O apoio do Governo Central tem sido fundamental para o desenvolvimento da RAEM ao longo dos últimos 25 anos





ao mesmo tempo que lançou as bases para um novo modelo de desenvolvimento turístico a nível local.

Outro exemplo da importância do apoio do Governo Central para o progresso de Macau prende-se com a promoção da integração regional. Foi em 2009 que o Conselho de Estado da República Popular da China aprovou o “Plano de Desenvolvimento Geral de Hengqin”, nos termos do qual a ilha – no município de Zhuhai, na província de Guangdong – foi posicionada como uma área de demonstração de um novo modelo de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau.

Essa integração da RAEM e Hengqin foi acelerada a partir de 2019, quando foram publicadas as “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau” pelo Comité Central do Partido Comunista da China e pelo Conselho de Estado. A esse propósito, o então Chefe do Executivo, Chui Sai On, disse, na altura, tratar-se de uma iniciativa que inaugurava “uma nova era e um novo caminho para o desenvolvimento” da RAEM, abrindo igualmente uma “via para atingir um patamar mais elevado na prática do princípio ‘um país, dois sistemas’”.



A melhoria da qualidade de vida da população ao longo dos últimos 25 anos é atestada por diversos indicadores socioeconómicos

Antes e agora: a RAEM em 25 indicadores

Mais população, melhor saúde, uma economia marcadamente maior e menos desemprego: no último quarto de século, sob a égide da RAEM, foram muitas as alterações experienciadas por Macau, fruto do rápido desenvolvimento da cidade.

Área territorial

23,8 km²

33,3 km²

Seguiu-se, em Setembro de 2021, a promulgação pelo Governo Central do “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin” – a zona reflecte uma iniciativa sem precedentes, rumo a uma maior integração regional, ocupando a área total de Hengqin. Em Março deste ano, a Zona de Cooperação Aprofundada foi posicionada como zona aduaneira autónoma, visando permitir uma circulação facilitada de pessoas, mercadorias, capitais e informação entre Macau e Hengqin.

Um longo caminho

Quando, em 2000, o então Chefe do Executivo, Ho Hau Wah, apresentou as Linhas de Acção Governativa (LAG) para o primeiro ano de vida da RAEM, o governante reconhecia que o grande objectivo era “a recuperação e reconstrução económica” da região. A meta era clara: deixar para trás anos de incerteza, instabilidade e desemprego. O momento, afirmava Ho Hau Wah, era de “acumular novas energias, recuperar forças e redefinir o ponto de partida para retomar a via do desenvolvimento”.

O caminho fez-se caminhando. A liberalização da indústria do jogo, em 2002, teve um papel importante para dinamizar a economia, suportando o desenvolvimento do sector turístico e oferecendo um novo leque alargado de oportunidades de emprego aos residentes de Macau. Nos últimos 25 anos, de acordo com dados oficiais, a taxa de desemprego caiu de 6,3 por cento em 1999 para 1,7 por cento no terceiro trimestre deste ano. Em termos globais, Macau goza actualmente daquilo a que os economistas chamam de “pleno emprego”, isto é, uma situação em que a taxa de desemprego é muito baixa, implicando que praticamente todos os que

desejam trabalhar estão empregados ou têm acesso a oportunidades de emprego.

Ao mesmo tempo que o desemprego caiu, subiram significativamente os rendimentos da população. A mediana do rendimento mensal do emprego mais do que triplicou desde o estabelecimento da RAEM, passando de 4819 patacas no final de 1999 para 18.000 patacas entre Julho e Setembro deste ano.

A melhoria da situação económica de Macau teve reflexos na qualidade de vida da população e permitiu também ampliar os apoios sociais ao longo das últimas duas décadas e meia. Em 2001, Ho Hau Wah garantia já que as autoridades da RAEM iriam, no futuro, dar “especial ênfase” à assistência e aos serviços sociais, compromisso que os seus sucessores no cargo – primeiro, Chui Sai On, e, depois, o actual líder do Governo, Ho Iat Seng – fizeram questão de manter e aprofundar.

Essa aposta contínua em políticas sociais abrangentes traduziu-se em efeitos a diversos níveis. No Relatório das LAG para 2019, o Governo dava conta de que, nos cinco anos anteriores, tinha havido uma “descida constante” no número de agregados familiares carenciados solicitando apoio financeiro junto das autoridades. O documento apontava que, anualmente, em média, “cerca de 500 famílias conseguiram sair da pobreza” entre 2014 e 2018, sinalizando uma capacidade dos seus membros de “voltar ao mercado de trabalho e tornar-se auto-suficientes”.

A tendência geral de desenvolvimento socioeconómico da RAEM ao longo dos últimos 25 anos foi desafiada, de forma mais grave, pela COVID-19. A pandemia, que obrigou à implementação de diversas medidas restritivas entre 2020 e 2022, colocou à prova a capacidade

População

429,6 mil

683,7 mil

686,6 mil (Jul-Set 2024)

Densidade populacional

18,0 habitantes/km²

20,4 habitantes/km²

—

Esperança média de vida à nascença

77,9 anos

83,1 anos

—

PIB a preços correntes

52,3 mil milhões de patacas

379,5 mil milhões de patacas

301,0 mil milhões de patacas (Jan-Set 2024)



de resiliência da comunidade e das autoridades locais: com o apoio do Governo Central e através de diversos programas de assistência financeira à população e às empresas, o Governo da RAEM conseguiu minimizar os efeitos negativos da situação na sociedade.

Nas LAG para 2024, o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, recordou que a RAEM registou uma “rápida recuperação económica” depois do período da pandemia da COVID-19. No entanto, o governante assinalava na altura ser “imperioso” estar ciente de que ainda “existe disparidade entre sectores, empresas e residentes, por alguns não terem ainda conseguido ultrapassar totalmente as dificuldades e perturbações decorrentes do impacto dos três anos da pandemia”.

Mais habitação, melhor educação

A habitação tem sido uma das áreas a merecer grande atenção governamental desde o estabelecimento da RAEM. No Relatório das LAG para 2024, lê-se que há mais de 13.000 fracções públicas em construção, “para garantir futuramente um tecto aos residentes sem capacidade de compra no mercado privado”. Por exemplo, para a Zona A dos Novos Aterros Urbanos, está previsto um total de 28.000 fracções de habitação pública e 4000 fracções localizadas em edifícios privados.

Face à tendência de envelhecimento que a sociedade enfrenta, foi concluída a construção da “Residência do Governo para Idosos”, na zona da Areia Preta, no âmbito de um projecto-piloto, prevendo-se que o complexo esteja disponível para receber os primeiros ocupantes ainda este ano. Foi igualmente já criada legislação para as chamadas “habitações intermédias”, a pensar sobretudo nas necessidades dos jovens de classe média.

Merece ainda menção o “Novo Bairro de Macau” em Hengqin, com funções integradas de habitação, saúde e educação, cuja componente residencial ficou concluída no ano passado. O projecto foi desenvolvido pela Macau Renovação Urbana, S.A., empresa da RAEM de capitais integralmente públicos. Disponibilizando cerca de 4000 apartamentos a preços acessíveis, trata-se de uma iniciativa pioneira, visando que os residentes de Macau que optem por viver na ilha vizinha continuem a ter acesso a serviços sociais e outros benefícios que tenham como referência aqueles disponíveis na RAEM.

Outra das áreas que maior desenvolvimento experienciou ao longo dos últimos 25 anos foi a educação: por exemplo, no ano lectivo de 2007/2008, Macau tornou-se na primeira região da Grande China a oferecer 15 anos de escolaridade gratuita, entre o ensino infantil e o final do ensino secundário. Dados dos Censos de 2021 mostravam que, na altura, 30,2 por cento da população tinha já habilitações académicas ao nível do ensino superior, um salto de 12,1 pontos percentuais em apenas uma década.

Além dos apoios financeiros às escolas e aos alunos de Macau, o Governo tem promovido a cooperação ao nível educativo no seio da Grande Baía. Em 2012, lançou um programa de subsídio de propinas para jovens da RAEM a frequentar estabelecimentos de ensino na província de Guangdong, o qual foi gradualmente alargado, incluindo actualmente também a aquisição de material escolar. De acordo com as autoridades, a medida visa promover a igualdade no acesso à educação e boas condições de aprendizagem para todos aqueles que são portadores de Bilhete de Identidade de Residente de Macau.

Despesas públicas

15,0 mil milhões de patacas (2000)

90,6 mil milhões de patacas

67,3 mil milhões de patacas

(Jan-Set 2024)

Taxa de inflação

-3,2%

0,9%

0,7% (Jul-Set 2024)

População activa

209,4 mil

375,2 mil

386,0 mil (Jul-Set 2024)

Trabalhadores não-residentes

32,2 mil

176,7 mil

182,4 mil (Jul-Set 2024)



O turismo tem sido o principal motor da economia da RAEM, mas estão em curso planos para promover uma maior diversificação económica

No ensino superior, a RAEM conta actualmente com dez instituições, disponibilizando cerca de 360 cursos. Em comparação com 1999, o número de alunos a frequentar o ensino superior em Macau mais do que sextuplicou, fixando-se actualmente em mais de 55.000.

Saúde de todos para todos

Em 25 anos, Macau não só mais do que duplicou o número de camas de internamento hospitalar, mas também o número de profissionais de saúde. Segundo

dados oficiais, em 2000, havia 859 médicos de medicina ocidental e 943 enfermeiros na cidade. No ano passado, eram já 1980 médicos e 2980 enfermeiros. Em 2023, o Governo investiu na área de saúde cerca de 9,08 mil milhões de patacas, um aumento exponencial face às 1,18 mil milhões patacas aplicadas no sector em 2000.

A expansão dos recursos financeiros disponíveis permitiu a Macau ter novas valências e infra-estruturas na área da saúde e tratamento médico. Um dos investimentos mais recentes é o Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas, que inclui o Centro Médico de Macau

Desemprego

6,3%
2,7%
1,7% (Jul-Set 2024)

Mediana do rendimento mensal do emprego

4920 patacas
17.500 patacas
18.000 patacas
(Jul-Set 2024)

Valor total do comércio de exportações

20,4 mil milhões de patacas (2000)
13,3 mil milhões de patacas
10,0 mil milhões de patacas
(Jan-Set 2024)

Valor total do comércio de importações

18,1 mil milhões de patacas (2000)
141,4 mil milhões de patacas
95,2 mil milhões de patacas
(Jan-Set 2024)

1999 | 2023 | 2024

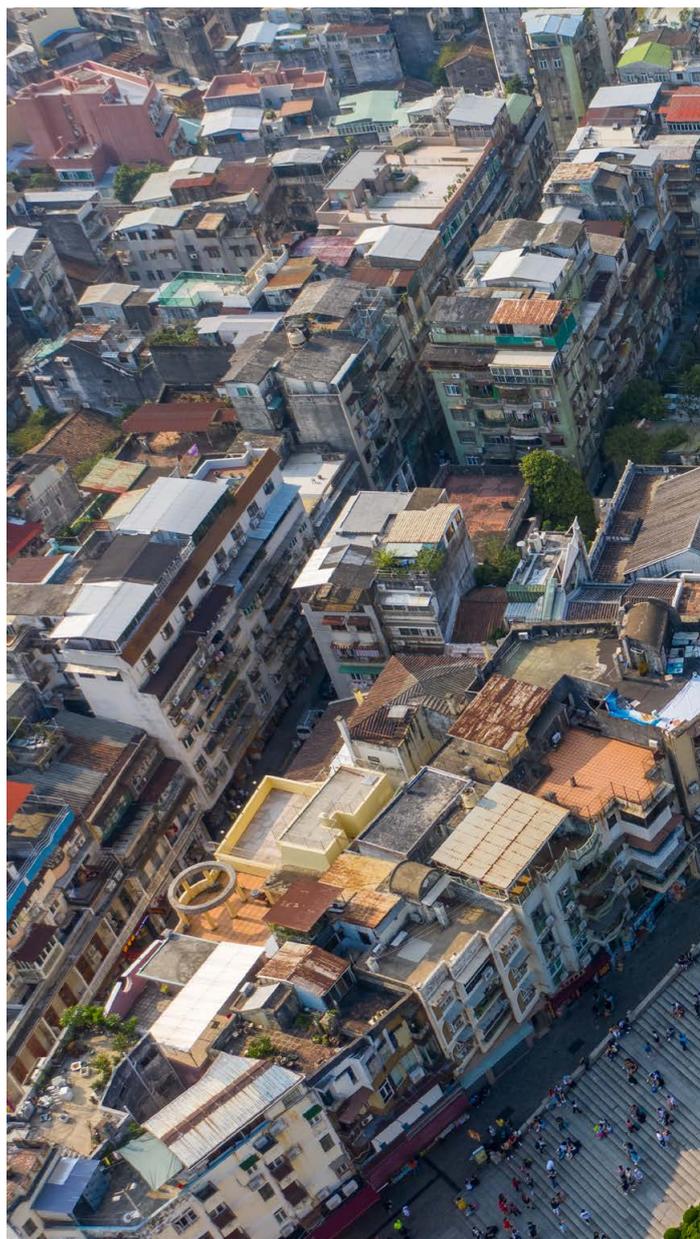
do Peking Union Medical College Hospital, em funcionamento desde finais de 2023, gerido pelo conceituado Peking Union Medical College Hospital, instituição com mais de 100 anos de experiência no sector. Segundo o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, esta nova unidade hospitalar marca “um novo capítulo” nos serviços de saúde de Macau, correspondendo à prioridade das autoridades de “fornecer cuidados de saúde de alta qualidade e mais opções de serviços médicos aos residentes”. Com capacidade para 800 camas, o Centro Médico de Macau do Peking Union Medical College Hospital introduz na RAEM diversos serviços integrados e equipamentos médicos avançados – por exemplo, na área da radioterapia para pacientes oncológicos.

Em termos de desenvolvimento de novas valências, outros passos foram dados ao longo dos anos, como a criação do Centro de Avaliação Conjunta Pediátrica e do Centro de Avaliação e Tratamento da Demência. O Centro Clínico de Saúde Pública do Alto de Coloane, o Hospital de Reabilitação de Ká-Hó e o Edifício de Especialidade de Saúde Pública dos Serviços de Saúde também merecem destaque no âmbito da evolução da saúde ao longo dos últimos 25 anos, assim como o reforço da rede pública de centros de saúde e a aposta na formação do pessoal médico e de enfermagem.

A importância do turismo

Da saúde para o turismo, estas duas áreas tiveram os destinos entrelaçados por duas vezes durante o último quarto de século: primeiro, durante a crise da SARS e, mais recentemente, devido à COVID-19.

Em 2000, o sector do turismo dava sinais de um



Depósitos de residentes
84,3 mil milhões
de patacas
705,2 mil milhões
de patacas
755,6 mil milhões de
patacas (Jul-Set 2024)

Entrada de visitantes
6,6 milhões
28,2 milhões
29,1 milhões
(Jan-Out 2024)

**Estabelecimentos
hoteleiros**
74
142
144 (Set 2024)

Quartos de hotel
9431
46.664
44.163 (Set 2024)



© DEJING WANG

O Centro Histórico de Macau foi inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO em 2005

Receitas brutas dos casinos
13,0 mil milhões de patacas
183,1 mil milhões de patacas
190,1 mil milhões de patacas (Jan-Out 2024)

Alunos matriculados no ensino superior
8,9 mil (ano lectivo 1998/1999)
55,6 mil (ano lectivo 2023/2024)

Médicos
845
1980

Enfermeiros
897
2980



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

crescimento progressivo, mas tudo mudaria com os efeitos negativos da SARS dois anos depois. O travão ao desenvolvimento do sector só seria levantado com o apoio do Governo Central. “Após o termo do surto da epidemia, a indústria do turismo alcançou melhores resultados e, com a política do ‘visto individual’ aplicada pelo Interior da China, o mercado turístico registou uma grande expansão”, reconhecia Ho Hau Wah na Assembleia Legislativa em 2003.

A abertura de novos empreendimentos hoteleiros integrados, em particular na zona do Cotai a partir de 2007, trouxe novos motivos para visitar Macau e a aposta do Governo começou a ser, cada vez mais, em elementos não jogo. O primeiro grande passo foi dado em 2005, quando o Centro Histórico de Macau foi inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO. Em 2017, a RAEM ganhava novo selo daquela organização internacional, desta vez com a integração na Rede de

Camas de internamento hospitalar

888
1882

Automóveis ligeiros em circulação

50,5 mil
116,3 mil
118,3 mil (Set 2024)

Extensão das rodovias

321,2 km
471,2 km

Assinantes de Internet registados

17,0 mil
721,4 mil
770,7 mil (Set 2024)



As realizações de desenvolvimento da RAEM são inseparáveis da forte liderança e do forte apoio do Governo Central. O Presidente Xi Jinping prestou sempre atenção ao desenvolvimento de Macau”

HO IAT SENG
CHEFE DO EXECUTIVO DA RAEM

Cidades Criativas da UNESCO na área da Gastronomia. Porque era preciso pensar o sector a longo prazo, em 2017 foi publicado o “Plano Geral do Desenvolvimento da Indústria do Turismo de Macau”, visando dar corpo à ambição da região de se posicionar como um centro mundial de turismo e lazer.

Porém, o inesperado bateu à porta com a pandemia da COVID-19, entre 2020 e 2022, a qual afectou fortemente o sector do turismo. Depois de em 2019 ter recebido um recorde de 39,4 milhões de visitantes, Macau não ultrapassou os 5,9 milhões no ano seguinte, devido às restrições pandémicas. Para este ano, a meta é que a RAEM receba cerca de 33 milhões de visitantes, algo que os resultados preliminares sustentam, representando uma forte recuperação no período pós-pandemia.

No campo particular do turismo de negócios, segundo dados oficiais, a região fechou o ano de 2019, antes da pandemia da COVID-19, com um total de 1536 reuniões, conferências, exposições e eventos de incentivo, nos quais estiveram cerca de dois milhões de participantes e visitantes. O objectivo das autoridades de Macau é regressar a esses números já este ano – os

dados apurados até ao momento apontam para que tal seja cumprido.

De olhos postos no futuro

O ano de 2024 não serve apenas para comemorar o 25.º aniversário do estabelecimento da RAEM. Também se assinalou em Outubro o 75.º aniversário da implantação da República Popular da China; antes, em Fevereiro, foi a vez de se marcar o 5.º aniversário da divulgação das “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”. Além disso, este tem sido um período fulcral na definição do que serão os anos vindouros para a RAEM.

Por um lado, 2024 é, como lhe chamou o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, “o ano da grande prova para aferição da eficácia da primeira fase” do “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”. Nesse âmbito, pretende-se que a estrutura do desenvolvimento da integração Hengqin-Macau esteja “preliminarmente estabelecida” até ao final deste ano.

Por outro lado, e de forma conexas, trata-se do primeiro ano de implementação do “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia da RAEM”, sendo tal diversificação uma das grandes ambições para o futuro. Esse caminho assenta na estratégia governamental “1+4”: para tal, foram definidas quatro indústrias consideradas de desenvolvimento prioritário – indústria financeira moderna, tecnologia de ponta, “big health”, e convenções, exposições, comércio, desporto e cultura –, as quais devem ser estimuladas através do apoio do sector basilar do turismo e lazer. Com 81 projectos prioritários, o objectivo é que, até 2028, as actividades não-jogo representem cerca de 60 por cento do produto interno bruto (PIB) da RAEM.

As metas de promoção da integração regional e de diversificação económica de Macau encontram-se em Hengqin: a ilha desempenha um papel essencial na concretização de ambos os projectos. Espera-se que muito do que seja a RAEM daqui a outros 25 anos seja espelho da evolução entretanto verificada na Zona de Cooperação Aprofundada. ▽



PROGRESSO EM PROL

Dirigentes de algumas das principais associações cívicas locais fazem uma retrospectiva positiva dos últimos 25 anos de Macau, sublinhando os avanços registados a vários níveis e enfatizando o papel do Governo Central no progresso da RAEM

Texto **Stephanie Lai** | **E. Graça**

O DESENVOLVIMENTO de Macau ao longo dos últimos 25 anos traduziu-se em diversas melhorias para a população. Essa é a opinião de representantes de diversas associações locais, que avaliam como bastante positiva a evolução da cidade após o estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

A presidente da direcção da União Geral das Associações dos Moradores de Macau, organização também conhecida por “Kai Fong”, sublinha que, “nos últimos 25 anos, Macau registou enormes mudanças sociais”. Ng Siu Lai acrescenta que, durante o último quarto de século, foram verificados “grandes progressos” ao nível dos serviços sociais disponibilizados à população, com o

respectivo âmbito a ser “cada vez mais alargado”.

Ng Siu Lai, que é igualmente representante da RAEM junto da Assembleia Popular Nacional (APN), aponta que, desde o retorno à Pátria, a região “registou melhorias significativas” em áreas como o bem-estar da população, a segurança social, a economia e a segurança nacional. A dirigente associativa acrescenta que Macau “estabeleceu uma ligação mais estreita” com o País após 1999, o que beneficiou de forma significativa a RAEM.

Para Ng Siu Lai, o desenvolvimento de Macau ao longo dos últimos 25 anos não pode ser dissociado do papel “activo, positivo e sustentável” do Governo Central no apoio ao progresso da RAEM. A responsável dos “Kai Fong” refere o projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, no âmbito do qual a RAEM tem vindo a beneficiar de “várias políticas especiais”

implementadas por parte do Governo Central. Outros exemplos prendem-se com o posicionamento de Macau enquanto plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa ou os esforços de promoção da diversificação económica e industrial, diz a responsável.

Apoio essencial

A presidente da Federação das Associações dos Operários de Macau (FAOM), Ho Sut Heng, salienta igualmente o papel do Governo Central no que toca aos avanços verificados desde o estabelecimento da RAEM. “Em diferentes fases do desenvolvimento de Macau, o Governo Central introduziu diversas medidas favoráveis à região, a fim de apoiar o seu progresso económico e a melhoria do bem-estar da população”, diz a dirigente associativa, também representante da RAEM na APN.

“Graças ao forte apoio do Governo Central, Macau conseguiu alcançar um grande desenvolvimento e passar de uma pequena localidade para uma cidade de renome internacional”, afirma Ho Sut Heng. “O Governo da RAEM e todos os sectores da sociedade uniram forças

DA COMUNIDADE



A melhoria da qualidade de vida da população é um dos aspectos marcantes dos últimos 25 anos

para potenciar as vantagens institucionais do princípio ‘um país, dois sistemas’ e aproveitar plenamente as políticas favoráveis” promovidas pelo Governo Central, acrescenta a responsável.

No último quarto de século, a economia local “alcançou um grande desenvolvimento, o nível do rendimento da população cresceu constantemente, o regime de

direito laboral foi aperfeiçoado, o sistema da segurança social continuou a melhorar, a qualidade de vida dos residentes aumentou significativamente e a situação social global manteve-se harmoniosa e estável”, sintetiza a líder da FAOM.

Ho Sut Heng enfatiza a área social, com a RAEM a passar a oferecer 15 anos de escolaridade gratuita, tendo igualmente sido

assegurada uma cobertura total da população no que toca ao acesso aos cuidados de saúde. Além disso, foram introduzidos vários benefícios no campo da segurança social, como a pensão para idosos.

Já no campo da protecção laboral, a legislação “foi gradualmente melhorada” ao longo da “era RAEM”, avalia a representante da FAOM. Houve “o aumento



da licença de maternidade remunerada para 70 dias, a introdução de uma licença de paternidade remunerada, o estabelecimento de um sistema de garantia de créditos laborais e o estabelecimento de um sistema de salário mínimo, entre outras medidas”, elenca Ho Sut Heng.

Reforçar a singularidade de Macau

Na opinião de Miguel de Senna Fernandes, presidente da Associação dos Macaenses, “de uma maneira geral, foi um desenvolvimento estável” aquele que a RAEM registou ao longo dos últimos 25 anos. O também advogado nota a importância da liberalização da indústria do jogo para o progresso económico

da região e para o aumento das receitas fiscais de Macau: a situação “robusta” dos cofres públicos foi, de resto, “importantíssima” para a RAEM conseguir fazer frente ao período difícil da COVID-19, entre 2020 e 2022, salienta.

O dirigente associativo destaca que “o apoio do Governo Central à RAEM tem sido constante, em todas as facetas de desenvolvimento” da cidade. Relativamente ao que toca às comunidades macaense e portuguesa em Macau, “o Governo Central tem tido sempre uma posição favorável, não só à sua presença, mas também à cultura subjacente” a essas comunidades, nota.

Olhando para o futuro, Miguel de Senna Fernandes recorda que tal coincide com “a aproximação gradual” a 2049, o fim do período de

vigência consagrado para o actual regime de autonomia de Macau. “Espero uma transição muito suave, sem sobressaltos”, rumo a uma maior integração nacional, prevê. “A manutenção da singularidade de Macau não é incompatível com a ideia de integração plena no Interior da China”, afiança o dirigente macaense.

“Grande sucesso”

Para a presidente da Associação Geral das Mulheres de Macau, Lau Kam Ling, os últimos 25 anos marcam “uma experiência de crescimento e progresso, sob o ‘abraço’ do País”. Segundo acrescenta a responsável, durante o último quarto de século, a implementação do princípio “um país, dois sistemas”



“Nos últimos 25 anos, Macau registou enormes mudanças sociais”

NG SIU LAI
PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA UNIÃO GERAL
DAS ASSOCIAÇÕES DOS MORADORES DE MACAU



“Graças ao forte apoio do Governo Central, Macau conseguiu alcançar um grande desenvolvimento”

HO SUT HENG
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES
DOS OPERÁRIOS DE MACAU



“A manutenção da singularidade de Macau não é incompatível com a ideia de integração plena no Interior da China”

MIGUEL DE SENNA FERNANDES
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MACAENSES



“Sob a orientação correcta do princípio ‘um país, dois sistemas’, no futuro, Macau será seguramente uma metrópole internacional com uma economia próspera e diversidade cultural”

LAU KAM LING
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO GERAL
DAS MULHERES DE MACAU

a nível local obteve “grande sucesso, a economia de Macau alcançou um enorme desenvolvimento, a sociedade manteve a estabilidade a longo prazo e a vida da população continuou a melhorar”.

Em particular, Lau Kam Ling dá nota positiva às mudanças verificadas desde 1999 nas áreas que fazem parte do campo de acção da Associação Geral das Mulheres de Macau. “A situação da igualdade de género em Macau é uma das mais elevadas do mundo”, garante a dirigente associativa. “As medidas de defesa dos direitos e interesses das mulheres e das crianças têm vindo a ser cada vez mais aperfeiçoadas e o grau de participação

das mulheres na política está a aumentar.”

A dirigente complementa a sua opinião com dados. O rendimento mensal médio das mulheres aumentou cerca de quatro vezes desde o estabelecimento da RAEM, fixando-se em cerca de 16.000 patacas no ano passado, de acordo com dados compilados pela associação. Além disso, a percentagem da população feminina com grau de ensino superior subiu de aproximadamente 7 por cento em 2001 para cerca de 30 por cento duas décadas depois.

“O desenvolvimento das causas das mulheres em Macau entrou num período de ‘ouro’ e a maioria das mulheres participa no

desenvolvimento e na construção da RAEM com uma atitude de protagonista, contribuindo com a sua força para a edificação de um melhor Macau”, assegura Lau Kam Ling.

Olhando para lá de 2024, a dirigente da Associação Geral das Mulheres de Macau afirma estar “cheia de confiança” no desenvolvimento da RAEM. “Sob a orientação correcta do princípio ‘um país, dois sistemas’, no futuro, Macau será seguramente uma metrópole internacional com uma economia próspera e diversidade cultural”, prevê. “A RAEM alcançará um amanhã ainda mais próspero e melhor, certamente com a presença de inúmeras mulheres em lugares de destaque.” ▲





O RETRATO DE UMA HISTÓRIA QUE SE FEZ ÚNICA

No ano em que se comemoram os 25 anos da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), impera perguntar: o que mudou na rotina da cidade desde o retorno à Pátria? As palavras de quem testemunhou de perto estas mudanças descrevem um período singular na história de Macau, marcado por triunfos, mas também por desafios

Texto **Tiago Azevedo**



LAÇOS DE CONFIANÇA GARANTEM A ESTABILIDADE

NÃO EXISTE uma realidade “imutável”, mas há um “quadro de confiança” que fez com que muita gente de Macau optasse por continuar a viver na RAEM, diz **Anabela Ritchie**, antiga presidente da Assembleia Legislativa (AL) de Macau, e que reassumiu o lugar de deputada do órgão legislativo da RAEM após o retorno de Macau à Pátria.

Muitos portugueses e macaenses ficaram em Macau após o estabelecimento da RAEM “porque sentiram, no fundo, que há um quadro de confiança que lhes permite querer continuar a viver em Macau”, afirma Anabela Ritchie.

E acrescenta: “Eu fiquei porque queria ver como é que seria viver na RAEM e, 25 anos depois, ainda cá estou. Estamos exactamente a meio dos 50 anos estipulados pela Lei Básica e eu continuo em Macau e quero continuar a viver em Macau”.

Anabela Ritchie, que acompanhou de perto o processo de negociação para a transição de administração de Macau, recorda que as partes mencionaram constantemente a necessidade de assegurar uma “forma suave de transição”, algo que se “continua a verificar” após 25 anos.

A estabilidade do RAEM é um benefício, mas o desenvolvimento ao longo das últimas duas décadas e meia foi algo que surpreendeu Anabela Ritchie.

“Se eu me tivesse ido embora de Macau e regressasse agora, acho que não reconhecera a cidade. O surto de desenvolvimento que Macau teve após a transferência de administração torna esta Região Administrativa Especial bastante diferente daquilo que eu sonhava na altura. Foi um desenvolvimento muito rápido do ponto de vista económico, social e cultural”, sublinha Anabela Ritchie, que actualmente desempenha funções como membro do Conselho da Universidade de Macau.

As novas dinâmicas da RAEM trouxeram transformações “inevitáveis” às rotinas da cidade, algo esperado, visto que “o mundo é feito de mudanças”, refere.

“Mal de nós se estivéssemos à espera que as coisas todas permanecessem na mesma. Todo este progresso assenta num



© LEUNG SO PO

“ Todo este progresso assenta num respeito mútuo, enquadrado pela Lei Básica da RAEM”

respeito mútuo, enquadrado pela Lei Básica da RAEM”, que assegura que a singularidade e as vantagens de Macau serão mantidas, afirma a responsável.

“Os princípios e valores estipulados aquando da criação da Lei Básica assentam numa compreensão muito grande do passado e do presente, mas também com uma visão para o futuro”, realça Anabela Ritchie.

Segundo a antiga presidente da AL, é necessário continuar a fazer “grandes esforços” para manter a singularidade da RAEM, especialmente durante um período de maior integração com o Interior da China, nomeadamente no projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

A integração é um processo que já corre a passos largos, mas ao qual se deve prestar a devida atenção, ressalva a responsável, enumerando os obstáculos sentidos pelo sector industrial e pelo comércio local.

“Em qualquer processo de integração há um período que implica novos hábitos, costumes e aprendizagens, que levam o seu tempo. Mas sou uma defensora acérrima de que devemos proteger o mais possível as marcas identitárias de Macau”, salienta Anabela Ritchie.

A antiga dirigente revela que sentiu “uma vontade muito grande” de todas as partes para que, após a transferência de administração, “houvesse laços de boa colaboração” entre a China e Portugal.

“Assisti à feitura da Lei Básica e, nessa altura, falava-se muito em salvaguardar as relações de respeito e de amizade entre a China e Portugal”, diz Anabela Ritchie. “As relações entre a China e Portugal não só foram mantidas, mas foram melhoradas.”

“Acho que isso foi alcançado e até aprofundado, até pelo papel que a China atribui a Macau como plataforma para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa”, acrescenta.

CONTINUAR A ACENTUAR A SINGULARIDADE DE MACAU

A TRANSFERÊNCIA de administração de Macau foi “realizada com reconhecido sucesso, em conformidade com os parâmetros acordados entre Portugal e a República Popular da China”, sublinha **Jorge Rangel**, presidente do Instituto Internacional de Macau (IIM).

“Pelas funções que desempenhava no Governo, pude acompanhar muito de perto todo um conjunto coerente de realizações e também os trabalhos preparatórios da criação da RAEM, cujo funcionamento pleno foi assegurado”, acrescenta Jorge Rangel, que foi membro do Governo de Macau na vigência da administração portuguesa.

Jorge Rangel reconhece que a região registou um “invejável desenvolvimento económico” nos últimos 25 anos, alavancado pelo “rápido e espectacular” crescimento económico da China.

“Ao fazer um balanço objectivo, creio ser justo reconhecer os resultados positivos alcançados ao longo das últimas duas décadas e meia”, sublinha o presidente do IIM.

Segundo Jorge Rangel, a região “cresceu muito, física e financeiramente”, tal como a “exigência da população no que respeita à qualidade de vida”. Embora “grandes transformações” já estivessem em curso na década de 1990, “elas multiplicaram-se” nos primeiros anos da RAEM.

Desde a transferência de administração, foram registados avanços em vários domínios. “A defesa e valorização do património arquitectónico e cultural continuaram a merecer das autoridades a maior atenção. E a classificação do Centro Histórico da cidade, pela UNESCO, como património da humanidade, trouxe renovadas garantias de conservação”, realça o presidente do IIM. Por outro lado, acrescenta, a protecção do património imaterial e das zonas verdes “tem merecido também a louvável atenção dos organismos competentes”.

Jorge Rangel reconhece que a integração de Macau nas estratégias de desenvolvimento da China “tem sido rápida”, representando um “desafio” para a RAEM.

“O delta do Rio das Pérolas, onde Macau se insere, foi durante algumas décadas uma das zonas de maior desenvolvimento



© REVISTA MACAU



Creio ser justo reconhecer os resultados positivos alcançados ao longo das últimas duas décadas e meia”

físico em todo o mundo, dando lugar recentemente ao desenvolvimento do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, uma ‘megalópole’ em acelerada construção”, frisa o responsável.

“Terá cerca de 35.000 quilómetros quadrados e uma população de quase 80 milhões”, acrescenta. “É um desafio impressionante” para uma região com a dimensão de Macau, “com uma singularidade própria que se pretende salvaguardar”.

De acordo com Jorge Rangel, o “desafio está lançado, cabendo a Macau, às suas instituições, às autoridades e às suas gentes enfrentá-lo com realismo e um sentido prospectivo”, preparando a RAEM “para uma inevitável integração num espaço muitíssimo mais amplo e com potencialidades imensas”.

O presidente do IIM realça que é preciso promover as “reflexões necessárias para que a singularidade” de Macau “seja, o mais possível, salvaguardada, apostando-se descomplexadamente na afirmação da sua diferença como factor de utilidade para todo o conjunto”.

Também no contexto internacional Macau tem uma “vocação histórica” como “entreposto comercial e cultural entre o Oriente e o Ocidente”, nomeadamente na ligação com os países de língua portuguesa. “Esta missão deu a Macau uma renovada responsabilidade, que compete às autoridades saber abraçar, estreitando os laços de cooperação com os países e os povos de língua portuguesa, bem como com as suas instituições académicas, culturais, comerciais e outras”, refere Jorge Rangel.

“Macau pode beneficiar amplamente das linhas de cooperação estabelecidas e elas podem contribuir para acentuar a singularidade de Macau”, remata.



O FUTURO NUMA CIDADE MULTICÊNTRICA

SÃO DUAS realidades distintas, mas em que o imaginável se tornou possível. É assim que **José Luís Sales Marques**, economista e antigo presidente do Instituto de Estudos Europeus de Macau, descreve as primeiras duas décadas e meia da RAEM.

“A RAEM registou avanços muito positivos nestes últimos 25 anos. Pertenci à administração pública nos últimos anos da administração portuguesa e também durante os dois primeiros anos da RAEM – durante o primeiro mandato de Ho Hau Wah, então Chefe do Executivo. A Macau que hoje existe é uma evolução muito positiva comparativamente à Macau de 1999”, afirma José Sales Marques, que desempenhou as funções de presidente da Câmara Municipal de Macau Provisória nos primeiros anos da RAEM.

Segundo o economista, as autoridades da RAEM têm “feito coisas extraordinárias”, alcançando “resultados que há 20 anos eram inimagináveis”.

“Com uma economia que tem as suas peculiaridades, Macau tem singrado de forma sustentável, com a economia a crescer rapidamente”, realça José Sales Marques. “Ao longo dos anos, as autoridades têm anunciado e implementado políticas favoráveis ao desenvolvimento de Macau, medidas que deverão manter a cidade no rumo de crescimento.”

Mas também noutras áreas se têm registado “progressos bastante positivos”, salienta, nomeadamente no que toca ao desenvolvimento social, cultural e em termos de educação.

Também a fisionomia de Macau se tem alterado à medida que a cidade se expande, “tanto em termos de área, como de complexidade”, diz José Sales Marques, apontando que os novos aterros e o crescimento populacional desde o retorno de Macau à Pátria “trazem novos desafios” a nível de políticas de planeamento.

“Estas mudanças acarretam desafios aos quais a RAEM tem respondido da melhor forma. Tem-se procurado trabalhar a vertente ambiental e ecológica, com base num desenvolvimento sustentável, o que se apresenta como algo bastante construtivo”, sublinha.



© DIRETOS RESPONSÁVEIS

“ Com uma economia que tem as suas peculiaridades, Macau tem singrado de forma sustentável”

José Sales Marques destaca também um “novo dado” nesta fase de desenvolvimento da RAEM – do ponto de vista económico e social –, que “é a integração na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”.

“Este desenvolvimento era algo que se fazia de forma espontânea nos primeiros anos da RAEM, mais até pelas forças de mercado, mas que actualmente é algo sustentado, feito de forma planeada e programada”, realça.

Todo este desenvolvimento “trouxe novas dinâmicas às rotinas da sociedade e à forma como as pessoas interagem, até pelo desenvolvimento das ilhas” da Taipa e de Coloane, salienta José Sales Marques.

“A cidade hoje em dia tem mais turistas e o ritmo de vida é diferente do que era há 25 anos, até porque os espaços de convívio se foram alterando”, explica. “A cidade hoje é multicêntrica, com vários pontos onde as pessoas se encontram e socializam, ao contrário do que acontecia antes, que se centrava em Macau, especialmente no Largo do Senado, com uma ramificação até à zona da Horta e Costa.”

José Sales Marques afirma que é também “relevante” a aposta que foi feita no papel de Macau enquanto plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa.

“No passado, já havia indicações deste propósito, mas, a partir de 2003, ganhou um novo impulso, com uma aposta concreta nesta política que tem trazido vários benefícios para Macau”, diz o responsável.

“Não só esta política ajuda na diversificação da economia da RAEM, mas veio também dar uma maior importância à língua portuguesa, que tem vindo a crescer em termos de uso e de ensino”, adianta.

MUITAS MUDANÇAS NUMA TRANSIÇÃO PACÍFICA

“O QUE MAIS importa salientar neste processo foi que se tratou de uma transição pacífica de uma administração portuguesa para uma administração chinesa.” É a primeira afirmação de **Rui Martins**, vice-reitor da Universidade de Macau (UM) há cerca de 27 anos, que diz que essa estabilidade “permitiu que Macau se desenvolvesse significativamente ao longo destes 25 anos”, ultrapassando os obstáculos que foram surgindo pelo caminho.

Além da abertura que a RAEM conheceu, um momento importante, destaca o académico, foi a designação, em 2005, do Centro Histórico de Macau como parte da Lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO. “Este passo foi importante para o desenvolvimento de Macau e para a manutenção do seu património histórico”, acrescenta.

Rui Martins ressalva que a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) foi outro passo marcante, “porque permitiu manter aqui o ensino da língua portuguesa, nomeadamente a nível do Departamento de Português e a nível da Faculdade de Direito, tendo aumentado em muito os alunos interessados em estudar português”.

O vice-reitor lembra que a UM recebeu no final de Outubro um fórum de reitores de instituições da China, dos países de língua portuguesa e de Macau, “que se focou precisamente na questão do português em Macau e na China” e que demonstra que o “desenvolvimento nesta área é enorme”.

Rui Martins, que reside em Macau desde 1992, diz que a região registou “mudanças significativas” desde o retorno à Pátria. “Mas devo dizer que a nossa maneira de viver, o dia-a-dia manteve-se inalterado. Actualmente, a cidade tem mais actividades, mais trabalho, maior dinâmica, mas assente na grande estabilidade que existe aqui nesta região.”

Em termos da UM, foram dados passos essenciais para o desenvolvimento da instituição, realça o vice-reitor. “Aquando da transição, estávamos no campus da Taipa e foi construído o novo campus na Ilha de Hengqin, onde nos encontramos há dez anos”, acrescenta Rui Martins.



© OSWALDO VAS

“A cidade tem mais actividades, mais trabalho, maior dinâmica, mas assente na grande estabilidade que existe aqui nesta região”

“Eu já era vice-reitor em 1999. E a universidade tinha à volta de 3000 alunos e eu era o único vice-reitor. Neste momento, a universidade tem cerca de 15.000 alunos – sendo metade de cursos de licenciatura e metade de mestrados e doutoramentos – e cinco vice-reitores”, afirma.

Segundo Rui Martins, a dimensão actual da UM é demonstrativa do “crescimento astronómico da universidade durante este período, inclusive agora com planos para a criação do novo campus também na Ilha de Hengqin, que terá mais ou menos a dimensão de metade do actual campus, com novas faculdades e cursos”.

O académico elogia o trabalho que tem sido feito pelas autoridades no que diz respeito à integração regional, destacando que a UM já deu vários passos nesse sentido.

“Nós já temos um instituto de investigação em Zhuhai há cerca de seis anos, empenhado no desenvolvimento de actividades de investigação e transferência de tecnologia e de colaboração com as empresas chinesas em Zhuhai, Shenzhen e na Grande Baía”, realça o responsável.

O instituto foi constituído como um “centro conjunto de Zhuhai e Macau” para apoiar a integração de Macau no desenvolvimento do país, assim como uma plataforma destinada à transferência de ciência e tecnologia.

“Estamos a preparar as coisas para a nossa influência na Grande Baía ser ainda maior. Mas isto é uma coisa que leva tempo e acredito que na próxima década iremos observar esse desenvolvimento”, sublinha Rui Martins.



25 ANOS DE RAEM

ECONOMIA: DO CRESCIMENTO À DIVERSIFICAÇÃO



© Direcção dos Serviços de Turismo

O percurso de Macau enquanto Região Administrativa Especial da República Popular da China tem sido impressionante, com a cidade a afirmar-se como uma das economias à escala mundial com o maior PIB per capita. Após uma primeira fase de crescimento fulgurante, seguiu-se uma outra – a actual – onde o foco está na qualidade e diversificação do tecido económico

Texto **Stephanie Lai** | **E. Graça**

SEJA qual for o ângulo escolhido, é inquestionável que a economia de Macau está hoje substancialmente mais robusta e madura do que em 1999, ano do retorno à Pátria. O desemprego caiu substancialmente, o produto interno bruto (PIB) registou um enorme aumento e os depósitos bancários subiram em flecha. Após um primeiro período de forte crescimento assente na indústria do entretenimento e lazer, a aposta assenta agora na estratégia governamental de diversificação económica “1+4”, bem como na integração no desenvolvimento nacional através do projecto da Grande Baía

379,3 mil
População empregada
no terceiro trimestre
de 2024, um aumento
de mais de 180 mil
trabalhadores face a 2000

Guangdong-Hong Kong-Macau.

De acordo com Ricardo Siu Chi Sen, docente da Faculdade de Gestão de Empresas da Universidade de Macau, “um importante indicador” para demonstrar os benefícios para a população local do desenvolvimento verificado ao longo dos últimos 25 anos prende-se com as “crescentes oportunidades de emprego” geradas pela economia. Segundo acrescenta o académico, a taxa geral de desemprego da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) desceu de 7,1 por cento em meados de 2000 – o valor mais alto do último quarto de século – para menos de 2 por cento actualmente.

Como consequência do desenvolvimento económico, Macau “está claramente a alcançar o pleno emprego”, nota o especialista, acrescentando que isso também contribuiu para que o rendimento médio da força de trabalho local tenha aumentado substancialmente desde o retorno à Pátria. Por exemplo, a remuneração média dos trabalhadores a tempo completo dos sectores da hotelaria, restauração e similares, do comércio por grosso e a retalho ou do sector financeiro triplicou (ou perto disso) desde 2000.

“Ao longo dos últimos 25 anos, as receitas fiscais dispararam”, refere ainda Ricardo Siu. Isto permitiu ao Governo da RAEM introduzir vários programas de bem-estar social, que “elevaram claramente o bem-estar económico” da população. Um desses casos foi o investimento governamental em habitação pública, que “melhorou efectivamente o ambiente de vida de muitas famílias com baixos rendimentos”, refere o especialista.

O impacto da liberalização do jogo

Ricardo Siu nota que é inevitável apontar como um dos momentos marcantes do desenvolvimento económico da RAEM a liberalização da indústria do jogo, que ocorreu em 2002. O académico sublinha que foi, “indiscutivelmente”, o sucesso deste processo de liberalização levado a cabo pelo Governo da RAEM que ajudou – e muito – Macau a tornar-se num destino turístico atraente e competitivo. De resto, os recursos económicos e financeiros gerados pela indústria do jogo permitiram, posteriormente, que Macau avançasse com a estratégia de se posicionar como



um “centro mundial de turismo e lazer” e, mais recentemente, com políticas de apoio a sectores industriais emergentes.

“Embora o progresso da economia nos primeiros 15 anos tenha sido largamente estimulado pelo desenvolvimento do turismo de entretenimento e lazer, esta estratégia foi de facto eficaz face à realidade de Macau”, considera Ricardo Siu. “A partir da construção bem-sucedida desta base, o desenvolvimento global da economia de Macau foi acelerado e tornou-se gradualmente mais diversificado, a partir de meados da década de 2010”, acrescenta o académico.

383,1 mil milhões

Valor, em patacas, do stock total do investimento directo na RAEM no final de 2023

Frederico Ma Chi Ngai, presidente da direcção da centenária Associação Comercial de Macau, concorda que a política de liberalização da indústria do jogo teve um papel importante no desenvolvimento da cidade na “era RAEM”. “O sector do turismo impulsionou o desenvolvimento de sectores relacionados,

como o comércio a retalho, a restauração e a construção”, diz.

Segundo refere, “desde o retorno de Macau à Pátria, a economia de Macau registou um enorme crescimento, com a abertura moderada do sector do jogo impulsionando um rápido progresso económico, tornando o PIB per capita da RAEM num dos mais elevados do mundo”. Dados do Fundo Monetário Internacional divulgados em Abril colocavam a região entre as dez economias com maior PIB per capita em termos nominais.

Tal como Ricardo Siu, o dirigente da Associação Comercial de Macau sublinha a ligação entre o crescimento da economia da RAEM e a melhoria da qualidade de vida da população. “O desenvolvimento económico conduziu a um aumento das receitas públicas e o Governo da RAEM continuou a investir na melhoria dos serviços públicos, como transportes públicos, higiene ambiental, cuidados de saúde, educação e segurança pública”, afirma. “Isto é a prova do pleno aproveitamento das vantagens institucionais e das oportunidades de desenvolvimento trazidas pelo princípio ‘um país, dois sistemas’, bem como da governação eficaz do Governo Central e do Governo da RAEM.”

Diversificar para expandir

O grande desafio da RAEM, passados 25 anos após o seu estabelecimento, coloca-se em assegurar uma maior diversificação da sua

economia para os anos vindouros. O objectivo é claro: que a indústria do jogo não desempenhe um papel tão preponderante.

Nesse âmbito, a estratégia de desenvolvimento de diversificação adequada da economia “1+4”, apresentada pelo Governo de Ho Iat Seng, é vista como um modelo de futuro para a RAEM. Foi escolhido um conjunto de quatro indústrias consideradas de desenvolvimento prioritário – nomeadamente as áreas da tecnologia de ponta, da “big health”, da indústria financeira moderna e das convenções, exposições, comércio, cultura e desporto –, cujo crescimento deve ser apoiado através do sector basilar da economia local, o turismo e lazer.

“Não iremos poupar esforços para construir uma estrutura industrial de desenvolvimento sustentável em conformidade com a realidade de Macau e para acelerar o desenvolvimento diversificado e de alta qualidade da economia de Macau”, avisava em Novembro do ano passado o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, durante a apresentação das Linhas de Acção Governativa para 2024. Poucos dias antes, o seu Governo tinha apresentado oficialmente o “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia da RAEM (2024-2028)”, visto como o primeiro programa abrangente e sistemático de promoção de novas indústrias, estando articulado com o Décimo Quarto Plano Quinquenal Nacional e as “Linhas Gerais



A área da “big health” ligada à medicina tradicional chinesa é uma das apostas governamentais para diversificar a economia

do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”.

Frederico Ma sublinha que, no âmbito dos esforços de diversificação adequada da economia levados a cabo ao longo da última década, os sucessivos governos da RAEM criaram já uma série de políticas para apoiar o desenvolvimento das pequenas e médias empresas locais e o empreendedorismo jovem. “As infra-estruturas também registaram melhorias constantes, incluindo a rede de transportes”, acrescenta.

Olhando para a estratégia “1+4”, o dirigente da Associação Comercial de Macau não tem dúvidas que esta “é uma política importante de conversão da economia e promoção do

desenvolvimento sustentável, ajudando a aumentar a competitividade global” da RAEM. O responsável concorda que tal aposta poderá “melhorar efectivamente” a estrutura industrial da região e “reduzir o risco de dependência excessiva do sector do jogo”, ajudando a atrair recursos humanos qualificados para o mercado laboral local.

559.495
patacas
PIB per capita de Macau
em 2023, um dos mais
altos do mundo

Na mesma senda, continua Frederico Ma, o projecto da Grande Baía “é uma das importantes estratégias nacionais e o papel de Macau como um dos participantes ajudará a reforçar o forte sentido de reconhecimento e de missão de todos os sectores em relação ao País”. De acordo com o líder associativo, a promoção da integração regional e a iniciativa da Grande Baía “abriram um espaço mais amplo” de crescimento para Macau. Frederico Ma diz que a RAEM “pode aproveitar os dividendos provenientes das políticas aplicadas” na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin para expandir as suas áreas de desenvolvimento económico e social. ▲

PONTO DE ENCONTRO



A RAEM acolheu em Abril a 6.ª Conferência Ministerial do Fórum de Macau

SINO-LUSÓFONO



No pós-retorno à Pátria, o Governo Central concedeu a Macau o importante papel de servir de ponte entre a China e os países de língua portuguesa. Hoje, a região é peça fundamental no âmbito da cooperação sino-lusófona, através do Fórum de Macau

Texto **Emanuel Graça**

NA SEQUÊNCIA do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), uma das funções rapidamente atribuídas à cidade foi a de plataforma sino-lusófona. A criação, em Outubro de 2003, do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) veio formalizar esse papel. Hoje, o organismo – também conhecido por Fórum de Macau – tem o seu secretariado permanente na RAEM, sentando à mesma mesa a República Popular da China e os nove países onde o português é língua oficial.

Na génese do lançamento do papel da RAEM enquanto plataforma esteve a vontade de utilizar as estreitas relações históricas e culturais entre Macau e os vários países de língua portuguesa – além do facto de estes possuírem sistemas administrativos e legais de matriz comum –, para desta forma estabelecer uma ponte entre a China e o mundo lusófono. Pretendeu-se dar uso às vantagens competitivas locais, nomeadamente ao facto de em Macau vigorar um sistema oficial



de bilinguismo em chinês e português, bem como de existirem na RAEM profissionais e empresários com conhecimento aprofundado das realidades do Interior da China e dos países de língua portuguesa.

De acordo com o Ministro do Comércio da República Popular da China, Wang Wentao, “nos últimos 21 anos desde a sua criação, o Fórum de Macau tem-se empenhado na promoção da cooperação multilateral entre os países participantes e alcançou resultados frutíferos” em diversas áreas. Segundo referiu o responsável durante um discurso na 6.ª Conferência

Ministerial do organismo, que teve lugar na RAEM em Abril, o Fórum de Macau tem permitido “o fortalecimento da vocação de Macau enquanto plataforma sino-lusófona”.

A edição de 2024 da Conferência Ministerial foi a primeira que contou com representantes governamentais e empresariais de São Tomé e Príncipe e da Guiné Equatorial, os últimos países a aderir ao Fórum de Macau. Foi também a primeira vez que o evento teve lugar no Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de



O Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa é hoje a base para ações de cooperação sino-lusófona

Língua Portuguesa, que entrou em funcionamento em 2019, junto do edifício da Assembleia Legislativa de Macau, e que passou a ser a “casa” por excelência para acções de cooperação sino-lusófona.

Na opinião do Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, o Fórum de Macau encontrou na região “a sua sede permanente, assim validando plenamente o forte apoio e confiança do Governo Central” na RAEM. Para o governante, o Fórum de Macau marca também o “reconhecimento e afirmação comum” dos países de língua portuguesa sobre o papel da RAEM como

plataforma sino-lusófona de serviços para a cooperação económica e comercial.

Diversidade na cooperação

Após o estabelecimento do Fórum de Macau, e contando com o reiterado apoio do Governo Central, assim como dos países de língua portuguesa e do Governo da RAEM, foram estabelecidos em Macau, ao longo dos últimos anos, diversos organismos ligados à promoção da cooperação sino-lusófona. A RAEM é hoje, por exemplo,



O Pavilhão de Exposição da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa tem patentes mais de 2000 produtos



Uma ponte também feita de educação e cultura

O PAPEL da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) enquanto plataforma entre a China e os países de língua portuguesa está longe de se esgotar nas vertentes económica e comercial. Desde o retorno à Pátria, os laços com o universo lusófono foram estreitados em diversas outras áreas, da educação à economia, também passando pelo desporto e pela formação profissional.

No campo educativo, ocorreu ao longo dos últimos 25 anos um enorme investimento no ensino da língua portuguesa, ao nível superior e não superior, visando a formação de quadros bilingues em chinês e português. De acordo com a Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, o Governo “atribui grande importância e apoia a formação de quadros complexos

bilingues e qualificados”. Segundo acrescentou a responsável no início deste ano, “ao nível do ensino não superior, existem, actualmente, cerca de 3.000 alunos que aprendem, desde tenra idade, em escolas com um ambiente escolar de ensino de língua portuguesa”.

As instituições de ensino superior públicas de Macau têm vindo igualmente a atribuir grande importância ao ensino e investigação no campo da língua portuguesa. O Departamento de Português da Universidade de Macau é, actualmente, o maior do género na Ásia, tendo atribuído o seu primeiro doutoramento em 2006. Por sua vez, a Universidade Politécnica de Macau tem vindo a afirmar-se, nos últimos 25 anos, como um pólo de excelência na

área da tradução chinês-português, tendo vindo a publicar diversos recursos pedagógicos neste campo. Em 2019, lançou a revista científica “Orientes do Português”, em colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal: trata-se da primeira revista académica editada em língua portuguesa na Ásia, cobrindo áreas relacionadas com a linguística portuguesa e o ensino e aprendizagem do português como língua não materna, entre outros temas.

A cultura tem sido outro campo no qual, ao longo dos últimos 25 anos, se têm sucedido as trocas entre Macau e os países de língua portuguesa. Além da Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, este ano na sua 16.ª edição e organizada pelo Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), são vários os festivais anuais sob a égide do Instituto Cultural que contam com a participação de artistas lusófonos: são os casos do Festival de Artes de Macau e do Festival Internacional de Música de Macau, mas também do Desfile Internacional de Macau, entre outros.

Em sentido oposto, a cultura produzida na RAEM também tem vindo a ganhar projecção no espaço lusófono: em Junho deste ano, um grupo da Associação Geral Desportiva de Macau Lo Leong levou a tradicional dança do leão às marchas populares de Lisboa, em Portugal. ◀



O Festival da Lusofonia é já um marco anual no que toca à promoção na RAEM da cultura feita em português

a sede da Federação Empresarial da China e dos Países de Língua Portuguesa e do Centro de Intercâmbio de Inovação e Empreendedorismo para Jovens da China e dos Países de Língua Portuguesa.

O Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, estabelecido em 2013 com um capital inicial de mil milhões de dólares, está igualmente sediado na RAEM desde 2017. Após o seu lançamento, foram realizados investimentos em projectos em diversas economias lusófonas, como o Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, além de Macau. De acordo com dados divulgados em Junho, os 11 projectos já apoiados absorveram cerca de 570 milhões de dólares.

174,2 mil milhões

Valor, em dólares americanos, das trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa nos primeiros nove meses de 2024, um aumento de cerca de 20 vezes em duas décadas

No âmbito do posicionamento de Macau enquanto plataforma de serviços para a cooperação comercial sino-lusófona, foi igualmente estabelecida a meta de constituir na RAEM os denominados “Três Centros”, nomeadamente o “Centro de Serviços Comerciais para as Pequenas e Médias Empresas da China e dos Países de Língua Portuguesa”, o “Centro de Distribuição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa” e o “Centro de Convenções e Exposições para a

Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”.

Já no que toca ao papel de Macau como plataforma, os sucessivos governos da RAEM têm vindo a apoiar e incentivar o tecido empresarial local a aprofundar a cooperação com os países de língua portuguesa, disponibilizando serviços como assessoria, consultoria e tradução, nomeadamente através do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento (IPIM). Tal inclui a organização em Macau de feiras dedicadas a produtos e serviços lusófonos. O IPIM tem também enviado regularmente delegações de empresários da RAEM e do Interior da China para participar em eventos comerciais a ter lugar em países de língua portuguesa, com vista a aproveitar oportunidades de investimento. Em sentido inverso, o organismo tem apoiado visitas de empresários e associações comerciais lusófonos a Macau e ao Interior da China, com um foco, em anos recentes, na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

Foi ainda criado o Pavilhão de Exposição da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, inicialmente denominado de Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa e lançado em 2016. Situado actualmente no Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e com uma área total aproximada de 1800 metros quadrados, tem expostos mais de 2000 artigos.

Olhando para os próximos anos, o objectivo é aprofundar o papel de plataforma de Macau, contribuindo para o alargamento do campo de acção da cooperação sino-lusófona. De acordo com o “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial (2024-2027)”, aprovado na mais recente Conferência Ministerial do Fórum de Macau, as metas passam por explorar novos domínios, como a economia digital, a “economia azul” e o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, entre outras medidas, o Governo Central irá apoiar Macau no posicionamento da RAEM como uma plataforma de serviços financeiros entre a China e os países de língua portuguesa. ◀



HENGQIN: UMA PORTA

São 15 anos a trabalhar em conjunto para delinear novas formas de promover o desenvolvimento comum. O passo mais recente, a Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, cria um modelo de administração inovador e solidifica as bases para a estabilidade económica da RAEM

Texto **Tiago Azevedo**

QUANDO, em 2009, o Conselho de Estado da República Popular da China deu o ponto de partida para o desenvolvimento de Hengqin, um projecto ambicioso e inédito que iria transformar a ilha num novo modelo de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau, era difícil prever que hoje o cenário seria tão diferente. Os resultados alcançados em 15 anos são notáveis, mas com a chegada de 2024 aproxima-se o primeiro grande teste.

Este ano, será feita uma avaliação detalhada da primeira fase de implementação da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, afirmou o Chefe do Executivo da

Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), Ho Iat Seng.

Ao discursar este ano na recepção da Primavera da Província de Guangdong, que teve lugar em Março, em Macau, o dirigente frisou a necessidade de se emvidarem todos os esforços na construção da Zona de Cooperação Aprofundada e da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, introduzindo uma nova dinâmica no desenvolvimento sustentado de Guangdong e de Macau, de forma a servir melhor o desenvolvimento nacional.

Segundo Ho Iat Seng, 2024 é o “ano da grande prova para aferição da eficácia da primeira fase do ‘Projecto Geral’ de Hengqin”. Por essa razão, “é de grande responsabilidade assegurar a melhor prossecução dos trabalhos da cooperação Guangdong-Macau”, adiantou.

O Chefe do Executivo disse também, ao discursar noutra



PARA O AMANHÃ



A Zona de Cooperação Aprofundada é a base para a demonstração de um novo modelo de cooperação entre Guangdong e Macau



ocasião, que o Governo da RAEM está “empenhado em coordenar e acompanhar os respectivos trabalhos, a fim de corresponder à confiança e à alta expectativa depositadas pelo Presidente Xi Jinping e pelo Governo Central”. Nesse sentido, o Governo da RAEM “envidará todos os esforços para concretizar, no corrente ano, as metas da primeira fase do desenvolvimento” da Zona de Cooperação Aprofundada, ressaltou.

Na recepção da Primavera da Província de Guangdong, o governador da província de Guangdong, Wang Weizhong, acrescentou que, com a entrada em funcionamento da Zona de Cooperação Aprofundada como zona aduaneira autónoma, no passado dia 1 de Março (VER CAIXA), o desenvolvimento integrado entre Hengqin e Macau está a ser acelerado, e há cada vez mais investidores e quadros qualificados de diferentes campos que vêem com bons olhos o desenvolvimento

de Hengqin, havendo também cada vez mais projectos ligados às “Quatro Novas” indústrias e empresas a instalarem-se em Hengqin.

As quatro indústrias integram a estratégia governamental “1+4” de diversificação da economia de Macau. O desenvolvimento prioritário deverá focar-se nas áreas da tecnologia de ponta, da “big health”, da indústria financeira moderna e das convenções, exposições, comércio, desporto e cultura, através do apoio do sector basilar do turismo e lazer.

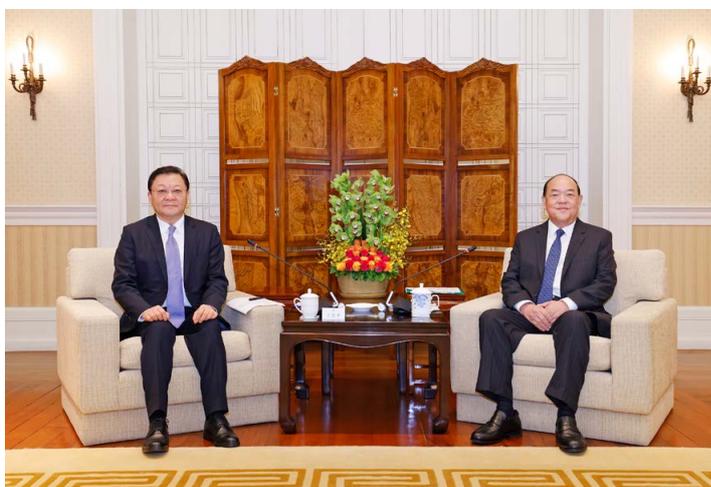
O primeiro grande teste

O “Plano de Desenvolvimento Geral de Hengqin” foi anunciado em 2009, com o objectivo de posicionar a ilha como uma área de demonstração de um novo modelo de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau. Uma década depois, foram publicadas as “Linhas Gerais do Planeamento para

o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, que conferiram a Hengqin um novo estatuto que incluía o seu desenvolvimento enquanto “ilha internacional de lazer e turismo”, apoiando o posicionamento de Macau enquanto centro mundial de turismo e lazer.

Cerca de dois anos depois, em Setembro de 2021, o Governo Central promulgou o “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, uma iniciativa sem precedentes, que estabelece uma maior integração regional e abrange toda a Ilha de Hengqin.

O Projecto Geral salienta que, em 2024, “ano do 25.º aniversário da RAEM, o mecanismo do sistema de negociação, construção e administração conjuntas e compartilha de resultados entre Guangdong e Macau irá funcionar bem, com uma concentração significativa de elementos inovadores, um desenvolvimento acelerado das indústrias características, uma articulação ordenada com Macau em termos de serviços públicos e sistema de segurança social, um aumento considerável de residentes de Macau a residirem e a trabalharem na Zona de Cooperação Aprofundada, estando a estrutura do desenvolvimento da integração de Macau e Hengqin preliminarmente estabelecida e o suporte à promoção do desenvolvimento da diversificação adequada da economia de Macau preliminarmente formado”.



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, reuniu-se, em Março, com o governador da província de Guangdong, Wang Weizhong, para discutir a construção da Zona de Cooperação Aprofundada

A zona aduaneira que faltava

FOI UM AVANÇO histórico para a Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin. No dia 1 de Março do corrente ano, a Zona de Cooperação Aprofundada entrou em funcionamento como zona aduaneira autónoma em “modelo de gestão separada”, com novas regras no que diz respeito à passagem alfandegária com Macau.

A zona passou a ser gerida sob o modelo de liberalização de “primeira linha” e controlo de “segunda linha”, permitindo que a maioria das mercadorias seja transportada, de Macau para Hengqin, isenta de impostos. Esta medida irá proporcionar uma circulação facilitada de pessoas, mercadorias, capitais e informação, de acordo com o Governo da RAEM.



A Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin funciona, desde 1 de Março, como zona aduaneira autónoma

Ao abrigo deste novo modelo, as tarifas serão geralmente suspensas para as mercadorias que entram através da “primeira linha”, ou seja, que entram em Hengqin com origem em Macau. Já a “segunda linha” refere-se aos bens que entram no Interior da China através de Hengqin, estando esses sujeitos a direitos de importação se não forem elegíveis para isenção de impostos sobre o valor acrescentado. São também aplicadas isenções fiscais semelhantes às bagagens e encomendas que entrem em Hengqin a partir da RAEM, bem como a alimentos frescos e animais de estimação.

Em termos práticos, os residentes de Macau que estudam, trabalham, habitam ou mantêm negócios em Hengqin podem atravessar com uma certa quantidade de produtos de origem animal e vegetal para Hengqin, bem como com animais de estimação.

A entrada em funcionamento da zona aduaneira autónoma “proporciona condições mais favoráveis para impulsionar a diversificação adequada da economia de Macau e fomentar a criação de um novo sistema de integração de Macau e Hengqin, com elevado nível de abertura”, frisou o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng. ▶

Foram, entretanto, dados mais passos na persecução dos objectivos. Em Dezembro de 2023, foi divulgado o “Plano Geral do Desenvolvimento para a Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin (2022-2035)”, também conhecido por “Plano Hengqin”. Este é um documento orientador que delinea um plano de desenvolvimento e as

directrizes para a Zona de Cooperação Aprofundada nos próximos dez a 15 anos, estabelecendo objectivos mais concretos em relação às três fases anteriormente estabelecidas de 2024, 2029 e 2035.

Sistema sem precedentes

Segundo Edmund Sheng Li, especialista em economia política e

políticas públicas ligado até recentemente à Universidade de Macau, a Zona de Cooperação Aprofundada criou um “modelo de administração único”, cujo mecanismo de gestão conjunta “permite a integração eficaz dos recursos e a agilização dos processos administrativos, facilitando o desenvolvimento da zona e atraindo investimento”.

Na opinião do académico,



actualmente a leccionar na Universidade de Shandong, a Zona de Cooperação Aprofundada terá “um papel crucial” no desenvolvimento da RAEM, a começar pela “promoção da diversificação da economia de Macau, que tem sido, em termos históricos, fortemente dependente da indústria do jogo”, o que deixa a RAEM “vulnerável a choques externos e flutuações económicas”.

“A Zona de Cooperação Aprofundada proporciona uma plataforma para Macau diversificar a sua economia, incentivando o desenvolvimento de novas indústrias, como o turismo, a saúde, as finanças e a tecnologia, viabilizando novas oportunidades de crescimento e criação de emprego para Macau”, diz Edmund Sheng em entrevista à Revista Macau. “Esta diversificação

é essencial para garantir a estabilidade económica de Macau a longo prazo”, ao mesmo tempo que “aumentará a competitividade e resiliência globais de Macau face aos desafios económicos globais”, acrescenta.

O projecto da Zona de Cooperação Aprofundada, refere o professor, serve também “como uma plataforma-chave para a integração

Próxima paragem, Hengqin

O ESTREITAR da cooperação entre Macau e Hengqin tem também sido aprofundado ao nível das infra-estruturas. Além de medidas de facilidade de passagem fronteiriça para viaturas, as duas regiões têm colaborado para aperfeiçoar a rede de transportes. Com a conclusão da extensão da linha do Metro Ligeiro da RAEM à Ilha de Hengqin, a deslocação do lado de Macau para Hengqin demorará apenas seis minutos, apresentando-se como um meio de transporte conveniente tanto para residentes como turistas.

Adicionalmente, após atravessarem o posto fronteiriço, será possível fazer uma transferência rápida para a Linha Ferroviária Interurbana Guangzhou-Zhuhai, que conecta à rede ferroviária de alta velocidade Guangzhou-Zhuhai.

Como parte do processo de integração, desde o início de Abril que está sob jurisdição de Macau o espaço reservado ao Metro Ligeiro de Macau que se estende até ao Posto Fronteiriço Hengqin. Segundo a Direcção dos Serviços de Obras Públicas (DSOP), os serviços competentes estão já a realizar os “trabalhos de ajustamento e testes dos equipamentos” da linha de Hengqin, bem como dos sistemas das composições.

Em Janeiro deste ano, já tinham começado, do lado de Macau, os trabalhos de ensaios dos equipamentos electromecânicos e dos sistemas das composições.



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE OBRAS PÚBLICAS

As autoridades já iniciaram os testes na linha de Hengqin do Metro Ligeiro

A entrada em funcionamento desta extensão está prevista para o final do ano, “com o objectivo de criar condições para facilitar a deslocação dos cidadãos e dos turistas”, afirmou a DSOP. A entrega da Zona do Posto Fronteiriço da Parte de Macau em Hengqin – e das suas zonas contíguas – para jurisdição da RAEM foi separada num total de três fases. A primeira fase foi entregue em Março de 2020 e a segunda fase nos dias 20 de Abril e 1 de Agosto de 2023. A terceira fase culminou com a entrega, em Abril deste ano, do espaço reservado para o Metro Ligeiro de Macau, significando que a Zona do Posto Fronteiriço da Parte de Macau em Hengqin e as suas zonas contíguas estão agora integralmente sob jurisdição de Macau. ▲

de Macau na Grande Baía, visando criar um cluster de cidades de classe mundial e promover o desenvolvimento regional coordenado”.

“Ao promover uma cooperação mais estreita entre Macau e Guangdong, a Zona de Cooperação Aprofundada permite a Macau aproveitar os vastos recursos, o potencial de mercado e as capacidades de inovação da Grande Baía, aumentando assim a sua própria competitividade e perspectivas de crescimento”, afirma Edmund Sheng.

Nesse sentido, já foram concretizados “progressos significativos” em termos de desenvolvimento de infra-estruturas em Hengqin, com a construção de projectos importantes, “como o Porto de Hengqin e a rede ferroviária de alta velocidade Guangzhou-Zhuhai”, sublinha o académico. “Estes projectos melhoraram muito a conectividade entre Macau e o Interior da China, facilitando o fluxo de pessoas, bens e serviços entre as duas regiões.”

Qualidade de vida

A Zona de Cooperação Aprofundada poderá ter mais de 5000 residentes de Macau a trabalhar e cerca de 20.000 a residir em Hengqin até ao final deste ano, segundo previsões oficiais. Após ter sido lançado, em 2020, o projecto “Novo Bairro de Macau” em Hengqin, os primeiros residentes começaram a receber as chaves das suas novas casas em Janeiro deste ano.

Este projecto é composto por cerca de 4000 fracções habitacionais, com funções integradas de saúde, instalações sociais e de educação, servindo como um projecto pioneiro na garantia de boas condições de vida aos residentes de Macau. Actualmente, há escolas, bancos, instalações sociais e públicas em pleno funcionamento em Hengqin, com vista a dar apoio ao quotidiano dos seus novos residentes.

O professor Edmund Sheng recorda que a dimensão limitada de Macau “tem colocado consistentemente desafios” ao desenvolvimento urbano e ao crescimento económico da cidade.

“A Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin expande

acomodar a crescente população de Macau e apoiar as suas futuras necessidades de desenvolvimento”, sublinha o académico.

Com o desenvolvimento de Hengqin, os residentes de Macau “terão acesso a uma gama mais ampla de opções de habitação, equipamentos e instalações recreativas”, realça. “Esta expansão do espaço de desenvolvimento ajudará a aliviar algumas das pressões associadas à elevada densidade populacional e à área limitada da cidade, melhorando, em última análise, a qualidade de vida dos residentes de Macau.”

Em termos empresariais, até ao final de Outubro, o número de empresas de Macau registadas na Zona de Cooperação Aprofundada superou as 6500, um aumento anual de 12,1 por cento, de acordo com dados divulgados pelas autoridades de Hengqin.

Em Abril, a Sucursal de Guangdong do Banco Popular da China lançou as “Medidas relativas à gestão da conta do comércio livre multifuncional da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”. Estas medidas pretendem implementar as orientações políticas relativas à gestão financeira transfronteiriça inovadora, à exploração de canais de fluxo livre de fundos transfronteiriços e ao reforço da ligação com o mercado financeiro de Macau.

Segundo a Autoridade Monetária de Macau, a “conta do comércio livre multifuncional” constitui “um

6521

Número de empresas de Macau registadas na Zona de Cooperação Aprofundada no final de Outubro

efectivamente o espaço disponível para o desenvolvimento de Macau, permitindo a criação de novas áreas residenciais, distritos comerciais e parques industriais. Este espaço adicional é crucial para



elemento relevante para facilitar o comércio, o investimento e o financiamento transfronteiriços, promovendo, de forma eficaz, a cooperação financeira entre Macau e Hengqin, bem como a ligação dos mercados financeiros da Zona de Cooperação Aprofundada e de Macau”.

Modelo viável e exemplar

Chui Sai Cheong, presidente da Associação Comercial de Macau, refere que a Zona de Cooperação Aprofundada contempla oportunidades inéditas para a diversificação económica da RAEM. Os jovens, realça, têm agora mais possibilidades de prosperar, tirando partido das políticas de desenvolvimento nacional.

Considerando que a estrutura económica de Macau está numa fase de mudança, Chui Sai Cheong defende que os vários sectores devem aproveitar as oportunidades do projecto da Grande Baía e da Zona de Cooperação Aprofundada para “reforçar a resiliência e competitividade da cidade e criar condições para um desenvolvimento sustentável, proporcionando mais opções para os jovens”.

Edmund Sheng afina pelo mesmo diapasão. De acordo com o docente da Universidade de Shandong, o projecto que engloba Hengqin “reforçará a integração de Macau na Grande Baía e no resto do Interior da China”.

“À medida que a conectividade entre Macau e Hengqin continua a melhorar através de projectos





Hengqin possui uma área verde total de 62,45 quilômetros quadrados, segundo dados oficiais



de infra-estruturas, Macau ficará mais estreitamente ligada a toda a região. Esta integração facilitará o fluxo de pessoas, bens e serviços, abrindo novos mercados e oportunidades para as empresas e residentes de Macau”, assevera.

O académico acrescenta que o sucesso da Zona de Cooperação Aprofundada será a “prova da eficácia e adaptabilidade” do princípio “um país, dois sistemas”.

“Ao permitir que Macau mantenha os seus sistemas e modo de

vida únicos, ao mesmo tempo que aprofunda a sua integração com o Interior da China, a Zona de Cooperação Aprofundada demonstra a viabilidade deste modelo de administração inovador e o seu potencial para promover a cooperação mutuamente benéfica”, garante.

Deste modo, adianta, a Zona de Cooperação Aprofundada “poderá também servir de modelo para outras regiões que procuram promover a colaboração transfronteiriça e a integração económica”.

“Este exemplo positivo reforçará a reputação de Macau no panorama global e atrairá mais atenção e investimento internacional para a região”, afiança Edmund Sheng.

Um destino turístico

Actualmente, além de um novo lar para viver, trabalhar e investir, a Zona de Cooperação Aprofundada é também uma atracção turística e de lazer, tal como foi estipulado no Projecto Geral. Um dos objectivos



A Zona de Cooperação Aprofundada permite a Macau aproveitar as capacidades de inovação da Grande Baía

no campo do turismo é a criação de produtos que promovam o conceito “uma viagem multi-destinos”. A intenção é que os turistas da Grande Baía circulem por várias zonas da região, dando especial ênfase à complementaridade entre Macau e Hengqin.

Desde Maio que está em vigor a nova política de vistos de grupo de múltiplas entradas entre Macau e Hengqin, permitindo que visitantes do Interior da China possam entrar e sair da RAEM sem limitações

durante um período de sete dias, recorrendo a um mesmo visto.

As indústrias dos eventos e turismo são aquelas que mais poderão beneficiar com a medida do Governo Central, aplaudida por diversos representantes daqueles sectores.

O novo tipo de visto alarga substancialmente os horizontes das empresas de Macau ligadas à organização de eventos, refere Alan Ho Hoi Meng, presidente da Associação dos Sectores de Convenções, Exposições e Turismo de Macau. A nova política,

avança, abre espaço para que possam ser utilizadas as infra-estruturas de Hengqin para, por exemplo, exposições ou actividades ao ar livre.

Para o académico José Wong Weng Chou, docente da Faculdade de Hospitalidade e Gestão Turística da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla em inglês), “Hengqin e Macau podem ser um exemplo” no que toca ao desenvolvimento de produtos envolvendo vários destinos numa única viagem. José Wong nota que Hengqin, por exemplo, tem dimensão para acolher grandes parques temáticos, complementando a oferta turística de Macau.

O director da Faculdade de Turismo Criativo e Tecnologias Inteligentes da Universidade de Turismo de Macau, Max Zhao Weibing, concorda que Macau possui recursos turísticos singulares ligados à sua cultura, história e arquitectura, mas com recursos naturais escassos. “Creio que os turistas podem sentir apetência por pontos turísticos naturais: nesse sentido, Hengqin pode ter um papel complementar”, afirma.

Hengqin é dotada de uma vasta área de espaços verdes. De acordo com dados oficiais, a ilha possui uma área verde total de 62,45 quilómetros quadrados, o equivalente ao dobro da área total da RAEM. A taxa de zonas verdes em Hengqin atinge 58,7 por cento.

No ano passado, o número de turistas que visitaram os principais pontos turísticos de Hengqin atingiu mais de 11,6 milhões, um aumento anual de 341,5 por cento face a 2022. ▲





UMA REGIÃO EM (GRANDE) MUDANÇA

De mais habitação pública a melhores transportes, passando por novas áreas de expansão, através de aterros. Ao longo dos últimos 25 anos, foram várias as grandes obras públicas que marcaram o desenvolvimento de Macau. Estes projectos não mudaram apenas a imagem da cidade, mas tiveram um forte impacto na qualidade de vida da população e na economia

Texto **Marta Melo**

“**R**APIDEZ” é o termo que mais facilmente pode descrever o desenvolvimento urbano da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) desde o retorno à Pátria – a alavancar esse crescimento esteve uma forte aposta no

investimento público. Nos últimos 25 anos, o Executivo intensificou a edificação de habitação pública, avançou com um novo hospital e outros edifícios de interesse público, construiu novas travessias rodoviárias e inovou no sistema de transporte público. Mais recentemente, foi aprovado o Plano Director da RAEM (2020-2040) que, ao traçar as linhas gerais de organização urbana, é considerado

estruturante para o futuro desenvolvimento de Macau.

Uma simples comparação entre imagens da RAEM do início de 2000 e da actualidade permite perceber facilmente como mudou – e muito – a aparência física da cidade. Ocorreu o desenvolvimento urbano da frente ribeirinha sul da península de Macau, o Cotai transfigurou-se por completo, novos núcleos habitacionais nasceram





Nos últimos 25 anos, a aparência física de Macau sofreu uma mudança radical

em diversas áreas da região e foi edificado um elevado número de grandes infra-estruturas públicas, desde postos fronteiriços a espaços culturais e desportivos, unidades de saúde, um novo terminal marítimo de grande capacidade, escolas e muito mais. Fruto de novos aterros, a área total da RAEM aumentou cerca de 40 por cento desde 2000, ao passo que a extensão total das rodovias registou um aumento de

150 quilómetros durante o mesmo período.

Olhando para o crescimento urbano verificado, Christine Choi Wan Sun, presidente da Associação dos Arquitectos de Macau, considera que, nos últimos 25 anos, a estratégia seguida pelas autoridades locais envolveu um “desenvolvimento equilibrado”. Tal traduziu-se tanto em melhorias para o sector do turismo como numa

resposta eficaz às necessidades da população, bem como na promoção de uma paisagem urbana vibrante e sustentável, diz.

“Foi necessário um desenvolvimento significativo das infra-estruturas para apoiar o aumento do turismo”, nota a arquitecta. Para Christine Choi, o desafio permanente para Macau foi – e continuará a ser – como garantir a preservação da “diversidade entre os novos



bairros e os antigos”, mas também “manter a essência única de Macau” e garantir que o desenvolvimento futuro “se mantém inclusivo e benéfico para todos”.

Avaliando o último quarto de século, Nuno Soares, director do Departamento de Arquitectura e Design da Universidade de São José, considera que o crescimento urbano foi inicialmente “muito impulsionado” pela economia,

nomeadamente através de empreendimentos ligados ao sector do turismo e entretenimento. Nas palavras do também arquitecto, existia em Macau uma estratégia de desenvolvimento económico, mas faltava uma componente ligada ao desenvolvimento urbano. A lacuna foi colmatada com a aprovação do Plano Director e subsequente elaboração dos diversos planos de pormenor, processo ainda em

curso. “Neste momento, estamos a converter esse desenvolvimento económico em desenvolvimento urbano. Acho que o melhor destes 25 anos foi esta mudança do paradigma”, afirma.

A chegada do metro ligeiro

O metro ligeiro parou em Macau pela primeira vez em 2019, trazendo

A área total da RAEM aumentou cerca de 40 por cento desde 2000, devido à criação de diversos novos aterros



consigo uma proposta de um novo tipo de mobilidade urbana. Considerada uma das principais obras públicas desde a criação da RAEM, começou por circular apenas na área da Taipa e do Cotai, ligando o Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa, o aeroporto e o Posto Fronteiriço da Flor de Lótus, entre outros locais, num total de 12 estações.

Em Dezembro de 2023, a “Linha da Taipa” foi estendida,

através do tabuleiro inferior da Ponte de Sai Van, até à Estação da Barra, na península de Macau. Em Novembro deste ano, entrou em funcionamento a “Linha Seac Pai Van”, dispondo de duas estações, servindo o Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas e a zona habitacional de Seac Pai Van, à entrada de Coloane. Está ainda em construção um traçado transfronteiriço de extensão do metro ligeiro até à Ilha de Hengqin, que deve igualmente ser inaugurado ainda este ano. Tal permitirá a integração de Macau no sistema de transporte ferroviário do Interior da China através de Hengqin, facilitando, por exemplo, as viagens de comboio interurbanas entre a RAEM e outras cidades da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Para Christine Choi, o metro ligeiro não só contribuiu para a melhoria do sistema de transportes públicos, como aliviou o congestionamento do tráfego rodoviário na RAEM e aumentou a conectividade entre diferentes zonas de Macau. “Ao melhorar as ligações de transporte, apoia-se o crescimento económico, especialmente ao facilitar um melhor acesso entre o sector do turismo e os negócios locais”, sustenta a arquitecta.

O próximo passo é a construção, já em curso, da “Linha Leste”. Tal irá permitir ligar a zona das Portas do Cerco, na península de Macau, à estação de metro ligeiro do Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa, passando

pela Zona A dos Novos Aterros Urbanos.

Nos transportes, o metro ligeiro não é, de todo, a única grande obra pública na “era RAEM”. Christine Choi aponta para um elemento muitas vezes esquecido: a construção de vários viadutos pedonais, a começar pela Taipa. “Melhoram os percursos pedonais, reduzem o congestionamento ao nível das ruas e abrem caminho a futuras inovações na mobilidade urbana, rumo a uma cidade mais verde”, refere.

Outro projecto importante, cuja entrada em funcionamento ocorreu em Outubro, trata-se da Ponte Macau. É a quarta ligação rodoviária entre a Taipa e a península de Macau, cujas obras arrancaram cerca de duas décadas depois da construção da Ponte de Sai Van, outra grande obra pública do pós-retorno à Pátria. Com um troço acima do mar de cerca de 2,9 quilómetros de comprimento, a Ponte Macau tem uma largura superior à das outras três pontes península-Taipa, devido ao total de oito faixas de rodagem, quatro em cada sentido. “Servindo como rota adicional entre Macau e a Taipa, a quarta ponte melhora as ligações com Hong Kong e o resto da Grande Baía, ao mesmo tempo que facilita o acesso ao Cotai”, aponta Christine Choi.

Nas ligações com as cidades vizinhas, há uma obra que se destaca, pela sua dimensão e importância estratégica: a Ponte Hong





© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O metro ligeiro é uma das principais obras públicas desde a criação da RAEM

Kong-Zhuhai-Macau. A infra-estrutura é considerada uma “obra muito marcante” por Nuno Soares. “É uma das primeiras obras de carácter regional em Macau”, justifica.

Inaugurada em 2018, tem um total de 55 quilómetros – incluindo uma estrutura principal com 29,6 quilómetros de comprimento – e reduziu drasticamente o tempo de viagem entre as três regiões. Foi co-financiada pelos governos de Macau, Hong Kong e da província de Guangdong.

“Macau faz parte da Grande Baía e com esta ponte consegue

estar ligada e estar dentro desta dinâmica territorial”, enfatiza Nuno Soares.

Habitação para todos

A construção de habitação pública tem estado entre as prioridades dos sucessivos Governos da RAEM. Em Março de 2000, nas suas primeiras Linhas de Acção Governativa, Ho Hau Wah, então Chefe do Executivo, apontava já para a necessidade de “satisfazer, por um lado, a necessidade dos cidadãos, traduzida na procura de habitação social e económica, e evitar, por

outro lado, a eventual pressão” que tal pudesse “causar ao mercado imobiliário”. O importante, sublinhava, era criar “um ponto de equilíbrio”.

Acompanhando as mudanças económicas e sociais verificadas na RAEM, incluindo um forte crescimento populacional, o Governo avançou, durante o segundo mandato de Ho Hau Wah como Chefe do Executivo, com um ambicioso plano de construção, de forma faseada, de 19.000 fracções de habitação pública. Multiplicaram-se os projectos deste tipo, especialmente nas zonas de Seac Pai Van,

Cinco grandes equipamentos públicos da “era RAEM”



© INSTITUTO DO DESPORTO

Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental de Macau

Foi construída de raiz para albergar os Jogos da Ásia Oriental, que tiveram lugar em Macau em 2005. É a maior instalação desportiva coberta da RAEM, com capacidade para até 7000 pessoas na arena principal. Além de um complexo multidesportivo, conta ainda com um centro de convenções de grandes dimensões.



© LEIENS S&O

Centro de Ciência de Macau

Inaugurado oficialmente em 2009, visa promover a educação científica entre os jovens e complementar a oferta turística de Macau. Desenhado pelo atelier do afamado arquitecto sino-americano I. M. Pei, conta com 14 galerias de exposições interactivas, um planetário e um centro de convenções.

Novo campus da Universidade de Macau

Em 2014, a Universidade de Macau mudou-se para um novo campus, na Ilha de Hengqin, numa zona colocada pelo Governo Central sob a administração da RAEM. O complexo tem uma área vinte vezes superior às instalações anteriormente ocupadas na Taipa pela instituição de ensino superior. A ligação de Macau ao campus é feita por um túnel subaquático no Cotai, sem necessidade de qualquer controlo fronteiriço.



© UNIVERSIDADE DE MACAU

Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa

Entrou em funcionamento em 2017 e ocupa uma área de cerca de 200.000 metros quadrados. O terminal dispõe de 16 lugares de atracação para embarcações rápidas, três cais multifuncionais e 127 canais de passagem fronteiriça, entre outros equipamentos. Tem capacidade para receber até 400.000 passageiros por dia.



© DIRECÇÃO RECREATIVOS

Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas

Localiza-se no Cotai, num lote com cerca de 75.800 metros quadrados. O empreendimento, quando completo, será constituído por sete edifícios. A primeira fase, concluída no ano passado, incluiu, entre outros equipamentos, o Centro Médico de Macau do Peking Union Medical College Hospital, conhecido também como Hospital Macau Union, bem como novas instalações para o Instituto de Enfermagem Kiang Wu. O Hospital de Reabilitação faz parte da segunda fase de construção do complexo, com conclusão prevista para 2027.



© CHEUNG PAM WA



OUTRAS INFRA-ESTRUTURAS PÚBLICAS MARCANTESS DOS ÚLTIMOS 25 ANOS

- 2001 **1** Praça do Lago Sai Van

- 2004 **2** Pavilhão Polidesportivo Tap Seac

- 3** Novo Posto Fronteiriço das Portas do Cerco

- 2005 **4** Centro Náutico da Praia Grande

- 5** Ponte de Sai Van

- 6** Requalificação da Praça de Ferreira do Amaral

- 2008 **7** Requalificação da Praça do Tap Seac

- 8** Estação de Tratamento de Resíduos Especiais e Perigosos

- 2015 **9** Passagem Superior Pedonal na Rotunda do Istmo

- 2017 **10** Novo Mercado Abastecedor

- 2018 **11** Zona fronteiriça de Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau

- 2019 **12** Metro ligeiro (primeira fase)

- 13** Centro de Formação e Estágio de Atletas

- 2021 **14** Posto Fronteiriço Qingmao

- 15** Túnel de Ká-Hó

- 2022 **16** Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

- 17** Sistema Pedonal Circundante da Guia

- 18** Centro Modal de Transportes da Barra

- 2023 **19** Novo Bairro de Macau na Ilha de Hengqin

- 2024 **20** Ponte Macau

em Coloane, e no Fai Chi Kei, Ilha Verde e Mong-Há, na península de Macau.

Macau chegou a 2023 com 52.510 fracções de habitação pública, comparando com as 29.947 unidades existentes em 2003. O número deve continuar a aumentar nos próximos anos, com o avanço dos planos do Executivo para disponibilizar, de forma gradual, um total de 28.000 fracções de habitação pública na Zona A dos Novos Aterros Urbanos – parte destas unidades já está em fase de construção.

Para Nuno Soares, os projectos de habitação pública estão entre aqueles que tiveram “um impacto mais notório” na qualidade de vida da população. “Haver uma política de habitação pública é importante

para manter a população em Macau e para dar alguma tranquilidade às pessoas de que é possível terem a sua casa” na RAEM, justifica.

Expansão territorial

O crescimento físico marca igualmente os últimos 25 anos de Macau, que passou de uma área de 23,8 quilómetros quadrados, em 1999, para 33,3 quilómetros quadrados, em 2023. Christine Choi considera que o desenvolvimento do Cotai – aterro de ligação entre as ilhas de Coloane e da Taipa, cuja dimensão quase que triplicou no último quarto de século – foi “um dos mais influentes” projectos realizados em Macau, “marcando uma nova era para a cidade e para as pessoas”.

O Cotai é hoje uma zona de empreendimentos turísticos de grandes dimensões, com instalações hoteleiras de topo, diversas atracções de entretenimento e lazer, centros de convenções e exposições e salas de espectáculos. “Esta expansão não só impulsionou o turismo, como também transformou Macau num destino turístico de primeira linha, remodelando significativamente a paisagem urbana e a dinâmica económica”, assinala a presidente da Associação dos Arquitectos de Macau.

Um momento importante na expansão física da RAEM foi a aprovação, em 2009, pelo Conselho de Estado, de um novo conjunto de aterros para Macau. Divididos em cinco zonas, os denominados

O desenvolvimento do Cotai enquanto zona de empreendimentos turísticos de grandes dimensões foi uma das mudanças marcantes da “era RAEM”





“Novos Aterros Urbanos” possuem uma área total de cerca de 350 hectares. Estes vieram oferecer novas possibilidades de desenvolvimento à RAEM, estando o seu aproveitamento a decorrer de forma faseada, com o foco actualmente colocado na Zona A, junto à Areia Preta, na península de Macau.

“Os aterros, pela extensão e pela ambição que envolvem, são a obra mais marcante” na “era RAEM” e aquela que “vai ter um impacto maior” a longo prazo, observa Nuno Soares. Para o arquitecto, a expansão territorial permite que Macau tenha mais espaço para projectar o futuro e para se reinventar a diversos níveis.

Da parte do Executivo, ficou desde cedo definido que os novos

aterros seriam destinados a projectos habitacionais públicos e privados, bem como à instalação de infra-estruturas públicas. Tal está, de resto, consagrado no Plano Director da RAEM, uma ferramenta essencial para o planeamento urbanístico de Macau, que foi aprovado em 2022. O documento regula o ordenamento urbano e as condições de uso e aproveitamento dos solos, bem como inclui orientações sobre a organização das infra-estruturas públicas e dos equipamentos de utilização colectiva.

Christine Choi assinala a importância da entrada em vigor do Plano Director de Macau, cobrindo questões como o desenvolvimento de habitação pública, escolas,

locais de recreio e outras infra-estruturas críticas. Na sua opinião, tal “é crucial para moldar um ambiente urbano dinâmico”.

O Plano Director é, para Nuno Soares, o avanço “mais importante” do último meio século no que toca ao planeamento urbanístico de Macau. O arquitecto considera que, ao longo dos tempos, tinham vindo a ser construídas diferentes obras públicas na cidade, mas sem um conceito geral do que se pretendia ao nível da organização do tecido urbano local. Tal mudou com a aprovação do Plano Director. “Parece-me que, nesta fase final dos 25 anos, houve uma preocupação de dar uma coerência a Macau e uma estrutura que lhe permitisse ter um



A melhoria das ligações rodoviárias entre a península de Macau e a Taipa contribuiu para o crescimento urbano da RAEM

desenvolvimento mais sustentável para o futuro”, refere.

Sustentabilidade como meta

Segundo a presidente da Associação dos Arquitectos de Macau, os novos projectos urbanos para a RAEM devem considerar a preservação da cultura e do património, com o objectivo de tornar as “características únicas de Macau não apenas acessíveis, mas também uma experiência tangível para todos”. A RAEM deve ter também como prioridade a sustentabilidade, diz Christine Choi, assinalando que tal deve ser incorporado de forma transversal

nos planos de desenvolvimento. “As directrizes de planeamento devem defender práticas sustentáveis para promover um futuro mais verde para Macau”, diz a especialista. Já Nuno Soares considera também que a arquitectura aplicada na RAEM deve ser sustentável, mas igualmente “inovadora” e “mais única”.

O desenvolvimento de espaços verdes e o aproveitamento das zonas costeiras são áreas a que deve continuar a ser dada particular atenção, defende Christine Choi. A arquitecta sustenta que, “ao expandir os espaços de lazer ao ar livre, melhoramos a qualidade de vida”, quer de residentes, quer de turistas, “criando um ambiente urbano mais habitável e envolvente”. Essa tem sido uma política seguida pelas autoridades locais, com o desenvolvimento de novos espaços verdes de lazer e recreação ao longo dos últimos 25 anos.

Olhando para o amanhã, Nuno Soares enfatiza que é essencial que a obra pública ajude a estruturar as novas áreas urbanas em desenvolvimento. “Nos novos aterros, é mesmo importante que os principais edifícios públicos sejam centralidades urbanas, sejam locais onde as pessoas se possam reunir, que tenham espaço público, espaços protegidos das intempéries e que sejam espaços, do ponto de vista arquitectónico, marcantes e únicos.”

Nas prioridades de futuro, uma mobilidade eficaz é um aspecto a considerar. Christine Choi aponta que, considerando a

PROJECTOS PARA O FUTURO (EM CURSO)

Zona de espectáculos ao ar livre do Cotai

Nova Biblioteca Central de Macau

“Linha Leste” do metro ligeiro

Novas instalações para o Tribunal de Última Instância

Túnel da Colina da Taipa Grande (fase de concurso)

Estação Elevatória de Águas Pluviais e Drenagem no Porto Interior

elevada densidade populacional da RAEM e os desafios ao nível do tráfego rodoviário, é uma “necessidade estratégica” promover uma malha urbana “acessível a pé, que seja integrada com um sistema de transportes públicos eficiente”. Segundo diz, “esta transformação pode ser facilitada através da implementação de soluções tecnológicas avançadas” – algo que está já a ser seguido pelo Governo de Macau, com a introdução de aplicações móveis de promoção de mobilidade inteligente e projectos como o Sistema Pedonal Circundante da Guia, que entrou em funcionamento em 2022. ◀





MAIS E MELHOR

As Linhas de Acção Governativa para 2024 oficializaram o posicionamento de Macau como uma cidade de espectáculos e desporto. Tal é o culminar de um forte desenvolvimento dos sectores cultural e desportivo desde o retorno à Pátria, impulsionado pelo investimento público em infra-estruturas e apoios tanto a artistas como atletas

Texto **Cherry Chan** | **E. Graça**

UMA das grandes mudanças verificadas ao longo dos últimos 25 anos na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) foi uma aposta significativa na cultura e desporto, a qual se intensificou em anos recentes, através da organização de grandes eventos. Estas iniciativas, além de contribuírem para o desenvolvimento local, visam ter um papel na afirmação de Macau a nível regional e internacional.

Os dados constantes no Anuário Estatístico da RAEM dão bem conta do rápido progresso cultural e desportivo verificado. Se, em 2000, foram registadas

menos de 11.000 sessões relativas a espectáculos públicos e exposições culturais na região, no ano passado, o número cifrou-se em mais de 55.000, um novo máximo na “era RAEM”. Em 2023, os espectáculos públicos e exposições culturais atraíram mais de 29,7 milhões de espectadores, cerca de 35 vezes mais do que o verificado em 2000.

Já o número de bibliotecas e salas de leitura abertas ao público situava-se no ano passado em 71, quase o dobro do existente duas décadas antes. A subida foi em parte impulsionada por uma política pública, desde 2000, de criação de novos espaços do género em centros





O Festival Internacional de Artes para Crianças de Macau foi lançado este ano pelo Instituto Cultural

comunitários e outros equipamentos públicos. Nos próximos anos, irão nascer no local do antigo Hotel Estoril novas instalações para a Biblioteca Central de Macau, que prometem ser um equipamento estruturante no campo da cultura.

No desporto, a tendência tem sido também de crescimento nos últimos 25 anos. Registou-se um aumento do número de clubes desportivos, que passaram de 615 em 2000 para 974 no ano passado, com o total de atletas filiados a subir cerca de 60 por cento durante esse período, para mais de 34.000. Também a crescer estiveram os subsídios atribuídos pelo Instituto do Desporto,

mais do que quintuplicando entre 2000 e 2023, ano em que superaram a fasquia dos 100 milhões de patacas.

Novas (e muitas) infra-estruturas

Além de subsídios a artistas e atletas, a criação de novas infra-estruturas tem sido essencial para o desenvolvimento cultural e desportivo de Macau ao longo do último quarto de século. No campo cultural, há a apontar a recuperação de diversos espaços patrimoniais e posterior transformação em museus – como é o caso icónico da Casa do Mandarin, mas também da



Antiga Farmácia Chong Sai ou da Antiga Residência do General Ye Ting. Outros edifícios recuperados foram convertidos em espaços culturais, de que são exemplos a Cinemateca-Paixão, a Academia Jao Tsung-I, o Centro de Arte Contemporânea de Macau – Oficinas Navais n.º 1 e n.º 2 ou, mais recentemente, a Casa da Literatura de Macau. Entre os equipamentos construídos de raiz, um dos destaques é o edifício do Teatro-Estúdio do Centro Cultural de Macau, inaugurado no ano passado.

No caso do desporto, foram igualmente criadas pelos sucessivos governos da RAEM novas infra-estruturas, incluindo de carácter comunitário, como o Pavilhão de Mong-Há. As várias competições internacionais que Macau recebeu entre 2005 e 2007 – nomeadamente os Jogos da Ásia Oriental, a edição inaugural dos Jogos da Lusofonia e os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto – deram também o mote para um ambicioso plano de construção de equipamentos desportivos de topo, com destaque para a Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental e o Pavilhão Polidesportivo Tap Seac.

Quer na cultura, quer no desporto, a par com a promoção comunitária de práticas culturais e desportivas, as autoridades da RAEM – em particular o actual Governo de Ho Iat Seng – têm apostado na introdução de grandes eventos, capazes de trazer à região mais visitantes, ajudando a diversificar a economia. Ao longo dos últimos 25 anos, além da consolidação e expansão dos já existentes Festival de Artes e Festival Internacional de Música, foram lançadas muitas outras iniciativas, como a Arte Macau - Bienal Internacional de Arte, o Desfile Internacional de Macau ou, já este ano, o Festival Internacional de Artes para Crianças de Macau.

No desporto, a receita tem sido similar. Ao já histórico Grande Prémio de Macau, no desporto motorizado, têm-se vindo a juntar, mais recentemente, outras grandes competições desportivas, como a Regata Internacional de Macau ou o renovado Open de Golfe.

Nos últimos anos, o Governo da RAEM tem também solicitado, com resposta positiva, uma maior participação das empresas de turismo e lazer integrados no apoio à cultura e ao desporto. Tal tem-se traduzido

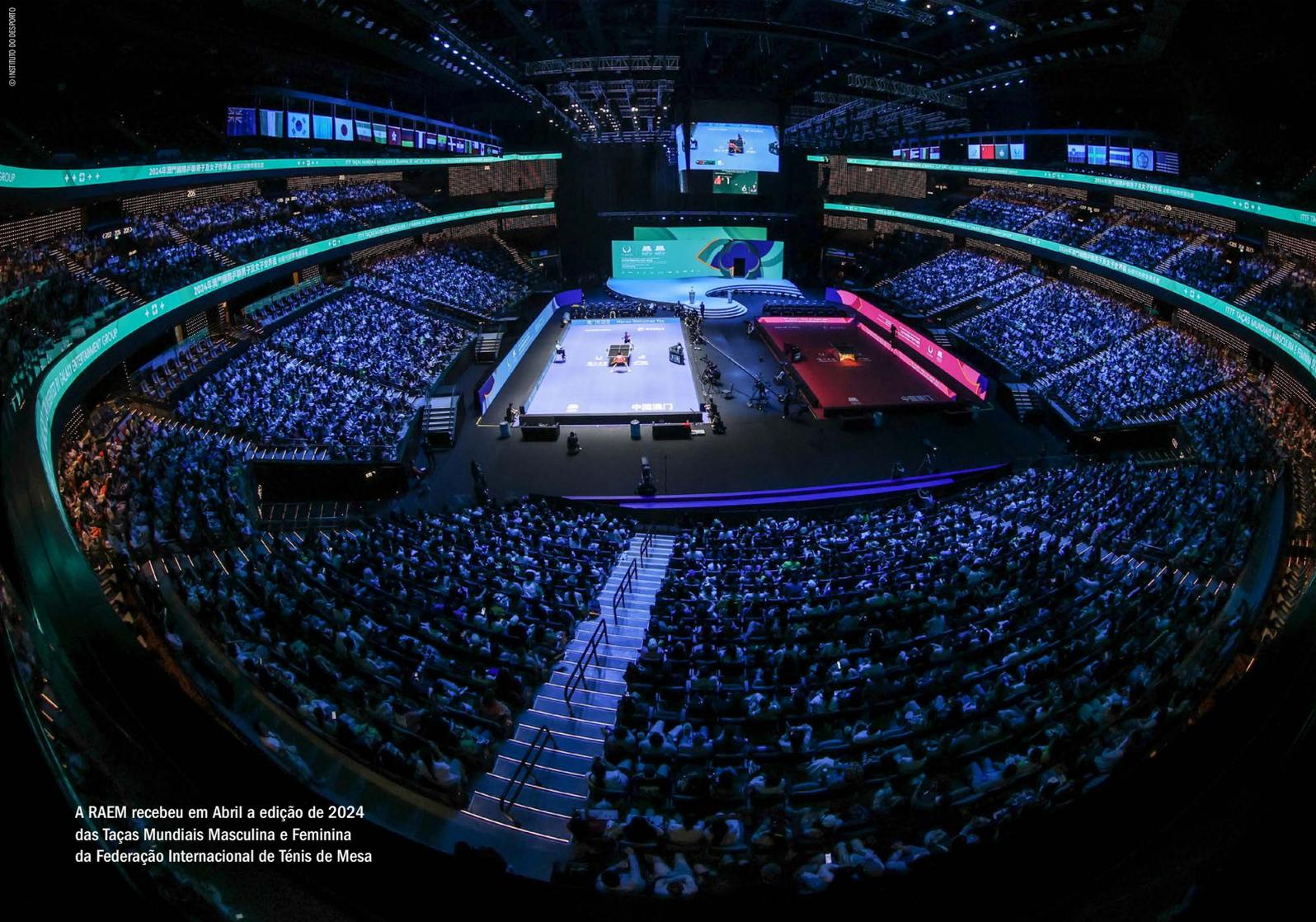
não só na captação para Macau de grandes eventos, mas também num maior apoio directo às indústrias culturais e criativas locais.

Dinâmica de crescimento

“O desenvolvimento cultural de Macau ao longo dos últimos 25 anos registou um crescimento significativo e histórico, quer em termos de eventos, quer de actividades artísticas”, reconhece Alice Kok Tim Hei, presidente da Art For All Society (AFA), plataforma local dedicada à promoção das artes plásticas, estabelecida em 2007. A também artista e curadora de arte nota a dinâmica cultural que se estabeleceu em Macau no pós-retorno à Pátria, com vários grupos e espaços independentes a nascerem e contribuírem para a formação de novos talentos.

“Temos visto, durante estes anos, que muitos jovens se estabeleceram efectivamente como artistas reconhecidos e de sucesso”, afirma Alice Kok. A responsável dá dois exemplos: o artista plástico Lai Sio Kit e o ilustrador Eric Fok Hoi Seng. Segundo diz, estes e outros novos talentos beneficiaram dos “esforços comuns” entre as associações artísticas locais, bem como do apoio dos vários governos da RAEM, para desenvolverem as suas carreiras.

O progresso cultural da RAEM no último quarto de século fica marcado por uma data: 15 de Julho de 2005, quando o Centro Histórico de Macau foi inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO. Tal impactou, de forma indelével, muito do que se seguiu na área cultural nas duas décadas subsequentes, com uma forte aposta na identificação, preservação e promoção do património local, não só arquitectónico, mas também intangível. Essa ideia, de resto, constava no Relatório das Linhas de Acção Governativa logo para 2006, apresentado pelo então Chefe do Executivo, Ho Hau Wah. “A inscrição pela UNESCO do Centro Histórico de Macau na Lista do Património Mundial permitiu aos cidadãos reforçarem a sua identidade cultural, originando a sedimentação de um maior sentido de pertença e de coesão”, referia na altura o governante.



A RAEM recebeu em Abril a edição de 2024 das Taças Mundiais Masculina e Feminina da Federação Internacional de Ténis de Mesa

Em Junho de 2008, a “Escultura de Ídolos Sagrados” foi inscrita na “Lista Nacional de Itens Representativos do Património Cultural Intangível da China”, sendo o primeiro elemento proposto exclusivamente pela RAEM a conseguir a distinção. Hoje, são um total de 11 os itens ligados a Macau que estão listados a nível nacional – isto para além de todos os bens imóveis classificados a nível local e elementos integrados na lista e inventário do património cultural intangível da RAEM.

Em Novembro de 2017, Macau recebia nova distinção: era designada como membro da Rede de Cidades Criativas da UNESCO na área da Gastronomia, em

reconhecimento da singularidade da cultura gastronómica local.

A próxima etapa

O empenho no desenvolvimento das indústrias culturais e criativas foi uma imagem de marca dos sucessivos governos da RAEM ao longo dos últimos 25 anos, com o objectivo de promover a diversificação económica local. Os trabalhos começaram oficialmente em 2010 e, com os esforços concertados de três instituições centrais – o Instituto Cultural, o Fundo

das Indústrias Culturais e o então Conselho para as Indústrias Culturais –, visou-se estimular este sector nascente. Por exemplo, foi publicado o “Quadro da Política do Desenvolvimento das Indústrias Culturais (2014–2019)”, a que se seguiu uma segunda edição, referente ao quinquénio 2020-2024, além de terem sido criados diversos programas de subsídios para o sector.

Alice Kok não tem dúvidas: “Nos últimos 25 anos, assistimos ao nascimento de uma indústria artística e cultural na RAEM”, com as iniciativas e eventos a

sucedem-se a grande velocidade. “Agora, devemos levar o ‘bebé’ para a próxima etapa”, nota.

Uma das estratégias do Governo para atingir esse objectivo visa que as empresas de turismo e lazer integrados de Macau apoiem o desenvolvimento das indústrias criativas e culturais locais, bem como o sector do desporto. Alice Kok refere que o modelo ainda está a dar os primeiros passos. A responsável admite que “cada vez mais exposições e eventos de arte estão a ser co-organizados pela indústria de resorts, hotéis e entretenimento, em parceria com artistas, curadores de arte e

Ao longo dos últimos 25 anos, o Instituto Cultural tem levado a cabo iniciativas que visam permitir a novos públicos o contacto com actividades culturais



associações artísticas locais”. E acrescenta: “Na verdade, tal abre boas perspectivas para ambos os lados, para que possamos unir forças e trabalhar em conjunto”.

Ainda assim, Alice Kok sublinha que “uma preocupação importante” é que, “na aliança recém-formada entre estas empresas e o sector da arte, o papel do Governo como elemento de ligação seja bem definido”. A dirigente cultural nota que o apoio das autoridades locais continua a ser necessário, “dado que ainda estamos num período de ‘teste’ destas colaborações e ainda há muitos termos que precisam de ser definidos”, diz.

Do desporto comunitário à alta competição

Desde o retorno à Pátria, os vários governos da RAEM têm-se dedicado também à promoção da actividade física junto da população. Tem vindo a ser dada grande atenção ao aumento do nível competitivo dos desportistas locais, apoiando-se e encorajando-se entidades de Macau a organizarem e participarem em eventos e competições dentro e fora da RAEM.

A par dos esforços dos atletas locais, as autoridades têm investido bastantes recursos no desporto de alta competição. Dois exemplos são o “Plano de Apoio Financeiro para Formação de Atletas de Elite” e a criação do Centro de Formação e Estágio de Atletas, inaugurado em 2019 e especialmente concebido para o treino de desportistas de alto rendimento.

Os resultados têm aparecido: depois de Macau ter conquistado duas medalhas de ouro em Jogos Asiáticos

no sector masculino – pelos atletas de wushu Jia Rui, em 2010, e Huang Jun Hua, em 2018 –, a RAEM viu no ano passado Li Yi vencer naquela competição a prova feminina de wushu na variante changquan.

Segundo o presidente do Comité Olímpico e Desportivo de Macau, China, Chan Chak Mo, “desde o retorno à Pátria, Macau tem realizado e introduzido na cidade eventos desportivos de diferentes tipos, tendo igualmente criado uma série de eventos de marca”. Além disso, aponta o também deputado à Assembleia Legislativa, houve “enormes melhorias” no que toca aos equipamentos desportivos de uso público. Tudo isto, refere, “lançou uma base sólida” para o desenvolvimento do sector desportivo de Macau.

Chan Chak Mo salienta o papel-charneira do Governo na organização de grandes eventos desportivos anuais, que não só atraem desportistas de topo para a RAEM, como levam muito público às bancadas. O dirigente dá o exemplo de eventos já consolidados, como as Regatas Internacionais de Barcos-Dragão de Macau, mas também de provas que entraram em anos recentes no calendário desportivo local, apoiadas por empresas de turismo e lazer integrados, como é o caso do Torneio de Campeões WTT Macau, em ténis de mesa.

Estes eventos “atraem muitos amantes do desporto” para assistirem às provas, refere Chan Chak Mo, enfatizando que “uma indústria desportiva em expansão pode impulsionar o desenvolvimento económico”, através do turismo desportivo.

O presidente do comité olímpico local sublinha que a organização de grandes eventos em Macau pode igualmente contribuir para o progresso do sector desportivo local. “A realização de eventos de desporto de grande dimensão não apenas fornece oportunidades de intercâmbio para atletas locais, mas também pode ajudá-los a adquirir novas técnicas e competências com atletas de outros países, mais avançados em termos desportivos”, nota o dirigente.

“Macau está a aproveitar ao máximo as suas próprias vantagens”, conclui Chan Chak Mo, “esforçando-se por promover a construção de uma ‘Cidade de espectáculos e desporto’”. ▲

46

Número total de equipamentos que integram a Rede das Instalações Desportivas Públicas

BALANÇO DE MANDATO

CONJUNTURA DA RAEM “PRÓSPERA E ESTÁVEL”

Foram dados “passos firmes” e, com espírito de perseverança e resiliência, Macau alcançou resultados positivos, mesmo perante dificuldades e desafios. Foi deste modo que Ho Iat Seng definiu o seu mandato na última ida à Assembleia Legislativa enquanto Chefe do Executivo

Texto **Tiago Azevedo**

 CHEFE do Executivo, Ho Iat Seng, considera que foram alcançados “novos resultados” na evolução dos vários sectores da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e que a conjuntura da região “continua próspera e estável”. Foi assim que Ho Iat Seng definiu o

último ano do mandato do Quinto Governo da RAEM, naquela que foi a sua última deslocação à Assembleia Legislativa enquanto líder do Governo.

Ho Iat Seng apresentou no hemicycle, no dia 19 de Novembro, o “Balanço das Acções do Governo Realizadas no Ano Financeiro de 2024”, bem como uma retrospectiva da acção governativa nos últimos cinco anos.

O próximo líder do Governo, Sam Hou Fai, que deve tomar posse a 20 de Dezembro, sucede a Ho Iat Seng no cargo.

No seu discurso na Assembleia Legislativa, Ho Iat Seng afirmou que, ao longo dos últimos cinco anos, “sob a forte liderança do Governo Central, tendo como núcleo o Presidente Xi Jinping, e com os esforços de todos os sectores sociais e da população de Macau, o Quinto Governo da RAEM tem persistido na implementação de forma plena, correcta e firme do princípio ‘um país, dois sistemas’”, no sentido de salvaguardar o que

está consagrado na Constituição da República Popular da China e na Lei Básica da RAEM.

O líder do Governo frisou que, ao longo dos últimos cinco anos, foram alcançados novos resultados no que diz respeito à diversificação adequada da economia de Macau. “A promoção da diversificação adequada da economia é indispensável para a prosperidade a longo prazo e o desenvolvimento sustentável de Macau”, sublinhou Ho Iat Seng, lembrando que este ano se assinala o 25.º aniversário do retorno de Macau à Pátria.

O Quinto Governo da RAEM “tem persistido na promoção da diversificação adequada da economia como a primeira prioridade da acção governativa, desenvolvendo, de forma empenhada e ininterrupta, actividades para o efeito, mesmo perante os desafios resultantes” da pandemia da COVID-19, destacou o responsável.

Segundo Ho Iat Seng, o Governo apresentou, “de forma inédita”, a estratégia de desenvolvimento



O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng (esq.), cumprimenta o presidente da Assembleia Legislativa, Kou Hoi In

diversificado da economia “1+4”, que tem o sector do turismo e lazer como pedra basilar, apostando no desenvolvimento prioritário de quatro áreas: tecnologia de ponta; “big health”; indústria financeira moderna; e convenções, exposições, comércio, cultura e desporto. Neste contexto, acrescentou, o Governo traçou um “plano sistemático e abrangente” onde foram definidas “107 tarefas principais e 215 projectos prioritários”

Em 2023, o valor acrescentado bruto das quatro indústrias prioritárias atingiu cerca de 39,1 mil milhões de patacas, representando um aumento de 6,9 por cento em relação ao valor registado em 2019, afirmou. Por outro lado, destacou, o sector do jogo constituiu 37,2 por cento do produto interno bruto (PIB) da RAEM em 2023, “representando um decréscimo de 14 por cento em relação ao registado em 2019, enquanto as indústrias prioritárias ganham

presentemente um peso cada vez maior na economia global local”.

Recuperação económica

De acordo com o Chefe do Executivo, a economia de Macau “encontra-se numa fase de recuperação firme, tendo sido registados números positivos e seguros em relação aos principais indicadores económicos, alguns deles superiores aos registados em 2019”.

Até ao fim do terceiro trimestre de 2024, o PIB local situou-se em 300,9 mil milhões de patacas, “registrando um crescimento substancial de 11,5 por cento em comparação com o mesmo período do ano anterior”, disse Ho Iat Seng.

O responsável referiu ainda que o Governo da RAEM “adoptou uma política financeira activa, no sentido de acelerar o investimento em infra-estruturas, aumentar a procura interna, dinamizar a economia e resistir aos impactos resultantes da pandemia”.

Entre 2020 e 2024, as despesas do Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da

Administração (PIDDA) atingiram o valor total de 78,8 mil milhões de patacas e, entre 2020 e 2023, a taxa média de execução orçamental foi de cerca de 91 por cento, “representando um aumento significativo” em relação às anteriormente registadas, salientou o líder do Governo.

Ho Iat Seng lembrou também que a reserva financeira da RAEM se manteve “em estado consistente e seguro”, apesar de, durante a pandemia, ter sido utilizado um valor total de “160 mil milhões de patacas para fazer face ao défice financeiro registado durante quatro anos, dos quais 130 mil milhões de patacas

foram destinados à adopção de medidas para dinamizar a economia e apoiar a população”.

Em Setembro de 2024, a reserva financeira de Macau cifrou-se, em termos de estimativa preliminar, em cerca de 617 mil milhões de patacas, um aumento de 43,5 mil milhões de patacas em relação ao período homólogo de 2019.

Com a recuperação gradual da economia, entre Julho e Setembro de 2024, a taxa de desemprego dos residentes rondou os 2,3 por cento, representando um decréscimo de 3,2 pontos percentuais face ao pico da pandemia e “encontrando-se no melhor nível desde [que se iniciou]

Linha de defesa da segurança do Estado

NOS ÚLTIMOS cinco anos, devido à extrema complexidade da conjuntura da segurança nacional, o Quinto Governo da RAEM assumiu “uma maior responsabilidade no estabelecimento efectivo de uma linha de defesa da segurança do Estado estritamente alinhada com a do Governo Central”, salientou Ho Iat Seng, no balanço do seu mandato.

O Chefe do Executivo lembrou que foi criado, no âmbito da Comissão de Defesa da Segurança do Estado da RAEM, o “regime de assessoria para a segurança nacional”. Além disso, em 2023, concluiu-se a revisão da “Lei relativa à defesa da segurança do Estado” e foi “dada continuidade à promoção dos trabalhos de elaboração de diplomas complementares e de revisão legislativa”, sublinhou Ho Iat Seng.

O responsável afirmou ainda que o Quinto Governo

da RAEM prosseguiu “rigorosamente a direcção correcta do princípio ‘um país, dois sistemas’, no sentido de orientar os diversos sectores da sociedade no âmbito da divulgação e implementação efectiva das importantes decisões e estratégias do Governo Central”.

Nesse âmbito, foram concluídas a revisão da “Lei eleitoral para o Chefe do Executivo” e da “Lei eleitoral para a Assembleia Legislativa da Região Administrativa Especial de Macau”, de modo a “melhor consolidar o nível de segurança do regime jurídico eleitoral da RAEM”, salientou.

Ho Iat Seng disse também que, durante o mandato do actual Governo, foram envidados esforços para elevar o “sentido de identidade e pertença dos jovens à Pátria” e fortalecer “as forças do amor à Pátria e a Macau”. ▲



Digitalize o código QR para ler o Balanço das Acções do Governo Realizadas no Ano Financeiro de 2024



a recolha desses dados estatísticos”, frisou o Chefe do Executivo.

Turismo de qualidade

Ho Iat Seng realçou que o Quinto Governo da RAEM tem vindo a promover “a integração intersectorial do turismo no sentido de aperfeiçoar o actual sistema turístico moderno, através da criação de novas actividades de ‘turismo+’, impulsionando o desenvolvimento do turismo de alta qualidade”.

Nos primeiros nove meses de 2024, Macau registou um total de 25,9 milhões de entradas de turistas, uma recuperação para 85,8 por cento do verificado no período homólogo de 2019, e das quais quase 1,68 milhões disseram respeito a visitantes provenientes de outros países, o que representa cerca de 70,7 por cento do registado no mesmo período de 2019.

Durante o balanço na Assembleia Legislativa, o Chefe do Executivo lembrou também que se procedeu ao aperfeiçoamento do regime jurídico aplicável ao sector do jogo, “no sentido de reforçar a fiscalização e execução da lei, de

combater o jogo ilegal online, o crime de branqueamento de capitais, a troca ilegal de dinheiro, a transacção transfronteiriça de capitais ilegais e de regular efectivamente o desenvolvimento do sector do jogo”.

Nos termos da lei, o processo relativo às novas concessões para a exploração de jogos de fortuna ou azar foi concluído durante o mandato do actual Governo, tendo vindo a ser criado um “mecanismo de desenvolvimento dos elementos não-jogo”, que tem sido “fiscalizado rigorosamente” para assegurar o “cumprimento dos contratos de concessão por parte das concessionárias”.

Ho Iat Seng sublinhou ainda o progresso registado noutras áreas, nomeadamente a criação do Instituto para a Supervisão e Administração Farmacêutica de Macau e o aperfeiçoamento do sistema de apreciação, registo e gestão de medicamentos tradicionais chineses.

Foi também reforçado o sector financeiro da RAEM, com o estabelecimento da “Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau” e do “Sistema de Transacções dos Bilhetes Monetários e Obrigações”,

para além de ter sido implementado o regime de registo para a emissão pública de obrigações.

Também no que toca às indústrias de tecnologia de ponta foram alcançados avanços significativos. Foi lançado com sucesso, em 2023, o primeiro satélite científico espacial “Macau Science Satellite-1”, co-desenvolvido pelo Interior da China e Macau, num esforço elogiado por escrito pelo Presidente Xi Jinping.

No que diz respeito às indústrias de convenções e exposições, de comércio e de cultura e desporto, Ho Iat Seng salientou que, em 2023 e 2024, Macau foi distinguida, consecutivamente, como “Melhor Cidade de Convenções da Ásia” e a “Best BT-MICE City”.

Foi também acelerado o desenvolvimento de Macau como “Cidade do Espetáculo” e “Cidade do Desporto”, tendo sido realizado, entre 2020 e 2024, “um total de 60 eventos desportivos e 56 eventos artísticos e culturais de grande envergadura, que contaram com mais de 21 milhões de pessoas”, adiantou o governante.

Bem-estar da população

Ao longo dos últimos cinco anos, o Governo “tem persistido no princípio fundamental de agir em prol da população”, assegurou Ho Iat Seng.

“Apesar dos sérios desafios resultantes da pandemia em relação à economia e às receitas financeiras de Macau, e de terem sido registados défices orçamentais do governo



A construção de infra-estruturas e de uma Macau moderna foi um dos focos da acção governativa nos últimos cinco anos

durante quatro anos consecutivos, o Governo da RAEM garantiu a prioridade do bem-estar da população, tendo lançado, durante vários anos consecutivos, uma série de políticas em prol do bem-estar da população”, acrescentou.

Segundo dados oficiais, a percentagem das despesas com projectos relacionados com educação, saúde, segurança social, habitação, serviços sociais e comunitários no orçamento do Governo aumentou de 39,2 por cento, em 2019, para 44,8 por cento no corrente ano.

Durante o mandato do Quinto Governo da RAEM, foi implementada a política de habitação dividida em cinco classes, tendo sido aumentado significativamente o investimento na habitação pública, para um valor total de 15,9 mil milhões de patacas em cinco anos.

Além da criação de um sistema educativo com altos padrões, foi registada uma “melhoria significativa” na qualidade dos serviços médicos nos últimos cinco anos, frisou o governante, lembrando que foram concluídas as obras de construção de importantes

infra-estruturas médicas, designadamente, do Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas – Centro Médico de Macau do Peking Union Medical College Hospital (Hospital Macau Union) e do Edifício de Especialidade de Saúde Pública.

Ho Iat Seng referiu também que, nos últimos cinco anos, o Governo da RAEM “impulsionou, de forma acentuada, a reforma administrativa, tendo a governação electrónica como ponto de partida” para o aumento da qualidade dos serviços prestados à população.

Infra-estruturas e integração

Desde 2019, foram concluídas várias obras importantes para a “construção de uma cidade com condições ideais de vida”, além de ter sido elaborado o “Plano Director da RAEM (2020-2040)”, recordou o Chefe do Executivo.

Durante o mandato do presente Governo, foram concluídas as obras de extensão da Linha da Taipa até à Estação da Barra e as obras da Linha Seac Pai Van e da

Linha Hengqin do Metro Ligeiro, tendo-se, ainda, iniciado as obras do projecto da Linha Leste, que devem estar concluídas em 2029. A Ponte Macau entrou em funcionamento em Novembro do corrente ano e foram iniciados os trabalhos do aterro e da ampliação do Aeroporto Internacional de Macau.

O responsável lembrou ainda que foram elaborados o “Planeamento da Protecção Ambiental de Macau (2021-2025)” e a “Estratégia de Descarbonização a Longo Prazo de Macau” durante o mandato do actual Governo, tendo sido concluída a construção de 20 zonas de lazer e instalações de diversão.

No seu discurso, Ho Iat Seng salientou que Macau enfrenta um “novo cenário” em virtude da integração no desenvolvimento nacional, o que representa “a chave para um novo rumo, espaço e dinamismo do futuro desenvolvimento da RAEM”.

O Chefe do Executivo afirmou que foi criada, em 2021, a “Comissão de Trabalho para a Integração no Desenvolvimento Nacional”, tendo sido reforçada a promoção da

Orçamento para 2025 mantém benefícios fiscais

NO SEU discurso na Assembleia Legislativa, Ho Iat Seng frisou que chegou a um consenso com o próximo Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, relativamente ao programa orçamental para o ano financeiro de 2025, de forma a “garantir a estabilidade e o desenvolvimento da RAEM”.

Segundo Ho Iat Seng, o programa orçamental para 2025 inclui as despesas administrativas necessárias ao normal funcionamento dos serviços públicos, o pagamento das despesas que o Governo assumiu para o próximo ano, a dotação financeira para as obras a realizar no primeiro trimestre do próximo ano e a “manutenção das medidas de redução e isenção de impostos e de despesas que têm vindo a ser adoptadas nos últimos anos”.

O Chefe do Executivo disse que serão mantidos o “Programa de Comparticipação nos Cuidados de Saúde” e o “Plano de Comparticipação Pecuniária”, com o montante de 10.000 patacas para cada residente permanente e de 6000 patacas para cada residente não permanente.

Sob a premissa do saldo orçamental positivo, o Governo pretende, no próximo ano, continuar a injectar na conta individual de cada residente uma verba adicional de 7000 patacas, adiantou. Além disso, manter-se-ão as medidas de apoio existentes destinadas aos grupos mais vulneráveis. O Chefe do Executivo disse ainda que “serão mantidas as medidas de redução e isenção fiscal favoráveis aos residentes, adoptadas em 2024”.

COM a manutenção das referidas medidas de isenção e redução de taxas e impostos em 2025, o montante total envolvido será, aproximadamente, de 4,8 mil milhões de patacas. ▲

construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin através de um novo modelo de negociação, construção e administração conjunta. As autoridades da RAEM também participaram “proactivamente” na construção da Zona da Grande Baía Guangdong-Hong Kong Macau, bem como na implementação da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, tendo ainda consolidado e alargado a cooperação com os países de língua portuguesa.

O actual Governo da RAEM elaborou, em 2021, o “Segundo Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da Região Administrativa Especial de Macau (2021-2025)”. Desde a sua implementação, os principais indicadores do desenvolvimento socioeconómico atingiram basicamente os objectivos previstos, pois a maior parte dos projectos prioritários encontra-se concluída ou a ser promovida de acordo com o plano, sublinhou o governante.

O Governo da RAEM empenhou-se também na aceleração do desenvolvimento sinérgico entre as indústrias, participando na construção do corredor da ciência e tecnologia e da inovação Guangzhou-Shenzhen-Hong Kong-Macau, realçou Ho Iat Seng.

“Com passos firmes, espírito de perseverança e resiliência, avançámos juntos nestes cinco anos extraordinários”, disse o Chefe do Executivo, acrescentando que foi uma “grande honra desempenhar tão nobre cargo”. ▲

HABITAÇÃO

ABRIR PORTAS AOS IDOSOS



O Governo inaugurou em Setembro um edifício integralmente adaptado para idosos de Macau. O projecto, elogiado por ter sido concebido a pensar na inclusão, pode ser a base para melhor delinear a política de habitação da região

Texto **Tony Lai**

A REGIÃO Administrativa Especial de Macau (RAEM) abriu um novo capítulo no que diz respeito aos cuidados e serviços prestados aos idosos, com a inauguração, a 26 de Setembro, da nova Residência do Governo para Idosos. O projecto visa melhorar as condições de vida e o bem-estar geral da população idosa face ao progressivo envelhecimento demográfico em Macau.

Localizada no Lote P da Areia Preta, na península de Macau, a Residência do Governo para Idosos ocupa uma área total de 125 mil metros quadrados, composta por um total de 1815 apartamentos residenciais distribuídos por duas torres de 37 andares. O complexo alberga também três pisos subterrâneos destinados a lugares de estacionamento.

Com um custo superior a 2,1 mil milhões de patacas, o complexo residencial foi integralmente adaptado para idosos, estando repleto de diversas infra-estruturas que encorajam à participação em actividades comunitárias, tais como uma ampla plataforma ajardinada e um clube recreativo com uma área de 3 mil metros quadrados. O clube oferece uma variedade de instalações, incluindo uma sala para espectáculos de ópera cantonense, uma sala de karaoke, um ginásio e uma sala de leitura.

Segundo a secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U, na actual “conjuntura em que Macau transita para uma sociedade envelhecida, o

Governo da RAEM lançou proactivamente uma série de iniciativas (...) mobilizando a comunidade para facilitar uma vida plena aos cidadãos idosos e promover a sua integração na comunidade”.

“Servindo como um esforço interdepartamental fundamental do Governo da RAEM, o desenho da Residência do Governo para Idosos atende meticulosamente às necessidades práticas dos nossos residentes idosos”, salientou a governante durante a cerimónia de inauguração do complexo, no final de Setembro.

Este conceito inovador de alojamento especializado para idosos foi inicialmente proposto nas Linhas de Acção Governativa para o Ano Financeiro de 2020, com o objectivo de aliviar os desafios enfrentados pela população idosa, especialmente aqueles que residem em edifícios antigos sem elevadores. A iniciativa faz parte da estrutura da habitação de Macau, dividida em cinco classes: habitação social, especificamente para arrendamento; habitação económica, fracções públicas para venda; habitação intermédia, destinada nomeadamente a residentes não elegíveis para habitação económica; as residências para idosos; e a habitação privada.

Inclusão e bem-estar

Segundo Ao Ieong U, além de proporcionar um ambiente confortável, a Residência do Governo para Idosos “integra tecnologia de ponta, um sistema doméstico inteligente e instalações concebidas a pensar na inclusão”.

O projecto, realçou, “dispõe ainda de um clube, um centro de saúde para idosos, apoio de emergência, assistência social e outros serviços essenciais, todos destinados a garantir a segurança e a participação comunitária activa” dos residentes idosos.

Os apartamentos residenciais do novo complexo público para idosos foram concebidos para servir residentes permanentes da RAEM com 65 anos ou mais, oferecendo a flexibilidade de inscrição individual ou em pares. No caso de candidaturas conjuntas, um membro deve cumprir o requisito de idade igual ou superior a 65 anos, enquanto o segundo membro tem

de ter pelo menos 60 anos. Esta opção está aberta não só a casais, mas também a familiares e amigos que se candidatem em conjunto.

As taxas mensais de utilização a pagar por estes apartamentos variam entre as 5410 patacas e as 6680 patacas. No entanto, para os candidatos habilitados que apresentaram, entre 6 de Novembro e 31 de Dezembro de 2023, a candidatura às primeiras 1518 unidades, a taxa de utilização – durante o período de vigência do primeiro acordo de utilização de três anos – é calculada com uma redução de 20 por cento por mês, de acordo com os regulamentos em vigor.

Durante a primeira fase de candidaturas, no ano passado, o Instituto de Acção Social (IAS) recebeu mais de 1500 candidaturas ao primeiro lote de apartamentos, representando mais de 2200 idosos locais – entre os quais cerca de 780 requerentes individuais e cerca de 1420 pedidos apresentados por duas pessoas.

Segundo dados do IAS, foi dada prioridade a idosos que vivem sozinhos ou em edifícios antigos sem elevadores. Até meados de Outubro, mais de 1300 idosos – de um total superior a 900 candidaturas – já tinham procedido à selecção do apartamento residencial.

O complexo entrou oficialmente em funcionamento a 15 de Outubro, com a gradual ocupação dos apartamentos pelos idosos que seleccionaram as unidades na primeira fase de candidatura, sendo que a ocupação dos restantes apartamentos residenciais já seleccionados terá lugar em 2025. No primeiro dia, o IAS organizou a assinatura do acordo de utilização com cerca de 40 candidatos idosos elegíveis.

Aumentar a oferta

Paul Pun Chi Meng, secretário-geral da Cáritas de Macau, uma organização sem fins lucrativos que gere serviços para idosos na cidade, elogia o projecto da Residência do Governo para Idosos, visto que ajuda a expandir as opções de alojamento para a população idosa.

“Estas residências destinam-se mais a idosos com maiores recursos financeiros”, afirma o responsável, acrescentando que a oferta complementa as mais de

mil unidades de habitação social disponíveis para idosos locais com recursos financeiros limitados e com rendas mensais mais baixas. Estes apartamentos de habitação social estão espalhados pelo Edifício Cheng Chong na Ilha Verde, o Edifício Fai Fu no Fai Chi Kei e o Edifício Toi Fai em Toi San.

A Residência do Governo para Idosos, sublinha Paul Pun, desempenha um “papel crucial” ao aliviar a crescente escassez de instalações de cuidados a idosos, uma vez que os residentes nesta faixa etária enfrentam um período de espera de pelo menos 18 meses para garantir um lugar num dos lares de idosos na região.

À medida que a população local continua a envelhecer, prevê-se que o tempo de espera nas instalações de cuidados a idosos aumente. Em 2020, os indivíduos com 65 ou mais anos constituíam mais de 14 por cento da população local, um número que deve ultrapassar os 21 por cento até 2029, de acordo com as Projecções da População de Macau (2022-2041) da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos.

“A Residência do Governo para Idosos destina-se a idosos com capacidade de autocuidado, que procuram algum nível de assistência e apoio de emergência, ao mesmo tempo que pretendem uma maior autonomia e privacidade em comparação com os centros tradicionais de cuidados a idosos”, refere Paul Pun. “A Residência do Governo para Idosos pode melhorar significativamente a qualidade de vida dos nossos idosos locais.”

Cada apartamento está mobilado com uma cama de solteiro ou duas camas de solteiro, bem como dispõe de decoração básica, cozinha, mobiliário,

1815
Número de apartamentos
no complexo residencial



O complexo residencial é composto por duas torres de 37 andares

eletrodomésticos e uma casa de banho totalmente equipada. Estas unidades estão também equipadas com dispositivos de gerontecnologia – soluções tecnológicas concebidas para adaptar os ambientes em que vivem os idosos – que emitem alertas de incêndios e inundações e auxiliam em casos de emergência.

Além disso, a Residência do Governo para Idosos dispõe de três restaurantes e estabelecimentos de comida no primeiro piso, e irá também contar com um supermercado.

O complexo alberga ainda um centro de apoio 24 horas e um centro de saúde para idosos, num esforço colaborativo entre o IAS e os Serviços de Saúde. Este centro de saúde irá oferecer uma vasta gama de serviços, contando com uma equipa de diferentes

profissionais médicos e integrando serviços de prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação, de modo a fornecer uma série de apoios de saúde aos idosos residentes. A conveniência será também alargada aos idosos através de serviços de telemedicina.

Além disso, o IAS estabeleceu também uma parceria com a União Geral das Associações de Moradores de Macau para lançar uma aplicação móvel focada no apoio a idosos que vivem sozinhos.

Transição suave, mais oferta

Chow Wai Yee, membro da Comissão para os Assuntos do Cidadão Sénior, defende o envolvimento das associações locais na formação de equipas de voluntários

para apoiar os idosos durante o período de transição para o novo complexo residencial do Governo. “Muitos destes idosos provavelmente residiram nas suas casas durante décadas, estabelecendo laços profundos com vizinhos das suas comunidades”, salienta a responsável. “A adaptação a um novo ambiente exigirá, sem dúvida, tempo (...) e é crucial abordar atentamente as suas necessidades [durante esta fase inicial]”, acrescenta.

No entanto, esta mudança representa um passo positivo para estes idosos, salienta a também secretária-executiva da Associação de Reabilitação Fu Hong de Macau. “O Governo estimou que cerca de 5000 a 6000 idosos vivem sozinhos ou como casais em edifícios antigos e sem elevadores, estando muitos destes edifícios em mau estado devido à gestão inadequada do imóvel. Assim, a Residência do Governo para Idosos

melhora significativamente as condições de vida dos idosos”, sublinha.

Após a inauguração do novo complexo residencial para idosos, a Direcção dos Serviços para os Assuntos de Tráfego começou a reforçar a segurança dos peões através da implementação de semáforos nas estradas adjacentes ao edifício. Serão também adicionadas paragens de autocarro, melhorando a acessibilidade à rede de transportes para os residentes idosos.

Com o actual desconto de 20 por cento aplicável por apenas três anos, Chow Wai Yee ressalva a necessidade de o Governo considerar estender esse período ou rever o esquema de arrendamento no futuro para que os requisitos estejam alinhados com a capacidade financeira dos inquilinos e para tornar este projecto mais apelativo para os idosos. Chow Wai Yee defende



Os apartamentos foram integralmente adaptados para serem utilizados por idosos

ainda que deveria ser planeada a construção de mais residências para idosos, dada a procura que se verificou por este primeiro complexo.

O Estudo sobre a Política de Habitação para Fins Residenciais da RAEM, publicado em 2022 pela Direcção dos Serviços de Estudo de Políticas e Desenvolvimento Regional, apontava que a procura por residências para idosos atingiria 2800 fracções no próximo ano, subindo para 3400 unidades no ano de 2030. De acordo com o documento, “após a conclusão do projecto pioneiro de residência para idosos, o Governo da RAEM irá determinar o número de fracções a serem construídas, tendo em conta a análise da proporção da população idosa, os dados de imóvel próprio, as características do imóvel próprio”, bem como “a situação concreta do pedido dos idosos”.

Para a deputada Ella Lei Cheng I, este projecto pioneiro deve servir para melhorar o planeamento futuro das necessidades habitacionais dos idosos. “Ao recolher meticulosamente informações sobre vários aspectos, como as taxas de utilização, o planeamento das infra-estruturas e as instalações da Residência do Governo para Idosos, o Governo pode melhorar a qualidade dos projectos futuros”, afirma. “Dados os amplos recursos disponíveis em termos de terrenos públicos, o

Governo está numa posição confortável para construir rapidamente unidades habitacionais adicionais para idosos, se tal for considerado necessário.”

Esforços concertados

Tendo em conta as actuais infra-estruturas que fazem parte da Residência do Governo para Idosos, a deputada sublinha a importância de alargar continuamente o leque de instalações e serviços disponíveis para os idosos, incluindo a prestação de serviços de apoio domiciliário. “Enquanto a Residência do Governo para Idosos serve pessoas com capacidade de autocuidado, esses idosos podem eventualmente deparar-se com acidentes ou doenças súbitas que necessitam de serviços de atenção domiciliar de forma intermitente”, exemplifica Ella Lei.

Actualmente, no âmbito da Residência do Governo para Idosos, para os residentes sem plena capacidade de autocuidado está disponível a opção de solicitar que um cuidador resida com eles e faça a gestão das suas necessidades diárias, sujeito a aprovação do IAS. Nos actuais regulamentos, não existem restrições específicas na relação entre os idosos e os cuidadores.

“Além dos sistemas de previdência social, pensões e benefícios existentes, a Residência do Governo para Idosos amplia ainda mais o leque de medidas de apoio aos idosos”, realça Ella Lei. “No entanto, dado o envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida dos residentes, mais esforços são necessários para atender às crescentes necessidades dos idosos”, adianta.

Uma opinião que tem eco nos comentários de Chow Wai Yee. “Alguns idosos residentes em edifícios mais antigos podem optar por sair da Residência do Governo para Idosos, preferindo permanecer nas comunidades a que chamam casa há décadas”, observa. “Por isso, é imperativo que o Governo continue a melhorar os serviços e a prestação de cuidados aos idosos dentro dessas comunidades, como a incorporação de mais produtos e soluções de gerontecnologia, além de procurar aumentar as cotas em lares de idosos, para melhorar o bem-estar geral destes residentes.” ▲



A Residência do Governo para Idosos melhora significativamente as condições de vida dos idosos”

CHOW WAI YEE,
MEMBRO DA COMISSÃO PARA OS
ASSUNTOS DO CIDADÃO SÉNIOR

INCUBAÇÃO DE EMPRESAS

NINHOS DE NEGÓCIOS

A diversificação adequada da economia de Macau passa também pela criação de novos projectos empresariais por parte de empreendedores locais. Na cidade, existem várias plataformas com o objectivo de fomentar a incubação de start-ups e a aceleração de negócios

Texto **Vitória Man Sok Wa**

VISAM apoiar a transformação de ideias inovadoras em empresas de sucesso, estimular o empreendedorismo e ajudar à criação de emprego. Numa penada, as várias plataformas de incubação de start-ups existentes em Macau pretendem incentivar o desenvolvimento de um tecido empresarial mais diferenciado e dinâmico, contribuindo para a diversificação adequada da economia local.

A ambição das incubadoras de negócios locais, porém, não se fica

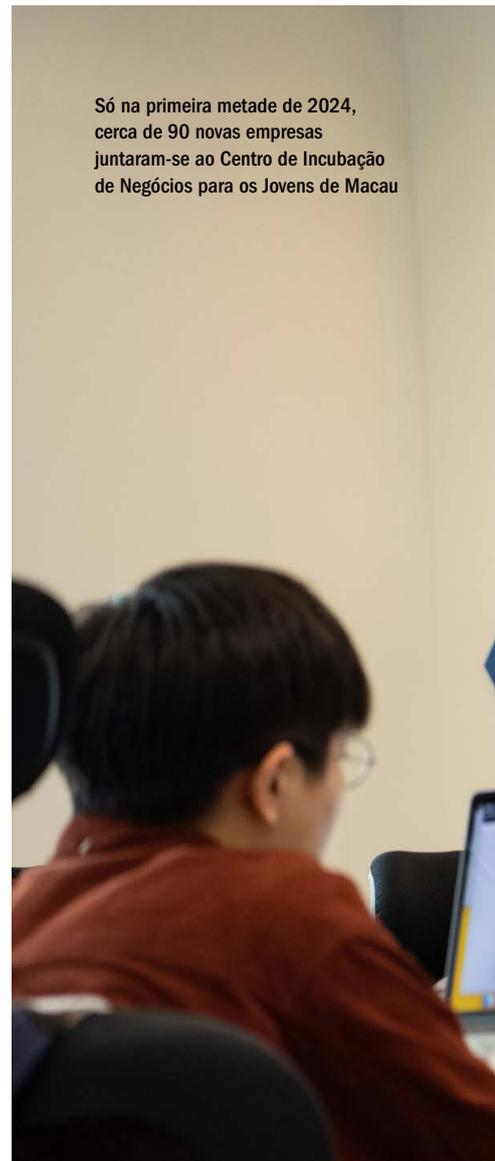
pelo mercado da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Parte dos esforços em curso pretende apoiar negócios que possam competir no contexto mais alargado da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e até mesmo entrar no mercado dos países de língua portuguesa.

Criada em 2017, a Companhia de MBOX, Limitada beneficiou, desde a sua fundação, do apoio de uma incubadora de empresas. O negócio oferece soluções de automação inteligente para retalho, desde o desenvolvimento de sistemas até à operação de máquinas inteligentes de venda

de produtos. O conceito está actualmente em fase de expansão para Hong Kong.

Em entrevista à Revista Macau, Lap Chan, co-fundador da MBOX, sintetiza o porquê da start-up se ter associado ao Centro de Incubação de Negócios para os Jovens de Macau (MYEIC, na sigla inglesa): procurar aumentar a exposição do seu projecto e assim ampliar a rede

Só na primeira metade de 2024, cerca de 90 novas empresas juntaram-se ao Centro de Incubação de Negócios para os Jovens de Macau





de potenciais parceiros e clientes. A isso, diz, surgiu associado um “benefício adicional”: a possibilidade de utilizar as instalações de escritório de “alta qualidade” disponibilizadas pelo centro aos seus membros, acessíveis 24 horas por dia, sete dias por semana. “Isso tornou a gestão da nossa empresa mais simples”, afirma o jovem empresário.

Para a MBOX, a rede de contactos disponibilizada pelo MYEIC foi a grande mais-valia oferecida pelo centro. “Para além de facilitar as ligações com entidades governamentais, resorts integrados e outros grupos empresariais importantes na cidade, o MYEIC também fornece acesso a contactos em Portugal, Hong Kong e no Interior da China”, afirma Lap Chan. “Estes

recursos têm sido fundamentais para facilitar o nosso crescimento.”

Apoiar e acelerar negócios emergentes

A incubação de empresas está longe de ser um conceito recente. O modelo surgiu originalmente em 1959, nos Estados Unidos da América, estendendo-se à Europa

e ao resto do mundo nas décadas seguintes.

Desde a viragem do século, o tema da incubação de empresas ganhou fôlego renovado, muito por conta de um “boom” ligado a projectos de base tecnológica, em particular relacionados com o sector da Internet. Programas inovadores de aceleração de negócios emergentes apoiando pequenas start-ups com propostas disruptivas tiveram, nos últimos 20 anos, um impacto transformador no panorama empresarial global.

Exemplos de gigantes digitais actuais que, nos seus primórdios, recorreram aos serviços de incubadoras de empresas são muitos e variados. Entre estes, estão o serviço de armazenamento de ficheiros digitais em nuvem Dropbox, a plataforma social Reddit ou o “marketplace” de arrendamento de curta duração Airbnb. Curiosamente, os três contaram com o apoio da mesma incubadora de empresas: a norte-americana Y Combinator, com sede no Silicon Valley, na Califórnia.

O fomento ao desenvolvimento empresarial proporcionado durante a fase de incubação de um novo projecto pode tomar diversas formas – tal depende não só do perfil da incubadora em causa, mas também das necessidades específicas de cada start-up. O objectivo primordial passa sempre por ajudar esses negócios emergentes a crescer e a tornarem-se sustentáveis.

O tipo de suporte oferecido pode passar pela disponibilização

de espaço físico – como áreas de escritório – a infra-estruturas e equipamentos especializados. A isso, soma-se o acesso a consultoria em áreas como estratégia empresarial, marketing, finanças e gestão.

Diversas plataformas de incubação de negócios proporcionam cursos de formação e workshops,

bem como acesso a “networking” com outros empreendedores e potenciais investidores. Há ainda incubadoras que disponibilizam apoio administrativo e acesso a canais especiais de financiamento. Por fim, surgir associado a uma incubadora de empresas com um histórico de sucesso no lançamento de projectos pode elevar a visibilidade



Para além de facilitar as ligações com entidades governamentais, resorts integrados e outros grupos empresariais importantes na cidade, o Centro de Incubação de Negócios para os Jovens de Macau também fornece acesso a contactos em Portugal, Hong Kong e no Interior da China”

LAP CHAN
CO-FUNDADOR DA START-UP MBOX



de uma start-up e facilitar a promoção das suas iniciativas.

No caso de Macau, como noutras jurisdições, a incubação de negócios é assegurada em diversas frentes. Uma delas é a universitária: várias instituições de ensino superior da RAEM – da Universidade de São José à Universidade de Turismo de Macau – possuem

unidades de incubação de empresas especialmente vocacionadas para apoiar a transformação em negócio de projectos desenvolvidos pelos seus alunos (e docentes). Para incentivar essa conversão, o Governo lançou em 2021 o Programa de Apoio Financeiro para Combinar Indústria-Universidade-Investigação com Empresas.

Por exemplo, o Centro de Inovação e Empreendedorismo da Universidade de Macau, criado em 2017, apoiou já a incubação de mais de meia centena de start-ups, de acordo com dados divulgados em Abril passado. Entre as empresas apoiadas, encontram-se projectos ligados a sectores tão variados como a cultura e indústrias criativas, protecção ambiental, tecnologias de informação, medicina ou biotecnologia, muitos deles visando como mercados potenciais não só a RAEM, mas também o Interior da China.

Incubar para diversificar

O estímulo à incubação de empresas ligadas à inovação tecnológica é referido no texto do “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia da Região Administrativa Especial de Macau (2024-2028)”. Aí, é enfatizada a importância de “facultar espaços temporários e gratuitos” a este tipo de projectos empresariais, com “vista a prestar apoio ao seu desenvolvimento”.

Para promover a inovação e o empreendedorismo jovem, o Governo da RAEM tem vindo a lançar uma série de medidas de apoio específicas, recordava o Secretário para a Economia e Finanças, Lei Wai Nong, durante uma intervenção na Assembleia Legislativa, no início do ano. Além da concessão, através do Plano de Apoio a Jovens Empreendedores, de um fundo sem juros para a criação de negócios,



o responsável enfatizou a constituição do MYEIC como meio de proporcionar aos empreendedores locais suporte e serviços diversificados no que toca à criação de negócios.

No ecossistema de incubação de empresas de Macau, o MYEIC é uma das estruturas de maior relevo. O centro foi lançado em 2015 pelo Governo e a sua gestão está

actualmente a cargo da Da Heng Qin (Macau) Co., Ltd.. As suas instalações – com uma área de 1.300 metros quadrados – situam-se no NAPE, local da cidade onde se concentram diversas empresas. O espaço oferece, entre outras valências, áreas de trabalho de utilização partilhada (“coworking”), uma sala de conferências e uma sala para “roadshows”. Adicionalmente, o

MYEIC disponibiliza serviços de consultoria jurídica e fiscal, além de acesso a eventos promocionais e de intercâmbio, nomeadamente com entidades congéneres do Interior da China e dos países de língua portuguesa.

A fatia de leão das mais de 500 empresas actualmente associadas ao centro dedica-se a actividades científicas e tecnológicas. O número



O Macao Startup Club organiza regularmente eventos de “networking” entre jovens empreendedores para discussão e partilha de ideias

de entidades apoiadas continua a aumentar a um ritmo considerável, com cerca de 90 novas empresas a juntarem-se ao MYEIC durante os primeiros seis meses de 2024.

A importância do primeiro passo

A Yorkshire Online Academy Ltd., fundada em 2018, entrou para o

centro logo nesse ano. Desde então, tem vindo a procurar expandir o seu negócio à escala global, com o apoio do MYEIC.

A empresa oferece uma plataforma digital de ensino de línguas. O negócio proporciona cursos de inglês, português, mandarim e espanhol, para além de organizar programas de Verão no Reino Unido.

“O MYEIC facilitou a identificação de potenciais oportunidades de investimento. Além disso, a nossa empresa participa activamente em workshops e eventos do centro, procurando melhorar o nosso modelo de negócio e expandir a nossa rede de contactos”, afirma Nicky Wong Man Teng, fundadora da Yorkshire Online Academy.

A empreendedora elogia o papel da incubadora na promoção de ligações empresariais. “A MYEIC facilitou a nossa parceria com o grupo de telecomunicações 3 Macau e 3 Hong Kong, bem como a obtenção de financiamento por parte do programa de incubação de empresas” do parque empresarial Cyberport, em Hong Kong, nota Nicky Wong.

Para lá do apoio formal proporcionado pelas incubadoras de empresas, um grupo de jovens locais com uma paixão comum pelo empreendedorismo estabeleceu em 2017 uma plataforma visando prestar auxílio a outros jovens interessados em lançar o seu próprio negócio. O Macao Startup Club pretende servir como um fórum para partilha de ideias inovadoras. O principal objectivo é criar um

ambiente propício ao fomento de start-ups e do empreendedorismo.

A abordagem do clube distingue-se da dos grandes centros de incubação, uma vez que procura promover um ambiente mutuamente benéfico, onde cada membro pode prosperar com a ajuda dos restantes membros como um todo. Isto é conseguido através da partilha de conhecimento, informação e contactos.

As actividades da plataforma abrangem desde programas de mentoria a concursos e workshops, passando ainda por aconselhamento financeiro. O clube já organizou mais de 60 eventos de “networking”, incluindo o “Startup Monthly”, que reúne regularmente jovens empresários de diversos sectores para discussão e partilha de ideias. Nos últimos sete anos, de acordo com os seus representantes, o grupo facilitou parcerias entre mais de mil empresas na área da Grande Baía.

James Si Tou, presidente do clube, reconhece que “o empreendedorismo local é condicionado por uma série de factores”, incluindo o mercado “relativamente limitado”. O empresário defende que, ainda assim, existem oportunidades significativas em Macau, dada a força do sector do turismo. Além disso, diz, “uma nova empresa não se deve focar apenas nas exigências de um único mercado geográfico”, sublinhando a importância de um empreendedorismo com uma visão sem fronteiras. ▲



MARCAS DE MACAU

CONTEMPORANEIDADE

A empresa Comidas Wong Chi Kei (Macau), Lda., a caminho de completar oito décadas de vida, celebra os sabores da tradição, mas também um projecto familiar partilhado. Os contributos de três gerações são a base de um negócio que, embora de cariz tradicional, não se atrasa perante a passagem do tempo



E TRADIÇÃO

Texto **Cherry Chan**

Fotografia **Cheong Kam Ka**

○ RESTAURANTE de cinco andares, em pleno Largo do Senado, era uma ambição antiga do fundador. Wong Wun Chi queria que a empresa Comidas Wong Chi Kei (Macau), Lda. estivesse na zona nobre da cidade, marcando o culminar do longo caminho que o negócio tinha já percorrido. O sonho tornar-se-ia realidade em 2000, já após o seu falecimento, com o filho Wong Tin a insistir em honrar o desejo do pai. É hoje o único estabelecimento de restauração a operar com porta aberta para aquele que é um dos principais cartões de visita de Macau.

Das mesas do Estabelecimento de Comidas Wong Chi Kei no Largo do Senado, pode-se apreciar a calçada de estilo português, mas também os sabores característicos da massa de fitas de tipo “jook-sing”, amassada com recurso a grandes canas de bambu. Servida ao estilo de sopa de fitas, seja com “wontons” de camarão ou porco,

ou com ovas de camarão, a massa é um dos “ex-libris” da Wong Chi Kei, negócio agora a cargo da terceira geração da família proprietária.

As origens da empresa remontam a 1946, enquanto actividade ambulante. Foi na província de Guangdong, na cidade de Dongguan, a cerca de uma centena de quilómetros de Macau, que Wong Wun Chi se lançou na venda de rua, carregando as suas massas de fitas ao ombro, com a ajuda de uma vara.

O sucesso levou-o, cerca de cinco anos depois, a trocar a rua por uma loja de pedra e cal, na capital provincial, Guangzhou. Uma nova mudança de localização haveria de suceder dali a alguns anos, com a vinda de Wong Wun Chi para Macau e a abertura, em 1959, da primeira unidade do Estabelecimento de Comidas Wong Chi Kei na cidade, na tradicional Rua de Cinco de Outubro – o local continua em operação, 65 anos depois.

A força do bambu

Mais do que preservar uma história familiar de três gerações, a Wong Chi Kei mantém viva uma

parte do património de Macau. O negócio dedica-se à confecção de massa “jook-sing”, uma prática inscrita em 2020 no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

Este tipo de massa é típico da gastronomia cantonense. A mistura é tradicionalmente amassada com a ajuda de grandes canas de bambu (daí a expressão “jook-sing”, em cantonês). O artesão senta-se repetidamente em cima do bambu – algo conhecido como “cavalgar a cana” –, controlando o processo de pressão e o ritmo do batimento do bambu na massa, a fim de criar uma mistura compacta e consistente. Posteriormente, esta é espalmada em forma de folha, é dobrada várias vezes, cortada em finos fios e, por fim, conservada em rolos.

A massa “jook-sing” utiliza muitos ovos de pato, “o que cria uma grande tensão na mistura e torna difícil amassá-la bem apenas com as mãos”, explica Wong Yu Fei, neto do fundador e director de desenvolvimento de negócio da empresa. “Por isso, usa-se a cana de bambu, empregando a teoria da alavanca”, permitindo aumentar a força aplicada sobre a mistura ao amassá-la.

Na Wong Chi Kei, a confecção de massas “jook-sing” esteve presente desde o início: começou com o próprio fundador, que lançou o negócio após algum tempo como aprendiz junto de um mestre local em Guangdong. Com o passar do tempo, a empresa adaptou-se à modernidade. Parte das operações foi



Durante a produção de massa de fitas “jook-sing”, a mistura é amassada com recurso a grandes canas de bambu

automatizada, mas os proprietários orgulham-se de ainda realizar uma porção do processo de produção de forma manual e com recurso às tradicionais canas de bambu.

Wong Yu Fei enfatiza que há ciência na utilização do bambu na preparação de massas “jook-sing”. Por isso, aquando do processo de automatização parcial das operações, a família desenvolveu as suas próprias fórmulas matemático-mecânicas de produção, de forma a assegurar que a introdução de maquinaria não teria impacto na qualidade da massa. No Japão, encontrou uma empresa capaz de fabricar maquinaria especializada segundo as suas especificações.

Para lá dos restaurantes

A adopção de uma produção parcialmente automatizada – com a

inauguração de uma unidade fabril na zona do Iao Hon – coincidiu com a passagem de testemunho da liderança da Wong Chi Kei do fundador Wong Wun Chi para um dos filhos, Wong Tin. Formado no Japão, onde desenvolveu uma sensibilidade para a importância do “branding”, o novo homem-forte da empresa decidiu investir na criação de uma imagem própria para a Wong Chi Kei. Além da abertura do estabelecimento de comidas no Largo do Senado, a empresa chegou mesmo a ter presença no mercado da restauração de Hong Kong.

Mais tarde, já pela mão de Wong Yu Fei, surgiu o desenvolvimento de uma gama de produtos para turistas. A entrada no segmento das lembranças alimentares formalizou-se em 2016, através da marca “Yea Yea” – um termo para “avô” em cantonês, em forma de

homenagem ao fundador. Além de massas de fitas, a marca oferece diversos tipos de canja chinesa, bem como condimentos – os produtos estão disponíveis tanto em Macau como em Hong Kong.

“Os italianos têm o esparguete, os japoneses têm o ‘ramen’. Porque não podemos ter a nossa própria massa ao estilo cantonês, para os visitantes levarem para casa após visitarem Macau?”, questiona Wong Yu Fei. A marca “Yea Yea” nasceu, assim, com o propósito de “introduzir a massa cantonesa ao mundo”, diz.

A aposta na inovação é uma componente essencial do projecto, com a procura constante pelo aperfeiçoar das técnicas de confecção. Em 2019, o esforço foi compensado: a “Yea Yea” tornou-se na primeira marca de Macau com produtos distinguidos com medalha de ouro no

prestigiado concurso internacional Monde Selection de La Qualité. “Fomos o primeiro vencedor de sempre de uma medalha de ouro na categoria de massas de fitas proveniente da Grande China”, sublinha Wong Yu Wei. Desde então, os prémios Monde Selection têm-se sucedido.

Um esforço inter-geracional

Wong Yu Fei sublinha o papel de cada uma das três gerações da família proprietária para fazer prosperar a empresa. “O meu avô começou por fazer massa de fitas com recurso a canas de bambu para ganhar a vida e assim poder alimentar a família. O meu pai, como elemento da segunda geração, teve a responsabilidade de transformar a nossa massa de fitas numa marca, de a levar a mais pessoas”, explica.

Para a actual geração, continua Wong Yu Fei, fica a tarefa de honrar o trabalho árduo do pai e do avô. “Isso é algo muito importante e especial para mim”, diz.

Um momento capital para se mostrar à altura dos antecessores foi a pandemia da COVID-19. O sector da restauração foi particularmente atingido pela necessidade de assegurar o distanciamento social, que também reduziu a vontade das pessoas durante esse período de fazer refeições fora de casa.

“Não foi uma perda de negócio de 70 por cento ou 80 por cento, mas sim uma queda de 99 por

cento”, recorda Wong Yu Fei. No entanto, a marca “Yea Yea” permitiu manter uma fonte de receitas activa, recorda.

O responsável sublinha a importância, nessa altura, do apoio providenciado pelo Governo e por associações de cariz comunitário, através da realização de diversas iniciativas de apoio às pequenas e médias empresas. Wong Yu Fei recorda a realização de feiras comerciais no Interior da China promovendo produtos de Macau, onde a marca “Yea Yea” esteve presente.

Passada a pandemia, a vontade de promover os produtos da empresa no exterior ficou. “Temos trabalhado arduamente para sair de Hong Kong e Macau e apresentar esta massa ao mundo”, afirma Wong Yu Fei.

Diversos programas lançados pelo Governo têm ajudado à projecção do negócio. É o caso do “Plano das Lojas com Características Próprias”, organizado pela Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico. Este visa apoiar empresas locais com características singulares a operar nos sectores da restauração e do comércio a retalho. A unidade do Estabelecimento de Comidas Wong Chi Kei na Rua de Cinco de Outubro está incluída no regime e Wong Yu Fei reconhece os seus efeitos. “Após o alívio das restrições de viagem ligadas à COVID-19, muitos turistas vieram até nós – esse foi o melhor período ao nível do negócio em mais de 70 anos”, realça.



Os italianos têm o esparguete, os japoneses têm o ‘ramen’. Porque não podemos ter a nossa própria massa ao estilo cantonês, para os visitantes levarem para casa após visitarem Macau?”

WONG YU FEI

DIRECTOR DE DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIO DA COMIDAS WONG CHI KEI (MACAU), LDA

Olhando para o futuro, o objectivo é continuar a crescer, passando de uma empresa familiar para uma estrutura cada vez mais profissionalizada e moderna, afiança Wong Yu Fei, acrescentando que há a meta de desenvolver mais produtos ligados às lembranças alimentares. Potenciais novos segmentos de negócio estão sob avaliação, das massas instantâneas às bebidas à base de chá. “Espero que possamos atingir o objectivo de cumprir 100 anos de existência”, remata o responsável da Wong Chi Kei. ▲

VER VÍDEO AQUI ▶



HENGQIN

INTEGRAÇÃO (TAMBÉM)

A abertura da Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong, no passado mês de Setembro, representa mais um passo rumo a uma maior complementaridade entre Macau e a ilha vizinha de Hengqin. O estabelecimento segue o sistema educativo da RAEM, mas quer também aproveitar as oportunidades oferecidas pela sua localização na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau

Texto **Viviana Chan**

Fotografia **Ng Yuk Lin**

ALEX Chan, portador de Bilhete de Identidade de Residente (BIR) de Macau e pai de dois rapazes, mudou-se para a ilha vizinha de Hengqin, já parte do município de Zhuhai, do

Quando a segunda fase estiver concluída, a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong terá uma área total de 40.000 metros quadrados



PELA EDUCAÇÃO



outro lado da fronteira, há cerca de meio ano. Na altura, uma das suas maiores preocupações prendeu-se com a educação dos filhos. “Tínhamos apenas duas opções: procurar uma escola local em Zhuhai ou optar por atravessar a fronteira e voltar a Macau para estudar, fazendo o trajecto diariamente”, recorda.

Mal soube que a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong (Para Filhos dos Residentes de Macau) iria entrar em funcionamento em breve, oferecendo um modelo de ensino alinhado com o da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), não hesitou: a família fez logo a inscrição dos dois rapazes no estabelecimento de ensino.

Os portões da escola abriram-se para receber os novos alunos a 3 de Setembro. Trata-se do primeiro estabelecimento no Interior da China destinado a estudantes portadores de BIR de Macau, criado no contexto das políticas de integração regional entre a RAEM e Hengqin.

Um dos filhos de Alex Chan está no terceiro ano do ensino infantil, vulgarmente conhecido por “K3”. Já o irmão é aluno do segundo ano do ensino primário, nível comumente designado de “P2”. A família assegura que não podia estar mais feliz com a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong.

“Agora, as crianças podem estudar perto de casa, o que me deixa bastante satisfeito”, nota Alex Chan. O trajecto da residência até à escola leva apenas dez minutos, explica o progenitor, quando

anteriormente a família necessitava de sair de casa mais de uma hora antes do início das aulas.

Alex Chan também elogia as instalações do estabelecimento de ensino: “a atmosfera de aprendizagem é excelente, permitindo que as crianças evoluam num ambiente agradável”. As refeições disponibilizadas pela escola também o satisfazem. “A variedade na cantina é ótima, as crianças adoram”, aponta.

O encarregado de educação explica que, por um lado, a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong oferece aos portadores de BIR de Macau benefícios semelhantes aos disponíveis na RAEM

sob o regime de escolaridade gratuita. Por outro, consegue providenciar um leque de actividades extracurriculares ao ar livre que não é fácil encontrar em Macau, como remo ou equitação. Alex Chan diz que essa variedade não só contribui para a condição física das crianças, mas também diversifica o seu leque de interesses e aptidões.

Em termos globais, a família sublinha a satisfação com a mudança para Hengqin. A logística no que toca à educação das crianças e deslocação dos adultos para o emprego saiu beneficiada, considera Alex Chan. “Todos os dias, faço em apenas 20 minutos o trajeto

de Hengqin para trabalhar em Macau; esse tempo de deslocação curto faz-me sentir muito relaxado”, diz. Embora admita que há necessidade de mais equipamentos comunitários em Hengqin – por exemplo, parques infantis –, Alex Chan nota que existem já várias formas de entretenimento para os mais novos disponíveis na ilha: por exemplo, o parque temático Chime-long Ocean Kingdom, para o qual a família adquiriu passe anual.

Funcionar como exemplo

A Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong destaca-se enquanto projecto pioneiro e exemplo de



cooperação ao nível da educação entre Macau e o resto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Quem o diz é Lao Meng Ngai, director do estabelecimento de ensino.

A escola faz parte de um conjunto integrado de novas infra-estruturas em desenvolvimento em Hengqin, com funções de habitação, saúde e educação, visando que os portadores de BIR de Macau que optem por viver na ilha continuem a ter acesso a serviços sociais e outros benefícios que têm como referência aqueles disponíveis na RAEM. Tal encontra respaldo no “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, promulgado em Setembro de 2021 pelo Comité Central do Partido Comunista da China e pelo Conselho de Estado.

O documento, que surgiu no seguimento das “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, divulgadas dois anos antes, define a estratégia para o futuro da Zona de Cooperação Aprofundada, que abrange toda a ilha de Hengqin. É esperado que o processo de integração Macau-Hengqin leve a que, em 2035, cerca de 120.000 portadores de BIR da RAEM vivam na Zona de Cooperação Aprofundada.

Desde a sua inauguração, a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong tem atraído grande atenção. A respectiva direcção enfatiza



Uma das apostas da escola é o ensino ligado às novas tecnologias

que a filosofia pedagógica adoptada combina os padrões de Macau com as vantagens associadas à localização em Hengqin, o que proporciona aos alunos um ambiente de aprendizagem único.

Lao Meng Ngai explica que o estabelecimento conta com cerca de 260 alunos, abrangendo actualmente crianças desde o primeiro ano do ensino infantil até ao segundo ano do ensino primário. Os planos iniciais da direcção passavam por abrir uma turma por cada um destes níveis para o ano lectivo de 2024/2025. No entanto, face à procura, houve necessidade de elevar o número total de turmas.

De acordo com Lao Meng Ngai, a política de admissão da escola é bastante flexível. O estabelecimento pode aceitar alunos portadores de BIR de Macau, mas também provenientes de Hong Kong ou Taiwan, e ainda filhos de pessoas

estrangeiras titulares de documento de permanência no Interior da China. Isso, diz, torna a composição do corpo estudantil mais internacional e promove o intercâmbio cultural.

Ainda assim, a larga maioria dos estudantes do estabelecimento de ensino – cerca de 98 por cento – tem BIR da RAEM. Dois em cada três vivem junto da escola, na área habitacional do “Novo Bairro de Macau”, desenvolvido pela Macau Renovação Urbana, S.A., empresa da RAEM de capitais integralmente públicos.

O “Novo Bairro de Macau”, no qual se integra a escola, disponibiliza cerca de quatro mil apartamentos destinados primordialmente a portadores de BIR de Macau e é visto como tendo um papel essencial para atrair mais pessoas da RAEM a optar por viver em Hengqin. Uma das portas da Escola de Hengqin

Anexa à Escola Hou Kong dá acesso directo à zona residencial do complexo.

Expansão em curso

O director Lao Meng Ngai destaca a qualidade do design da Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong, da integração de espaços verdes à disposição dos equipamentos, “o que é significativamente diferente do que existe em Macau”. As áreas relvadas permitem que “os alunos se movimentem livremente ao ar livre, apanhem luz do sol e desfrutem do ambiente”, nota.

Além de salas de aula normais, para ensino de disciplinas como o chinês, matemática ou inglês, a escola conta com salas multifuncionais, proporcionando uma variedade de recursos educacionais. Por exemplo, há salas dedicadas ao ensino de tecnologias de informação, com ênfase na inteligência artificial, além de um espaço para a promoção do ensino da cultura tradicional chinesa, da pintura à caligrafia. Mesmo nas salas de aula normais, há inovações como o uso de quadros escolares digitais de carácter interactivo avançado.

Lao Meng Ngai explica que, ao longo dos próximos anos, a escola vai continuar a expandir-se: está em curso a construção de um edifício para alojar turmas de ensino secundário. Isso vai permitir que uma criança possa cumprir os 15 anos do ensino não-superior no estabelecimento, refere o director.



Quando a expansão estiver concluída, a escola terá capacidade para cerca de um milhar de estudantes. A área do estabelecimento passará dos actuais 20.000 metros quadrados para o dobro.

No que toca ao currículo, Lao Meng Ngai explica que, além de adoptar os padrões do sistema educacional de Macau, o estabelecimento segue o “Primary Years Programme” do International Baccalaureate (IB), um programa educacional global que está presente em mais de uma centena de países, destinando-se a crianças entre os três e os 12 anos.

O director considera que esta abordagem, por um lado, oferece aos alunos da escola uma visão

internacional. Por outro, assegura uma ligação com o sistema educativo da RAEM: tal como os jovens a estudar em Macau, os alunos da Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong finalistas do ensino secundário poderão inscrever-se em programas especiais de admissão a universidades de topo no Interior da China ou participar no exame unificado de acesso à Universidade de Macau, Universidade Politécnica de Macau, Universidade de Turismo de Macau e Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau.

O modelo de ensino do estabelecimento, acrescenta Lao Meng Ngai, também demonstrou ser atractivo no que toca à captação

“Recebemos muitas candidaturas [para o cargo de professor], com um grande número de docentes estrangeiros, assim como de Macau e do Interior da China”

LAO MENG NGAI
DIRECTOR DA ESCOLA DE HENGQIN
ANEXA À ESCOLA HOU KONG

de docentes. Ao contrário do que é usual em Macau, a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong estendeu a sua rede de recrutamento a todo o território nacional, o que permitiu atrair professores de diferentes origens. “Recebemos muitas candidaturas, com um grande número de docentes estrangeiros, assim como de Macau e do Interior da China”, diz. Actualmente, o estabelecimento conta com 25 professores: 14 provenientes do Interior da China, quatro de Macau e sete do exterior.

Educação multicultural

Sally Wang, do Interior da China, é professora de inglês na escola.

Trouxe consigo uma vasta experiência de ensino adquirida não só no Interior da China, mas também em Macau e nos Estados Unidos da América.

A docente elogia o modelo da Escola Hou Kong, assente em quase um século de operações na RAEM, onde possui quatro pólos. Além do ênfase no inglês, Sally Wang nota que, nos próximos anos, será introduzido o ensino da língua e cultura portuguesas na escola em Hengqin.

“O português é uma língua oficial da RAEM e o nosso ensino abrangerá essa parte”, explica. “Isso não apenas ajuda os alunos a entender melhor a cultura local, mas também a aprimorar as suas capacidades no que toca a línguas estrangeiras e expande a sua visão no contexto global.”

A professora enfatiza igualmente a aposta num ensino focado no desenvolvimento de capacidades interdisciplinares, estimulando o raciocínio de cariz inovador. “No ensino primário, teremos seis unidades de investigação interdisciplinar, que cobrirão variados temas.”

Para a educadora de infância Catherine Chan, portadora de BIR de Macau, o emprego na Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong é a sua primeira experiência profissional, após a licenciatura em educação infantil no Interior da China. No entanto, trata-se de algo muito especial a título pessoal, já que é uma antiga aluna da Escola Hou Kong em Macau. “Sinto um forte sentido de pertença à Escola Hou

Kong e quero transmitir os conhecimentos que adquiri aí à próxima geração”, afirma.

Ao abordar a filosofia pedagógica do estabelecimento em Hengqin, Catherine Chan destaca a importância da língua materna. Embora a escola utilize um ensino bilíngue assente no mandarim e no inglês, as crianças que falam também cantonês são incentivadas a não perder o seu uso. Essa valorização da identidade cultural local reflecte uma visão educativa abrangente: trata-se não apenas de ensinar conhecimentos académicos, mas também de fazer com que os alunos compreendam as suas raízes culturais, explica.

Catherine Chan acredita que um ambiente de aprendizagem internacional ajuda as crianças a desenvolver desde cedo a tolerância e o respeito pela diferença. Cada turma da escola conta com professores estrangeiros, permitindo que os alunos se familiarizem com diversos contextos culturais, reduzindo o medo do desconhecido e promovendo capacidades de comunicação e de interacção social, diz.

Observando que cada vez mais portadores de BIR de Macau estão a optar por viver em Hengqin, Catherine Chan está confiante que, à medida que as políticas no âmbito da Zona de Cooperação Aprofundada forem gradualmente implementadas, a ilha proporcionará maior comodidade e oportunidades de emprego a quem é proveniente da RAEM. ▲

ENSINO E INVESTIGAÇÃO

OS INGREDIENTES CERTOS PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS

A qualidade do ensino de português em Macau continua a crescer, mas é necessária uma maior aposta na investigação para valorizar ainda mais a língua e expandir a rede de contactos, tanto no Interior da China como noutros pontos do globo, sublinha **João Veloso**, director do Departamento de Português da Faculdade de Letras da Universidade de Macau (UM)

Texto **Nelson Moura**

Fotografia **Oswald Vas**

Está há cerca de dois anos à frente do Departamento de Português da Faculdade de Letras da UM. Qual o balanço que faz e que objectivos estão por concretizar?

Falar de planos é sempre um pouco arriscado, por uma razão que eu gostava de deixar clara desde o início. Eu sei que na China e em Macau existe muito a ideia de que a pessoa que está à frente de um organismo ou de uma instituição é a dona dos planos e eu não posso esconder que senti um pouco isso quando aqui cheguei, mas os planos não são só meus. Os planos de desenvolvimento e os planos de funcionamento diário do departamento são planos decididos a nível da faculdade e a nível da universidade. Fui informado sobre

esses planos, obviamente, sendo-me sempre pedido o contributo para a definição dos mesmos.

Cheguei [a Macau] numa altura em que ainda havia quarentena e passei os dez dias de quarentena a escrever um plano para o departamento. Foi um dos primeiros pedidos que me fizeram explicitamente. A principal linha condutora desta acção imediata era contrabalançar a vertente de ensino com a vertente de investigação.

O nosso departamento é muito conhecido e penso que muito reputado enquanto escola avançada de português. Nós formamos alunos que têm, na sua maioria, o chinês como língua materna. Portanto, damos a formação linguística e a comprovação da qualidade dessa formação, o sucesso dessa formação tem a ver com o sucesso em colocações profissionais que esses alunos têm. Mas, depois, há uma parte também de investigação na área da linguística, da literatura, da didáctica



e da tradução – que são as quatro componentes principais da investigação aqui, que têm, e esperamos que continuem a ter cada vez mais, alguma visibilidade –, mas que não era feita de forma conectada com as principais universidades onde se faz investigação em português.

Pode-se então assumir que o ensino e a investigação são as prioridades para o departamento?

Essas têm sido as duas vias de actuação principais. Por um lado, reforçar a componente pedagógica do departamento, tentar melhorar o mais possível a qualidade do ensino, que é uma qualidade que me surpreendeu pela positiva quando aqui cheguei.

Por outro lado, no plano da investigação, tornar a nossa investigação mais integrada em redes internacionais e em contactos com universidades. Os contactos que temos com as universidades do Interior da China

são muito bons, são muito produtivos, mas, talvez devido à distância e também fruto da situação política internacional, esses contactos são ainda limitados no exterior. Nós temos incentivado o estabelecimento de redes informais de investigação nestas áreas com universidades de Portugal e do Brasil, sobretudo, mas também com algumas universidades da Europa e dos Estados Unidos.

Talvez o resultado mais visível de todos é que temos recebido com grande regularidade académicos dessas partes do mundo e, até ao final deste ano, estamos à espera da visita de vários professores de universidades portuguesas e também de algumas universidades brasileiras. Estamos a tentar reforçar também os protocolos de intercâmbio com cursos de doutoramento nesses países, porque a investigação pós-graduada, o ensino pós-graduado, está muito conectado com a investigação.

E em termos do número de alunos e de professores, o que mudou nos últimos dois anos?

O corpo docente, no espaço de dois anos, sofreu algumas reestruturações consideráveis, quer quantitativas, quer de composição dos quadros. Houve vários professores que, por razões diversas, deixaram o departamento. Estes docentes foram substituídos, mais ou menos, na razão de um para um; não nos podemos queixar de forma alguma de falta de corpo docente. Quando cheguei, havia algum desequilíbrio, por exemplo, na relação entre professores da área da linguística e professores da área da literatura e está a ser feito um esforço para reequilibrar essas duas áreas.

A UM está sempre pronta para substituir todos os professores que, por alguma razão, deixam de exercer funções. Tem havido muitos concursos de admissão de pessoal docente e estão previstos para este ano mais alguns concursos. As saídas de professores do nosso departamento têm sido compensadas de uma forma muito satisfatória por novas contratações. Portanto, contando com os professores assistentes, nós temos cerca de 34, 35 docentes.

Para o ano académico 2024/2025, temos 87 alunos na licenciatura, o que ultrapassa as expectativas que nós tínhamos no final do ano lectivo passado.

Nós sabemos que na China em geral, e na UM, que não é excepção relativamente a isso, por razões, sobretudo, demográficas, este ano e nos próximos anos são esperadas diminuições em termos de candidaturas por causa da taxa de natalidade.

Durante o ano lectivo 2023/2024, fomos repetidamente alertados pela faculdade e pela universidade para a grande probabilidade de termos uma diminuição no número de candidatos ao primeiro ano relativamente aos anos anteriores. Isso, felizmente, acabou por não se verificar e mantivemos mais ou menos o mesmo número de estudantes no primeiro ano de licenciatura.

Os mestrados e doutoramentos mantiveram mais ou menos a procura de outros anos. O mestrado de literatura, que, entretanto, foi reaberto, teve um número de candidatos abaixo daquilo que normalmente é permitido na universidade para as disciplinas poderem

funcionar, e, portanto, esses alunos foram redistribuídos depois pelos mestrados. Mas, em termos quantitativos, a procura foi sensivelmente igual à dos outros anos, contra aquilo que eram as nossas piores expectativas.

Qual a composição do corpo estudantil do Departamento de Português?

Na licenciatura, isto varia de ano para ano, mas em cada turma ou em cada disciplina, temos cerca de 50 por cento de alunos locais e 50 por cento de alunos do Interior da China. Temos alguns alunos de intercâmbio, os números são muito pouco expressivos, e eu devo dizer que era algo que gostaria de ver modificado aqui no departamento. Creio que este ano temos um único aluno de intercâmbio, um aluno japonês que vem da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto e que está a frequentar a licenciatura.

Na pós-graduação a situação não é exactamente esta, porque temos alunos portugueses, brasileiros, guineenses, para além de estudantes chineses. A relação quantitativa entre alunos de Macau e alunos do resto da China também varia muito de curso para curso, de ano para ano, de disciplina para disciplina, mas nos cursos de pós-graduação, o número de estudantes do Interior da China é superior ao número de estudantes locais.

Do que tem observado no Interior da China, nomeadamente nas instituições com que a UM tem parcerias, existe interesse em fazer investigação em língua portuguesa por parte dos estudantes chineses?

Existe muito interesse na língua portuguesa por parte dos estudantes chineses e é talvez um dos aspectos que mais me surpreenderam pela positiva. Já conhecia alguma coisa do panorama universitário chinês, por causa da minha ligação ao Instituto Confúcio da Universidade do Porto, que me permitiu viajar e conhecer algumas universidades na China, para além de conhecer relatórios e dados em abstracto, que pude comprovar. Sobretudo no ano passado, pois, precisamente para tentarmos cativar o maior número de candidatos e de bons candidatos para as nossas pós-graduações, a UM e a faculdade encorajaram muito uma série de



A UM tem feito esforços com vista a captar mais alunos para cursos de graduação e pós-graduação

visitas – quer minhas, quer de outros colegas do departamento – a várias universidades do Interior da China, para captar os alunos que se licenciam nessas universidades para virem fazer cursos de mestrado ou doutoramento aqui em Macau.

Foi muito reconfortante ver a quantidade de alunos chineses que estudam português em quase uma centena de universidades no Interior da China, contando quer as universidades que têm programas de português, quer aquelas que oferecem o português como matéria complementar profissional nos programas. A qualidade e a motivação desses alunos são muito boas.

Finalmente, há um aspecto que eu gosto muito de salientar, e já tenho falado muito em entrevistas sobre ele, que é o corpo docente desses cursos universitários de português nas universidades no Interior da China ser em grande parte formado aqui, neste departamento. Eu contactei com duas ou três dezenas de professores com muito prestígio na China que asseguram o ensino do português em universidades de Xangai e Beijing, e em outras cidades, e foi muito reconfortante verificar que muitos deles tinham obtido o seu mestrado e/ou o seu doutoramento na UM. Portanto, a UM tem este papel muito importante, que eu penso que não é devidamente salientado às vezes, que é o

de ser uma espécie de centro de formação avançada para os docentes universitários de português na China. Obviamente, há muitos docentes universitários de português na China que vêm de outras universidades, quer aqui de Macau, quer de Portugal e do Brasil, mas há uma percentagem muito significativa desses professores que fizeram escola aqui na UM e isso explica também em parte a boa relação que nós temos com muitas universidades.

Fez questão de destacar a importância da investigação no ensino em língua portuguesa. Porquê?

A UM, e este departamento em particular, tem uma tradição muito forte de centrar a investigação em projectos individuais, isto é, mesmo o sistema de financiamento da investigação mediante fundos da própria universidade é muito baseado na atribuição de bolsas individuais e de projectos muito individuais.

O que eu noto, e penso que não é exclusivo deste departamento, é que há muitos colegas a fazer a investigação, até de grande qualidade e de grande impacto, mas as pessoas trabalham muito em paralelo, em vez de trabalharem em conjunto e encontrando pontos de contacto. Eu acho que isto seria um salto qualitativo que nós poderíamos dar e para o qual eu gostaria de

poder dar o meu contributo. Em vez de termos uma investigação através de vectores muito individuais e sem grande comunicação, precisamos de ter uma investigação mais partilhada, mais colectiva, mais de grupo, em torno de dois ou três temas que o departamento conseguisse escolher como temas mais catalisadores. Eu gostaria de poder introduzir esta mudança, tornar a investigação mais participada, mais partilhada.

Por outro lado, [gostaria de] tornar a investigação mais comunicante com o que se faz de melhor em estudos portugueses na Europa, na América, na África, no Interior da China. As nossas relações com instituições do Interior da China são muito próximas, claro. Há muitos colegas nossos que têm projectos, por exemplo, na área de tradução, e muitos colegas que até trabalham

com grupos de estudantes de pós-graduação, e em grupos entre si, em muitos projectos de colaboração com universidades chinesas. Eu gostava de ver esse modelo replicado noutras áreas, mas também pensando em Portugal e no Brasil. Não podemos esquecer que o português é uma matéria de estudo em muitas das melhores universidades do mundo, por exemplo, dos Estados Unidos, do Canadá, da Europa.

E qual deveria ser o foco dessa investigação, tendo em consideração a necessidade de a tornar mais partilhada?

Ao nível dos principais veios de investigação que têm sido desenvolvidos aqui, há talvez dois que eu considero que são mais destacados, incluindo os estudos de tradução. Eu julgo que a nossa reputação, enquanto



“ Existe muito interesse na língua portuguesa por parte dos estudantes chineses”

centro de formação avançada na área da tradução, e enquanto centro de investigação sobre a tradução português-chinês e chinês-português, nos deixa muito bem vistos. Portanto, essa é uma área que tem tido um grande desenvolvimento e até com resultados numa área da tradução que é muito difícil, que é a tradução literária. Muitos dos tradutores dos principais autores portugueses ou de língua portuguesa para chinês tiveram em algum momento algum contacto e alguma aprendizagem com a UM. Por outro lado, há a investigação em didáctica, em ensino do português a alunos que têm, normalmente, o chinês como língua materna. Portanto, estas são talvez as duas áreas mais visíveis para o exterior do trabalho que tem sido feito.

Julgo que seria importante agora dar continuidade e fortalecer estas duas áreas e dar uma maior visibilidade à investigação que este departamento tem potencial para fazer em duas outras áreas que são fundamentais: a linguística do português e os estudos descritivos da língua portuguesa, onde eu penso que ainda temos muito trabalho a fazer; e os estudos de literatura em língua portuguesa, porque nós temos no nosso departamento, felizmente, colaboradores excelentes na área dos estudos da interculturalidade, da literatura dos países de língua portuguesa, que não só de Portugal. Neste momento, se precisássemos, por exemplo, de alguém especialista em Luís de Camões, ou especialista em literatura portuguesa numa área um pouco mais restrita, se calhar não encontraríamos com facilidade condições e recursos para desenvolver essa área.

Portanto, julgo que na tradução e na didáctica o trabalho que tem sido feito tem sido excelente. Temos de o desenvolver e talvez incentivar mais as áreas da linguística e da literatura, e tentar procurar também uma integração entre todas estas disciplinas de investigação.

O que acha que torna Macau interessante para pessoas que queiram estudar e fazer investigação em português?

Em primeiro lugar, é o próprio prestígio da UM: o Departamento de Português não vive isolado, vive

num ecossistema universitário que é muito favorável. Nós estamos integrados numa universidade com grande prestígio regional, nacional, internacional, que nos principais rankings universitários internacionais está em posições muito cimeiras, e isso tem um factor de atractividade muito grande e garante condições de trabalho muito boas, o que nos dá muita esperança no desenvolvimento dos estudos de português.

Depois, há toda a integração dos estudos portugueses numa cidade que é única, realmente, na Ásia – se nós pensarmos que a China, hoje, é um país que desempenha papéis-chave no mundo, na economia, na política, na ciência, e que há uma parte da China onde o português é uma língua oficial e onde se vê a presença cultural de Portugal e de outros países de língua portuguesa, que lhe confere características tão únicas de uma certa convivência que valoriza muito os laços económicos, mas também os laços culturais e históricos.

Eu penso que esta equação fica completa se considerarmos todas estas circunstâncias, que às vezes são referidas assim um pouco como cliché, mas isto vai para além do cliché, quando nós pensamos no papel do Fórum de Macau e na questão de o português ser uma língua oficial, que é muito desvalorizada. Todos nós conhecemos muitos portugueses que vivem em Macau e que acham que o facto de o português ser uma língua oficial em Macau tem pouca importância para a sobrevivência da língua. Eu, por acaso, tenho uma opinião completamente contrária: acho que o facto de o português ser uma língua oficial em Macau confere à língua um papel muito importante na arquitectura da sociedade, no planeamento dos serviços, na cultura, na informação, no ensino.

Macau é uma cidade onde nós aprendemos, por exemplo, a combinar contrários e onde aprendemos a procurar incessantemente formas de equilíbrio. Nós temos aqui todos os ingredientes para construir um futuro bom para o português e para o estudo do português. ◀

TIMOR-LESTE

OS NOVOS DESÍGNIOS DE UMA RELAÇÃO SECULAR

A China e Timor-Leste elevaram, há pouco mais de um ano, os laços de cooperação rumo a uma parceria estratégica abrangente, o segundo nível mais alto no protocolo da diplomacia chinesa. Macau, argumenta **António Ramos da Silva**, delegado timorense junto do Fórum de Macau, também tem uma palavra a dizer no desenvolvimento de Timor-Leste

Texto **Marco Carvalho**

UMA porta privilegiada para a China, um parceiro preferencial de negócios, mas, fundamentalmente, um exemplo a seguir em domínios como o turismo, a indústria do jogo e a valorização do património.

Os dias em que Macau e Timor-Leste eram duas faces de uma mesma circunscrição administrativa fazem há muito parte do passado, mas a mais jovem nação do continente asiático continua a olhar para a agora Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) com a mesma reverência com que um menino na Primavera da vida encara um irmão mais velho e mais experiente.

Secular, o intercâmbio entre as duas regiões antecede em muito a autodeterminação do povo timorense, mas ganhou um novo fôlego após a independência, com a República Popular da China a assumir um papel instrumental na afirmação dos símbolos da soberania

do país, afirma António Ramos da Silva, desde Março delegado de Timor-Leste junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) – também conhecido como Fórum de Macau.

“Depois da independência, a China, através de um programa de apoio à construção de infra-estruturas, edificou o Palácio Presidencial e os edifícios dos ministérios da Defesa e dos Negócios Estrangeiros”, recorda o representante timorense.

“Depois disso, empresas estatais chinesas, sobretudo do sector da construção, participaram em vários concursos internacionais e ganharam praticamente todos os projectos. Outra área em que no passado já tivemos alguma cooperação foi o sector das pescas”, com investimento de empresas da província de Fujian,



embora o projecto ainda não tenha arrancado, acrescenta António Ramos da Silva.

APRENDER COM MACAU

Se as autoridades de Díli contam com o potencial investimento chinês para impulsionar sectores como os das pescas e da extracção mineira, no domínio do turismo, mais do que atrair parceiros e visitantes chineses, o Governo timorense quer mobilizar o conhecimento e a experiência de Macau. A cidade é vista como o exemplo a seguir em termos de práticas de gestão turística e as autoridades timorenses querem replicar no país o que a RAEM tem vindo a fazer bem.

“Queremos aproveitar as oportunidades que Macau oferece e que o Governo da RAEM oferece. Temos um protocolo com a Direcção dos Serviços de Turismo, assinado em 2013, que prevê que possamos aproveitar

o contributo de Macau em termos de formação e de divulgação”, postula António Ramos da Silva.

“Queremos aproveitar a experiência de Macau, sobretudo na área do desenvolvimento dos resorts integrados. O objectivo da nossa parte é atrair turistas da Austrália, mas também da República Popular da China. É óbvio que não se trata de potenciar o turismo de massa. Não vamos competir com Bali, mas queremos aproveitar o que de melhor temos para oferecer, o nosso património ecológico”, salienta o responsável.

Se o objectivo é, numa primeira fase, apostar no turismo de qualidade e em actividades de nicho, como o mergulho nas águas paradisíacas da ilha de Ataúro e do ilhéu de Jaco, a médio prazo a aposta do Governo timorense deverá incidir sobre uma realidade que Macau conhece melhor do que ninguém.

Os jogos de fortuna e de azar deverão ser um dos vectores fundamentais do desenvolvimento do

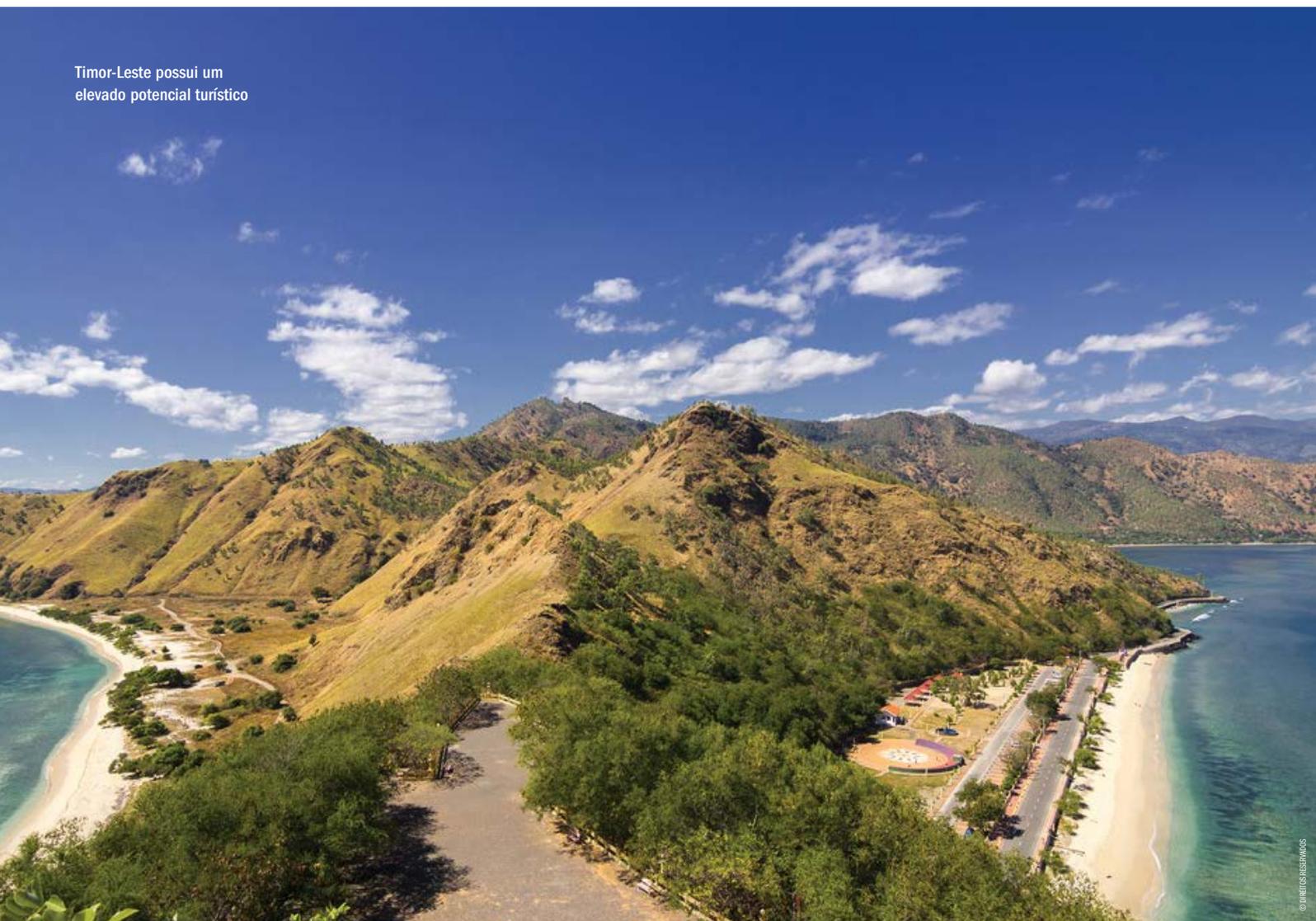
sector da actividade turística em Timor-Leste, com os olhos postos no mercado da Indonésia e em outras jurisdições.

“Neste momento, estamos a fazer a revisão da lei do jogo de Timor-Leste. Em Díli, já existem algumas casas de jogo de menor dimensão, mas temos de mudar a actual lei do jogo para que esteja mais focada em resorts integrados e, dentro dos resorts integrados, integrar esta componente do jogo”, esclarece António Ramos da Silva. “Actualmente, na região do Sudeste Asiático, há vários países a apostar neste sector, como a Tailândia, as Filipinas ou Singapura. No caso de Timor, temos de gerar capacidade para atrair eventuais apostadores da Indonésia. É uma possibilidade que está em aberto e que Timor-Leste tem de procurar aproveitar”, argumenta o delegado timorense.

Para que o projecto de desenvolvimento se concretize, Timor-Leste tem, no entanto, de acudir a uma das principais debilidades com que a jovem nação se depara, o aparente isolamento do país. Mais de duas décadas volvidas sobre a restauração da independência, a conectividade aérea internacional de Timor-Leste resume-se a três países, com a ilha indonésia de Bali a afirmar-se como principal ponto de ligação.

O cenário poderá alterar-se muito em breve, também com o contributo de Macau. “A Autoridade da Aviação Civil de Macau e a Autoridade da Aviação Civil de Timor-Leste vão assinar um memorando para permitir a realização de ligações directas entre Díli e Macau, seja através de voos charter ou do estabelecimento de uma ligação regular”, revela António Ramos da Silva.

Timor-Leste possui um elevado potencial turístico



“Estamos em contactos com algumas empresas e operadores turísticos da região da Grande Baía [Guangdong-Hong Kong-Macau] para que visitem Timor. Numa primeira fase, queremos atrair visitantes que possam ter interesse em fazer mergulho na ilha de Ataúro e no ilhéu de Jaco. Estamos a trabalhar no sentido de atrair mais turistas de qualidade”, acrescenta.

NOVO CAPÍTULO NA COOPERAÇÃO

O turismo foi, de resto, um dos vértices da trindade de interesses económicos que Timor-Leste optou por destacar na última edição da Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla em inglês), realizada em meados de Outubro. O país enviou ao maior evento empresarial de Macau uma delegação dominada por representantes dos sectores das pescas, do turismo e da extracção mineira, domínios da actividade económica que o Executivo timorense quer potenciar com a ajuda do Fórum de Macau.

“Há várias áreas para explorar, como o sector do minério e da extracção mineira. Timor-Leste aproveitou a participação na MIF para dar a conhecer esse sector e atrair mais investimentos para a área dos recursos minerais. A economia azul e o sector das pescas são outros dos domínios em que estamos a apostar. Timor tem uma vasta extensão de território marítimo. A proporção da superfície marítima de Timor é de oitenta e tal por cento, em comparação com a superfície terrestre. No âmbito da plataforma que o Fórum de

Macau nos proporciona, tivemos uma visita à província de Fujian. Aquando da minha última deslocação a Timor, estive reunido com as equipas técnicas dos sectores das pescas e da agricultura para discutir a retoma do investimento da China na área das pescas”, adianta António Ramos da Silva.

Há também outros domínios, como a agricultura, em que a cooperação com a China apresenta já resultados significativos. Nos supermercados do Interior da China, é já possível encontrar café e óleo de coco com origem em Timor-Leste, mas as autoridades timorenses querem ver o leque das exportações agrícolas alargado, depois de Beijing ter incluído Timor-Leste no grupo de países em vias de desenvolvimento que beneficiam de políticas especiais de isenção alfandegária.

A medida é vista por António Ramos da Silva como uma oportunidade imperdível para o sector primário timorense. “Em termos de trocas comerciais entre Timor-Leste e a China, estive a olhar para as estatísticas relativas ao primeiro trimestre e a primeira constatação é que há uma diferença enorme entre o valor das importações e o valor das exportações. De qualquer forma, em termos concretos, a marca ‘Café de Macau’ tem essa designação, mas a origem do produto está em Timor. Através da plataforma do Fórum de Macau conseguimos também introduzir óleo de coco no mercado chinês”, adianta o representante timorense.

“Estive reunido com as partes do comércio e da indústria, mas também das pescas e da agricultura, para os informar e para que se criem as condições sobre a possibilidade de se exportar para o mercado da China. Se o Governo chinês concedeu isenção alfandegária a 98 por cento dos produtos agrícolas e pesqueiros de Timor, temos uma oportunidade em mãos. E essa oportunidade passa pelo aumento da produção nacional, para que possamos aproveitar esse mercado”, considera o delegado.

A amizade de longa data entre Timor-Leste e Macau entrou, no final de Setembro, numa nova era, com a assinatura de um acordo de geminação entre Macau e Díli. O memorando prevê o reforço da cooperação em domínios como a economia, o comércio, a educação e a cultura. ▶



Queremos aproveitar as oportunidades que Macau oferece e que o Governo da RAEM oferece”

ANTÓNIO RAMOS DA SILVA
DELEGADO DE TIMOR-LESTE JUNTO DO FÓRUM DE MACAU

VER VÍDEO AQUI ▶



MOÇAMBIQUE-CHINA

CULTURA, UM ELO ENTRE



DOIS POVOS

O CCMC, financiado pela China, é considerado o segundo maior centro cultural de África



Inaugurado em 2023, o Centro Cultural Moçambique-China é já um dos maiores cartões de visita da capital moçambicana. Financiado pela China, o complexo é palco para espectáculos, conferências, seminários e exposições, entre muitas outras iniciativas. O balanço do primeiro ano de actividade é positivo, dizem em tom unânime artistas e administradores do espaço

Texto **Jaime Álvaro**

É UM palco de excelência para diversas manifestações artísticas em Moçambique, desde concertos a peças de teatro, passando por exposições e seminários, além de ciclos de cinema e lançamentos de livros. Inaugurado a 28 de Setembro de 2023 pelo Presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, o Centro Cultural Moçambique-China (CCMC) veio revolucionar o panorama cultural moçambicano, criando as condições para que vários tipos de manifestações artísticas florescessem.

O CCMC, cuja construção custou cerca de 70 milhões de dólares americanos, é considerado o segundo maior centro cultural de África, com uma área total de 20 mil metros quadrados. O espaço alberga três salas para teatro, espectáculos musicais, exposições e eventos corporativos, destacando-se o Grande Auditório com capacidade para 1500 pessoas.

O centro, uma infra-estrutura imponente, moderna e em consonância com padrões internacionais, foi erguido no campus principal da Universidade Eduardo Mondlane, na cidade de Maputo.

Financiado pelo Governo chinês e construído por empresas chinesas, o CCMC venceu o “Prémio Luban”,

que reconhece a qualidade da engenharia na indústria da construção da China.

Segundo a Ministra da Cultura e Turismo de Moçambique, o CCMC veio dinamizar não só o sector cultural do país, mas também se configura como uma oportunidade para a promoção do turismo de negócios, nomeadamente da indústria das convenções e exposições.

“Este centro tem um grande papel, não só no panorama artístico-cultural moçambicano, mas também a nível regional, uma vez que não existe na região da SADC [Comunidade de Desenvolvimento da África Austral] uma casa tão grande, com tantas valências e com a qualidade que este espaço tem”, afirmou a ministra Eldevina Materula, por ocasião da cerimónia de celebração do primeiro aniversário do CCMC.

A governante sublinhou que o CCMC marcou o início de uma “nova era” para o sector cultural e empresarial moçambicano, que irá tornar Maputo num

centro que pode acolher eventos internacionais, “impulsionando o turismo” nacional.

“Neste momento, vamos começar a ter a nossa própria programação. Por outro lado, Moçambique já tem um espaço de qualidade que pode acolher qualquer tipo de espectáculo musical, artístico e não só”, frisou Eldevina Materula.

Construído para artistas

A atmosfera cultural de Maputo já era vibrante, com vários talentos em diversas áreas, incluindo música, dança, teatro, literatura, artes plásticas e cinema. O entretenimento ajuda a transformar a cidade num palco vivo, com uma programação para todos os gostos. Mas o CCMC veio dar novo fulgor à cena artística na capital moçambicana, uma vez que foi projectado para artistas.

“O centro veio promover a inclusão, a educação e a diversidade cultural, para além das artes. Trouxe



O evento “Des-Concertando” reuniu mais de 80 artistas no palco do CCMC



O CCMC comemorou o primeiro aniversário em Setembro deste ano

benefícios para a comunidade através de vários eventos culturais e sociais, festivais estudantis, feiras de gastronomia, cerimónias de encerramento de instituições de ensino e muito mais”, sublinha a directora-geral do CCMC, Isabel Macie, em entrevista à Revista Macau.

A dirigente realça que a gestão do centro continua a ser um desafio, mas faz uma avaliação positiva do primeiro ano de operação.

“Positivo porque, desde a sua inauguração, o centro nunca fechou e é um dos recintos mais procurados para eventos na nossa cidade capital. O centro é o orgulho dos moçambicanos e o legado dos 50 anos de independência”, destaca Isabel Macie.

Desde a sua abertura, o CCMC já acolheu mais de 60 eventos, sendo a maioria espectáculos e concertos, seguidos de conferências e simpósios, galas, concursos de beleza, feiras e exposições, festivais culturais, exhibições de filmes, entre outros. O recinto recebeu, no primeiro ano, mais de 50 mil visitantes, entre espectadores e participantes em eventos, de acordo com dados do CCMC.

A directora-geral do CCMC reconhece que a gestão do recinto ainda tem de ser aperfeiçoada e a oferta mais diversificada, nomeadamente no que diz respeito a actividades para crianças. “Temos que melhorar esta componente com actividades interactivas e educacionais”, salienta.

Entre os artistas que falaram à Revista Macau, alguns são unânimes em reconhecer a importância do CCMC no fortalecimento da indústria criativa nacional.

Humberto Luís recentemente apresentou no centro o seu concerto “Um Show Maduro”, com casa cheia. O músico não tem dúvidas de que o recinto marcou um virar de página na cena artística moçambicana.

“Considero-me abençoado por ter a oportunidade de actuar no palco do CCMC. A vontade de fazer um concerto com uma banda era um sonho antigo que se realizou com a abertura do centro”, salienta Humberto Luís, manifestando o interesse em voltar ao palco onde foi feliz.

Zé Pires, renomado músico, compositor, produtor e empresário moçambicano, é presença assídua no

CCMC. Desde a inauguração do centro, o artista já realizou quatro concertos naquele espaço, com destaque para o “Des-Concertando”. Zé Pires não tem dúvidas de que não existe um melhor lugar na capital moçambicana para acolher eventos artísticos.

Sonho tornado realidade

SEGUNDO o Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, o Centro Cultural Moçambique-China (CCMC) é fruto das relações históricas de cooperação e amizade entre Moçambique e China e da convicção de que a cultura pode aproximar os povos.

O espaço é também a “materialização de um sonho”, referiu Filipe Nyusi, aquando da inauguração, em Setembro de 2023, do CCMC. “O centro representa um sonho e a ambição de todos nós, que é ver a nossa cultura florescer.”

Na mesma ocasião, o embaixador da China em Moçambique, Wang Hejun, destacou o fortalecimento das relações bilaterais entre os dois países.

“O centro será um local de oportunidades para explorar o potencial e os intercâmbios culturais entre a China e Moçambique, além de fortalecer a cooperação no contexto do Fórum de Cooperação China-África”, acrescentou o diplomata. ▲

“Naturalmente, escolhi o CCMC por causa de toda a infra-estrutura que oferece. Tem equipamentos de qualidade, desde o sistema de som e iluminação, que facilita a organização, além do conforto que a casa oferece aos artistas e ao público”, diz o artista, que tem mais de 25 anos de experiência no sector.

Novo paradigma

O evento “Des-Concertando” assenta num conceito que nasceu da tentativa de quebrar paradigmas, unindo os universos da música popular e da música clássica. Zé Pires reuniu no palco do CCMC um número recorde de mais de 80 artistas, entre bandas e orquestras, cantores de música ligeira e música clássica, coristas, instrumentistas, coreógrafos, bailarinos, artistas plásticos, entre outros.

O artista e produtor afirma que quer fazer do CCMC um local de renascimento dos artistas moçambicanos. “Tenho bastante interesse em resgatar muitos artistas, levá-los novamente ao palco.”

Outro projecto que mostra que esta fusão da música popular com o estilo clássico é possível é o Projecto Xiquitsi, iniciativa da Associação Kulungwana, que visa promover a inserção social, bem como a capacitação profissional, através do ensino colectivo de música, dando, assim, os primeiros passos no processo de formação da primeira orquestra clássica em Moçambique.

Há dez anos que o projecto oferece a crianças e jovens desfavorecidos a oportunidade de aprender música de forma gratuita. A Temporada de Música Clássica, em Maputo, é o evento de maior relevo dinamizado pelo projecto Xiquitsi, que agora também sobe ao palco do CCMC. A iniciativa beneficia mais de 250 alunos, que formam três orquestras e um coro.

“Tivemos bons momentos no corrente ano. Já estão programados alguns eventos para os próximos meses, a destacar o ‘Ngoma Moçambique’, concertos de Elvira Viegas, Casemiro Nhussi, Mingas e o Festival Poetas D’Alma”, refere Isabel Macie.

Segundo a directora-geral do CCMC, está em desenvolvimento uma programação integrada de actividades



Orquestras ligadas ao Projecto Xiquitsi actuam no centro, numa iniciativa que visa promover a inserção social

em parceria com promotores de eventos em diversas categorias com vista a promover uma maior utilização do complexo por parte da classe artística nacional.

Para a responsável, para além das artes, o CCMC é também “um lugar de referência para os amantes de arquitectura e um marco no roteiro turístico cultural da cidade”.

Um futuro comum

Após o primeiro ano de funcionamento, há um consenso entre os artistas sobre a necessidade de assegurar a boa gestão do CCMC para continuar a apoiar o desenvolvimento das artes em Moçambique.

“A manutenção é um desafio, mas só irá acontecer se tivermos uma boa gestão do espaço. O centro só vai sobreviver se tiver uma gestão autónoma, independente e competente, que deve prestar contas ao Estado. Não será a melhor opção se o recinto for gerido directamente pelo Estado, considerando que o Governo terá outras prioridades”, salienta o músico e produtor Zé Pires.

De acordo com Isabel Macie, deve ser prestada especial atenção à gestão do novo recinto.

“Através do Decreto n.º 47/2022, o CCMC já é uma entidade autónoma, pois foi criado como um instituto público. O que está em causa é o modelo de gestão. Sem dúvidas, um espaço majestoso e desta magnitude deve ser gerido de uma forma especializada para garantir a sua sustentabilidade”, destaca a directora-geral, adiantando que se está a estudar a possibilidade de a gestão do recinto ser efectuada através de uma parceria público-privada (PPP) de modo a garantir a sustentabilidade do centro, mas salvaguardando a vertente social.

O CCMC conta actualmente com dez trabalhadores a tempo inteiro e sete em regime parcial. Além disso, o recinto conta também com técnicos chineses na área da manutenção.

Hanaya Segá, uma das funcionárias do centro, diz ser um privilégio fazer parte do projecto e ver o impulso que o CCMC deu ao panorama artístico moçambicano.

“O que mais me marcou aqui no centro foi o espectáculo da cantora Assa Matusse, que tive a oportunidade de conhecer aqui. Por estar aqui, aprendo bastante sobre a área cultural e artística, o que me leva a ponderar formar-me nesta área”, afirma. ▲



ORQUESTRA CHINESA DE MACAU

SOB A BATUTA DA EXPERIÊNCIA

Zhang Lie é, desde Agosto, director musical e maestro principal da Orquestra Chinesa de Macau. O conceituado regente, com longa carreira no Interior da China, diz pretender valorizar aquilo que considera ser uma marca da orquestra: a capacidade de trazer elementos musicais ocidentais à sua base oriental

Texto **Vitória Man Sok Wa**

É NA sabedoria milenar do filósofo clássico chinês Lao Zi que o maestro Zhang Lie afirma procurar ensinamentos para o seu dia-a-dia como “gestor” de músicos. O novo director musical e maestro principal da Orquestra Chinesa de Macau dá eco às palavras do pensador chinês em prol da harmonia e da simplicidade.

“Segundo Lao Zi, quem toca música deve ser feliz. Prefiro cultivar um ambiente agradável e descontraído numa profissão por si só já exigente”, afirma o maestro em entrevista à Revista Macau. Segundo acrescenta, quando dirige um conjunto de músicos, o objectivo é que todo o grupo “esteja unido em busca da excelência, nomeadamente na interpretação das ideias artísticas e musicais do compositor” cuja obra está a ser executada.

A filosofia de Zhang como regente não é novidade para a Orquestra Chinesa de Macau, visto que os dois lados já colaboraram no passado. Daí que o maestro fale numa relação de amizade antiga, com a sua nomeação para dirigir o conjunto a ser classificada pelo próprio como uma honra e uma responsabilidade significativa.

No papel de homem-forte da Orquestra Chinesa de Macau, cargo para o qual foi oficialmente anunciado no início de Agosto, Zhang diz pretender elevar a excelência artística do grupo. No seguimento do trabalho levado a cabo pelo malaio Chew Hee Chiat, maestro principal convidado e conselheiro artístico do conjunto na temporada transacta, Zhang afirma que uma das suas metas é valorizar algo que já faz parte do ADN

da orquestra: a integração de elementos musicais ocidentais no universo clássico oriental.

Uma orquestra especial

Fundada em 1987, a Orquestra Chinesa de Macau tem vindo a pautar o seu trabalho pela máxima “sediada em Macau, abraçando o mundo e promovendo a cultura com repertório do Oriente e do Ocidente”. O conjunto, composto por cerca de meia centena de músicos profissionais, está inserido na Sociedade Orquestra de Macau, Limitada, empresa de capitais integralmente públicos.

Ao longo dos seus 37 anos de história, a orquestra tem servido como embaixadora cultural de Macau, promovendo a cidade à escala internacional. O grupo

actuou já em vários países, desde Portugal à Índia, Singapura ou Bahrein. Além disso, conta com dezenas de espectáculos no Interior da China no seu historial.

A Orquestra Chinesa é presença habitual nos principais certames musicais locais, incluindo no Festival Internacional de Música de Macau e no Festival de Artes de Macau. Tem ainda levado a cabo um esforço para apresentar concertos noutras locais que não apenas salas de espectáculo convencionais – por exemplo, em edifícios históricos, museus, bibliotecas e parques –, de forma a activar o interesse da comunidade pela música tradicional chinesa. Em Setembro, a orquestra deu dois concertos gratuitos junto das Ruínas de S. Paulo, a propósito do Festival do Bolo Lunar – a liderar os músicos, esteve o maestro Zhang.

© INSTITUTO CULTURAL



A orquestra procura levar a música tradicional chinesa a novos públicos – em Setembro, deu dois concertos junto das Ruínas de S. Paulo

Ao longo dos anos, a orquestra tem visado potenciar o intercâmbio e a cooperação musical, promovendo Macau como um local de integração cultural entre o Oriente e o Ocidente. O grupo já colaborou com vários músicos e vocalistas portugueses, incluindo o flautista Rão Kyo e os fadistas Carlos do Carmo, Camané e Mariza – esta última esteve em Macau em Novembro, actuando ao lado da orquestra no espectáculo de encerramento da edição deste ano do Festival Internacional de Música de Macau.

Valorizar a diversidade

Zhang constata que, embora três décadas não constituam um historial particularmente extenso para um conjunto de tipo orquestral, a Orquestra Chinesa de

Macau tem vindo a desenvolver-se a um ritmo notável. Para isso têm contribuído as colaborações regulares com maestros de renome, defende.

O responsável nota que a Orquestra Chinesa de Macau se distingue de outras organizações similares porque tem a tarefa particular de manter uma identidade distinta que combina elementos musicais chineses e ocidentais. “De facto, é um desafio para a orquestra identificar um maestro adequado”, admite. “O conjunto requer um líder que não só seja proficiente em música ocidental, mas que também possua uma profunda compreensão da música chinesa, demonstre capacidade e seja hábil na integração de elementos musicais ocidentais na orquestração chinesa”, enumera.

O novo director musical da Orquestra Chinesa de Macau sublinha o papel dos músicos do conjunto na definição desta identidade única. Na sua opinião, trata-se de um naipe de instrumentistas notáveis, não só pelas capacidades musicais, mas também pela variedade de origens. Os músicos dominam uma multiplicidade de géneros musicais, abrangendo estilos tradicionais e modernos, bem como influências orientais e ocidentais, elogia.

Nesta mistura, Zhang reconhece que a música portuguesa tem um papel especial. “Os laços históricos e culturais entre Macau e Portugal têm facilitado um intercâmbio dinâmico entre a Orquestra Chinesa e músicos lusos.” Mas não só: em Novembro, o grupo aliou-se ao afamado músico, compositor e cantor cabo-verdiano Tito Paris para um concerto no âmbito do “6.º Encontro em Macau – Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, certamente promovido pelo Instituto Cultural. A batuta nesse espectáculo esteve a cargo do próprio Zhang.

Visão abrangente

Para o maestro, a qualidade que define um director musical de orquestra bem-sucedido é o respeito pela própria profissão. Sem dúvida que o talento musical é um pré-requisito, mas não é suficiente, afirma. Além disso, a capacidade de demonstrar competência numa ampla gama cultural é essencial, acrescenta.



Modo de vida: maestro

NASCIDO em 1958 na antiga capital imperial chinesa de Xian, Zhang Lie explica que foi através da ópera de Beijing, enquanto género, que lhe chegou o gosto pela música tradicional chinesa, ainda em tenra idade. O maestro destaca a peça “A Rapariga de Cabelo Branco”, muito afamada no período após o estabelecimento da República Popular da China (RPC). Também contribuindo para a sua formação musical estiveram algumas das primeiras obras musicais já escritas depois da fundação da RPC, como o bailado “Destacamento Vermelho de Mulheres”.

“A ópera de Beijing era bastante popular entre os anos 1960 e 1970. Lembro-me de, quando era criança, a ópera ‘A Tomada da Montanha do Tigre’ ser imensamente conhecida em todo o país. Desenvolvi, assim, um interesse em aprender ópera de Beijing, sendo que, nessa fase, fui também exposto e influenciado por outros géneros musicais”, recorda.

Aos 13 anos, foi seleccionado para integrar uma companhia de teatro musical na sua província, onde tocou uma variedade de instrumentos. Quando estava a entrar na casa dos 20 anos, surgiu uma oportunidade que lhe mudaria o destino: a possibilidade de se-
gurar numa batuta pela primeira vez. “Com o desenvolvimento do país, muitos maestros de orquestra mudaram-se para os grandes



centros urbanos, como Beijing e Xangai”, levando a que houvesse escassez destes profissionais em cidades menores, contextualiza. “Deste modo, aprendi com um maestro chinês formado na antiga União Soviética, iniciando a minha carreira de regente relativamente novo.”

Essa foi a chave para o início de um percurso profissional que, a nível de conhecimentos académicos, foi reforçado com estudos no Conservatório de Música de Xian, que completaria em 1984. O processo de aprendizagem e aperfeiçoamento continuaria, mais tarde, no Departamento de Regência do Conservatório Central de Música.

Ao longo da sua carreira de cerca de meio século, Zhang foi maestro permanente da Orquestra Sinfónica da Rádio e do Filme da China e da Orquestra Nacional

da Rádio. O seu currículo inclui ainda passagens, como director musical e maestro principal, pela Orquestra Chinesa de Zhejiang, Orquestra Chinesa de Guangdong e Orquestra Nacional da Rádio e da Televisão de Shaanxi, entre outros grupos. É actualmente também director musical e maestro principal da Orquestra Chinesa de Nanjing e da Orquestra Chinesa de Henan.

A vasta experiência de Zhang inclui igualmente a gravação de música para filmes e séries televisivas, além de discos de música chinesa. Enquanto compositor, conta com mais de uma centena de obras com a sua assinatura, várias delas premiadas a nível nacional: “Fantasia de Xiao Ba Lang” e “Rebocadores do Rio Amarelo” estão entre os seus trabalhos mais conceituados.

Zhang caracteriza o papel de maestro como algo mais do que uma carreira; é um modo de vida. Até porque a natureza “nómada” do trabalho, com viagens frequentes e estadias regulares em diferentes locais, dificulta uma vida estável. Enquanto maestro, actuou já em dezenas de países, desde a Áustria à Alemanha, passando pelos Estados Unidos da América e Japão, além de ter colaborado com diferentes orquestras um pouco por toda a China.

“A situação é um desafio, não só para mim, mas também para a minha família”, admite, agradecendo-lhe o apoio. ◀



Zhang Lie e a Orquestra Chinesa de Macau durante o concerto de abertura da temporada de concertos 2024/2025

Da mesma forma, continua Zhang, a mera familiaridade com a sua própria orquestra não basta a um maestro. É necessário que tenha um conhecimento abrangente de outras orquestras de outras regiões e géneros musicais diferentes.

Olhando para a temporada de concertos 2024-2025 da Orquestra Chinesa de Macau – que arrancou em Setembro e se prolonga por 11 meses, contando com um total de 14 programas –, Zhang fala na importância deste tipo de planeamento “como uma componente vital da gestão de uma orquestra, constituindo um canal de envolvimento com o público e sustentando o dinamismo” de qualquer conjunto orquestral. Como linhas directrizes para a corrente temporada, o maestro refere uma aposta no engajamento com o público, na promoção da diversidade cultural e na selecção de temas que possam ser apelativos.

Não é, assim, surpreendente que a chamada “dupla celebração” de 2024 – o 75.º aniversário da implantação da República Popular da China e o 25.º aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial

de Macau – represente um tema fulcral para a actual temporada. Isso traduz-se na escolha de temas festivos e tradicionais, caracterizados por ambiências musicais enérgicas e alegres, refere o responsável.

Por outro lado, nota Zhang, o público de hoje está exposto a uma variedade cada vez maior de géneros musicais. É imperativo que a programação de uma temporada de concertos reflecta essa diversidade, mesmo numa orquestra de estilo chinês. “A era contemporânea caracteriza-se por um processo de fusão cultural”, diz. Isso tem como “consequência inevitável” uma crescente multiplicidade de formas artísticas, que cabe à orquestra reflectir nas suas actuações.

“O foco de um concerto não é apenas a colaboração harmoniosa entre músicos e o maestro, mas também a fruição de quem assiste”, sustenta Zhang. “É importante ter em conta as preferências e os gostos do público”, acrescenta, para estimular o desenvolvimento de um verdadeiro “ecossistema musical”, composto de intérpretes, críticos especializados e comunidade em geral. ◀

CLUBES DE CORRIDA

POR ESSAS ESTRADAS FORA

O número de praticantes de corrida de atletismo tem vindo a crescer em Macau



As corridas de atletismo de rua, assim como as provas de aventura em trilho, entraram na moda e ganham cada vez mais adeptos em Macau. Actualmente, há pouco mais de um milhar de atletas que participam regularmente em provas, número que tem vindo a crescer nos últimos anos, segundo associações locais

Texto **Vítor Rebelo**

NÃO é surpresa para ninguém ver com frequência os amantes das corridas pedestres nas ruas de Macau, Taipa ou Coloane, a qualquer hora do dia, mas com maior incidência bem cedo pela manhã ou ao final da tarde. Muitos deles fazem-no há vários anos, até nos trilhos da região, como parte de uma rotina quase diária.

Na última década, assistiu-se a um crescimento global na prática deste desporto – ou passatempo, dependendo de com quem se fala –, originado por interesses diversos, como são a promoção do bem-estar físico, a fuga ao stress e a procura de actividades de lazer ou de competição ao ar livre. Além disso, este desporto tem baixos custos, sendo por isso considerado um desporto popular ou de massas.

Em Macau, dizem à Revista Macau alguns praticantes e representantes de associações locais, o “boom” ocorreu durante e no período pós-pandemia da COVID-19, numa clara procura por actividades

ao ar livre que pudessem “oxigenar o corpo e a alma”.

Actualmente, a corrida passou a ser, para muitos dos seus entusiastas, uma forma de viver. Embora o número de praticantes seja difícil de calcular, até porque muitos deles correm de forma individual – sem clube nem competição –, as estimativas apontam para pouco mais de um milhar de atletas que participam regularmente em provas na cidade, número superior ao que acontecia em 2019.

A maioria dos “corredores de estrada” iniciou-se na prática por simples gozo pessoal, passando depois a querer algo mais, como a entrada em competições e a procura por melhores tempos e recordes pessoais.

Muitos deles estão registados em clubes, os quais, por sua vez, necessitam de ter filiação na Associação de Atletismo de Macau (AAM). Actualmente, são pouco mais de 70 clubes, cuja maioria se dedica às provas de estrada.

Wisley Keong, dirigente da AAM, recorda o elevado nível competitivo que havia em Macau nas décadas de 1980 e 1990. “Nessa altura, a corrida de estrada já era um desporto bastante popular e a qualidade dos atletas, a avaliar pelos tempos alcançados, era superior à média dos actuais”, conta em entrevista à Revista Macau. A diferença agora, acrescenta, “é que as corridas são organizadas com a introdução de cronometragem por chip e o percurso da Maratona Internacional de Macau foi credenciado pela Associação Internacional de Maratonas”.

Sérgio Real, que faz corrida desde criança influenciado pelo pai, que era atleta semiprofissional, só em Macau se lançou mais a sério na prática regular. “Muita gente que se deslocava com regularidade a Hong Kong, ao Interior da China e mesmo ao estrangeiro para fazer provas, nos últimos anos, focou-se nos eventos locais”, explica o atleta. “Tem-se visto uma maior participação em provas, sobretudo nas faixas etárias menos jovens”, adianta, referindo dois motivos que podem explicar esta observação.

“Primeiro, os mais jovens estão focados nas provas realizadas fora de Macau e, quando participam a nível interno, é apenas nos dois eventos principais”, a corrida internacional de dez quilómetros, realizada em Março, e as provas de meia-maratona e maratona, que têm lugar no início de Dezembro.

Em segundo, refere Sérgio Real, “os menos jovens fazem desporto mais pela parte da saúde e participam de um modo menos competitivo, por isso não sentem a necessidade de ir ao estrangeiro, recorrendo sobretudo às provas locais”.

Actividades ao ar livre

Na opinião de Álvaro Mourato, que na maioria dos fins-de-semana faz provas fora de Macau, “a corrida desenvolveu-se bastante durante o período da pandemia, porque as pessoas não podiam sair [de Macau], o que fez aumentar a prática deste desporto, especialmente corridas nas estradas e nas montanhas”.

Também Sandra Joaquim, que começou a correr mais a sério em 2018, realça que as pessoas estão

agora mais conscientes para a necessidade de fazer desporto e ter mais cuidados com a saúde, algo que terá levado mais pessoas “a começar a correr”.

Benson Leong, responsável pelo Macau Top Sports Club, fundado há mais de 30 anos, também é da opinião de que em anos recentes houve um “crescimento da população local interessada na modalidade de corrida, uma vez que as pessoas tinham actividades ao ar livre limitadas e a corrida é um dos exercícios mais convenientes”.

Ana Telo Mexia reconhece que há uma maior adesão das pessoas à corrida. “Não tenho olhado para os números da participação, mas a sensação que tenho é a de que há cada vez mais corredores em Macau”, destaca a atleta, que ganhou o gosto pela corrida através do pai,

João Frederico Telo Mexia, que fez várias dezenas de maratonas ao longo da sua vida, muitas das quais em Macau.

Jovens ainda longe

Quanto às idades dos aderentes a este tipo de desporto em Macau, Erik Lok, praticante e também presidente do Macau Marathon Promotion Club, fala em corredores amadores de meia-idade ou mais, atraídos por diferentes motivos.

“A corrida é relativamente simples e eficaz, eles têm empregos estáveis ou estão reformados, os seus filhos cresceram e, como estão a envelhecer, prestam mais atenção à sua saúde. Por outro lado, há também os que são influenciados pela ‘loucura’

Mais atletas, clubes e provas

APESAR da popularidade que já existia no passado, a organização de provas de corrida em Macau não era tão regular como actualmente.

“A partir de 2016 começaram a aparecer mais clubes e por consequência mais atletas registados na Associação Geral de Atletismo de Macau (AGAM), assim como existe um maior número de competições por ano, principalmente de longa distância, com destaque para as corridas de dez quilómetros, tanto organizadas pela AGAM, como por entidades privadas”, sublinha Wisley Keong.

No panorama actual das corridas de atletismo de estrada, a média de idades está acima dos 30 anos. “São estes os atletas emergentes, depois de no passado a média rondar os 50 e até 60 anos”, refere o dirigente da AGAM.

Segundo Wisley Keong, embora a maior parte dos actuais atletas “não tenham competido oficialmente no passado, optam por começar a correr para ser saudáveis e para reduzir o stress, tornando-se num pilar de apoio importante às corridas realizadas em Macau”. ▲



A Maratona Internacional de Macau é sempre um dos eventos mais aguardados no calendário anual

de participar em provas como a maratona e pelas pessoas que os rodeiam”, diz o dirigente.

No entanto, salienta, “os jovens atletas estão normalmente a treinar nas escolas ou ocupados com o trabalho depois da licenciatura”, acrescentando que faltam subsídios ao treino de corrida de longa distância e de maratona, e que “deve haver uma maior aposta no treino de maratonistas de elite e na formação de jovens atletas com potencial”.

Ana Telo Mexia aponta para idades entre os 25 e os 50 anos. “Talvez os jovens despertem mais tarde e uma vez começando a praticar e a participar em provas, não

é fácil deixar de competir e talvez por isso já somos muitos ‘menos jovens’”, salienta.

Sandra Joaquim vê esses “menos jovens” em maior quantidade. “Muitos estão na casa dos 40 anos, ainda que possamos ver mais gente nova nas provas do que acontecia anteriormente”, refere. No entanto, sublinha, “os jovens preferem os ginásios e quando correm é na passeadeira”. Para fazer provas de rua “é preciso correr na rua”, afirma, reconhecendo que “não é fácil correr na rua com o clima de Macau, porque ou está muito calor, ou chove demasiado, ou está vento ou há tufão”.

Ana Telo Mexia reforça a ideia, referindo que o clima “é o maior desafio” nos períodos de treino, incluindo a qualidade do ar.

Erik Lok diz que, por vezes, é muito perigoso correr em Macau, visto que “há muitos obstáculos”. Uma ideia partilhada por Benson Leong: “Devido ao congestionamento do tráfego, a corrida de rua tornou-se uma actividade de alto risco, mas, felizmente, o novo percurso ao longo da zona ribeirinha da Taipa e de Macau reduziu o risco de treino”.

Alguns lugares mais comuns utilizados pelos atletas são a zona do Lago Sai Van e do Lago Nam Van,

a zona do Reservatório, o circuito da Guia, a ciclovia da Taipa e do Cotai, a Colina da Taipa Grande, a Colina da Taipa Pequena, os trilhos de Coloane, o campus da Universidade de Macau e os estádios que oferecem pistas de 400 metros.

O chamamento dos trilhos

Também a ganhar adeptos, as corridas de trilha, ou as chamadas

provas de aventura, são cada vez mais populares, não apenas em Macau, mas também em Hong Kong e no Interior da China.

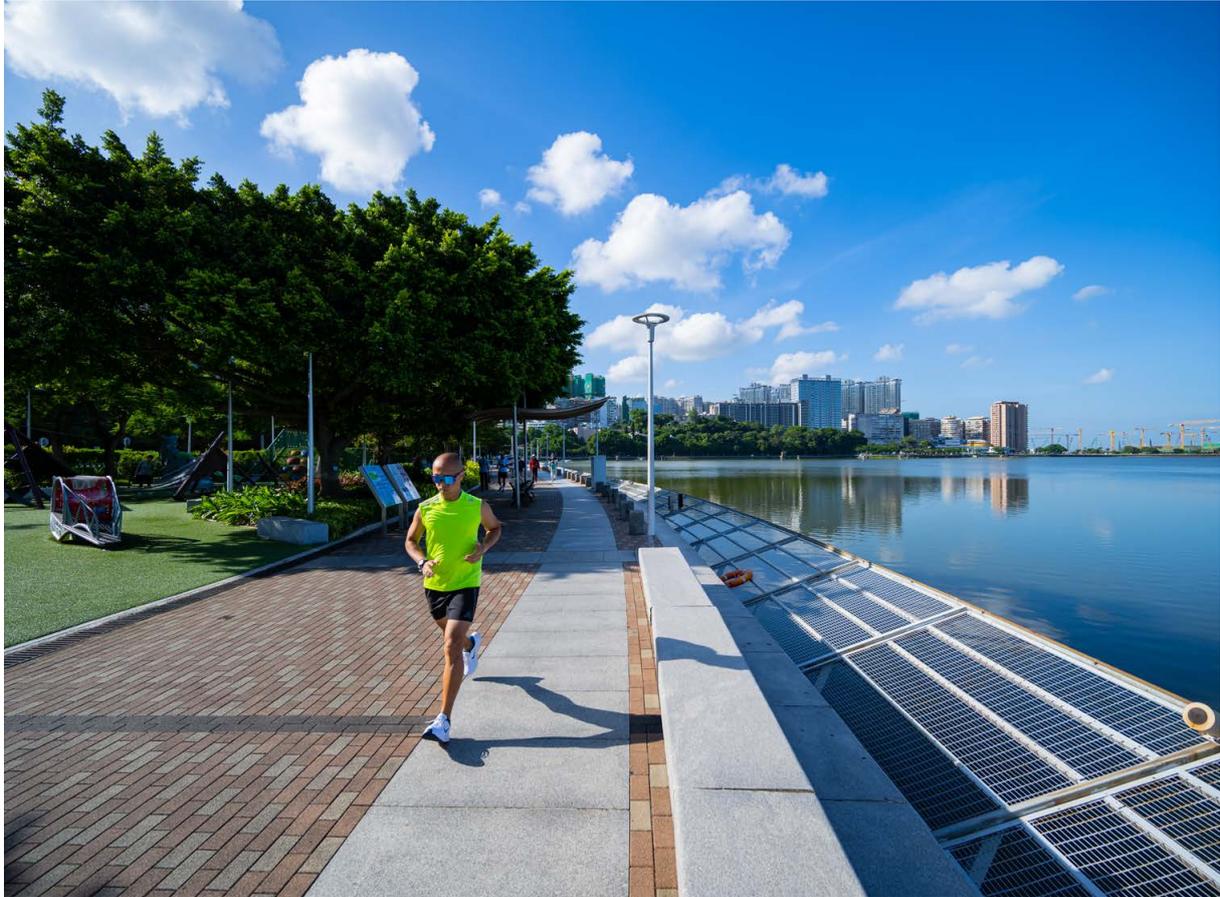
“A transição natural é começar na estrada e depois passar para os trilhos, que exige uma abordagem diferente, mais equipamento e acesso a trilhos para treinar, o que em Macau nem sempre é fácil”, declara Sérgio Real, há vários anos membro do principal clube nesta área, o Trail

100 Runners Club. “Está a haver no momento um crescimento mundial no número de participantes em corridas de trilha e, sem dúvida, que Macau acompanha esse crescimento.”

O Trail 100 Runners Club foi estabelecido em 2019, tendo sido o primeiro clube de corrida de Macau focado em provas de trilhos e juntando uma grande parte dos interessados neste tipo de competições de aventura, nas quais há



“The King of Macao Hills Urban Trail Race” é a prova mais longa em Macau, com 50 quilómetros



A zona do Reservatório, em Macau, é um dos lugares mais usados para o treino de corridas

já muitos portugueses. “Neste momento somos mais de 200 e temos vindo a crescer de ano para ano”, destaca Sérgio Real.

O clube organiza duas competições anuais em Macau. Uma é o “The King of Macao Hills Urban Trail Race”, a prova local mais longa, com 50 quilómetros, que atravessa toda a cidade e sobe aos 15 pontos mais elevados de Macau. A outra é a “Grande Dragon Trail Challenge” no trilho e escadas da Colina da Taipa Grande, prova com uma elevação por quilómetro bastante considerável, tornando-se um desafio, mas também uma boa plataforma de treino para eventos

mais difíceis fora de Macau. Esta prova inclui ainda uma versão mais curta, indicada para quem está a dar os primeiros passos no mundo das corridas em trilho.

“No passado, a corrida em trilhos era a solução para o tédio do treino de longa distância, mas nos últimos anos tem sido dada mais atenção a este evento em todo o mundo, com informações sobre vários desafios extremos, “ultra trails” e outras corridas a tornarem-se mais populares, atraindo muitos corredores de estrada para este desafio”, salienta o atleta.

Quanto ao número de eventos que Macau proporciona, Sandra

Joaquim afirma que “em Macau há ainda poucas provas, tanto que as inscrições esgotam umas horas depois de abrirem”.

Benson Leong diz que o processo para organizar corridas em Macau é complexo, visto que, por motivos de segurança dos participantes, é preciso obter aprovação de vários departamentos, o que acaba por condicionar o calendário local de corridas.

A maioria dos corredores de estrada de Macau está já em franca preparação para a Maratona Internacional, que inclui a Meia e a Mini, agendada para o próximo dia 1 de Dezembro. ▲

a minha cidade

A PROSAICA CIDADE E O

© OSWALDO VAS



IMPREVISTO DA VIDA



Veio por dois anos, vive em Macau há mais de quarenta. **Amélia António** vinha preparada para a aventura de uma vida, longe de imaginar que a experiência se pudesse tornar permanente. As oportunidades com que foi brindada e uma poética insuspeita, escondida nos gestos mais prosaicos do quotidiano, transformaram Macau em lugar de pertença

Texto **Marco Carvalho**

NUNCA bebeu da água do Lilau, mas a cidade entrou-se nela com uma desenvoltura que hoje lhe parece tão natural como a própria sede. A viver em Macau há 42 anos, Amélia António encontrou na região as oportunidades de trabalho e a concretização profissional que tardavam a despontar em Portugal, mas também uma cidade arrebatadora, onde a poesia do quotidiano se fazia tangível a cada esquina.

Os anos passaram, a cidade transformou-se e muito do encanto que enredou a então jovem advogada sobrevive apenas na lembrança, mas Macau conserva a impalpável essência que transformou becos e ruas desconhecidos numa parte fundamental da sua forma de ver e viver o mundo. A Macau de Amélia António é café de antanho, é memória e é mar. São os ecos do fascínio de outrora e a bonomia do crepúsculo. Mas Macau é, mais do que tudo, casa.

a minha cidade

01 Do café do Lilau, o gosto perdido

A PERMANÊNCIA de Amélia António em Macau deve menos a velhos aforismos do que a um arrebato mil vezes renovado, mas, na geografia sentimental da advogada, há lugares inadiáveis e sabores inesquecíveis, como o do rústico café que se bebia sob as seculares árvores-do-pagode do Lilau. O largo refresca-se, até aos dias de hoje, à sombra de três colossais figueiras e era ali, debaixo de um simples toldo, que eram preparadas as melhores torradas de Macau.

“Não sei se bebi ou não da água do Lilau, mas café bebi várias vezes. Havia ali um toldo de borracha, esticado entre as árvores, e, lá por baixo, uma senhora que fazia torradas no carvão e café à moda antiga, na cafeteira. O café fervia sobre as brasas, era passado por um filtro de pano e as borras ficavam no fundo da cafeteira. Era uma coisa absolutamente fascinante. Sabia melhor do que tudo o que hoje podemos provar”, recorda a também presidente da Casa de Portugal em Macau.

Debaixo de toldos, no âmago do emaranhado de ruelas e becos que rasgavam o Porto Interior, Amélia António descobriu os encantos de

uma cidade com tanto de anacrónico como de inebriante e o fascínio foi imediato. Indiferente ao exotismo dos templos e ao apelo dos pagodes, a causídica sucumbiu sem resistência à pequena poética dos dias.

“Na zona do Patane, havia um toldo que cobria toda a rua e onde estavam pintados os caracteres chineses para pastelaria. Debaixo do toldo, suspensas da parede, havia umas caixinhas de folha, com uma asa. Os funcionários da dita pastelaria faziam uns bolinhos, que eram cozinhados em carvão, e quem queria levar uma maior quantidade, pedia a latinha, colocava os bolos lá dentro e levava-os para casa. Era uma coisa absolutamente irreal, com uma dose de encanto e com uma dose de poesia incomparáveis”, argumenta.

02 Porto sentido

QUANDO desembarcou em Macau pela primeira vez, em 1982, Amélia António tinha 37 anos e uma vivência tão plural que nela cabiam várias vidas. Órfã de mãe aos sete anos, viu gorada a ambição de prosseguir estudos superiores quando a tia, com quem cresceu, também faleceu. Amélia tinha 17 anos e, num Portugal onde os empregos não abundavam, foi somando experiências profissionais e cívicas. Foi já vários anos depois, enquanto fazia trabalho administrativo no

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO



Largo do Lilau



Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, que completou a licenciatura em Direito. Macau surge depois na equação, no que seria uma estadia com data de validade bem definida.

“Vim com uma licença sem vencimento de dois anos, no que

seria uma experiência. O meu marido tinha sido convidado para vir fazer um trabalho para a então Inspeção Bancária, eu tinha feito o curso de Direito, tinha concluído o estágio, estava a trabalhar no Sindicato dos Bancários e, uma vez que

não tinha muito a perder, decidi que valia a pena vir”, explica.

Em Macau, mais do que um rincão de um Oriente que julgava remoto e exótico, Amélia António encontrou oportunidades de carreira ímpares e uma cidade com tanto de estranho, como de familiar. A curiosidade depressa se fez conforto, mas o fascínio, esse, permanece vivo.

“Andava muito a pé pela cidade, gostava muito de percorrer aquelas ruas do Porto Interior. Hoje, as limitações físicas já não me permitem aventurar pela cidade com a mesma frequência, mas quando me embrenho pela parte velha, continuo a ter essa sensação de reencontro com Macau”, admite Amélia António.

“Ainda há algumas zonas em que se consegue alcançar o sentido do que era Macau. Sempre achei muita graça às arcadas do Porto Interior. Lembravam-me extraordinariamente a Ribeira do Porto”, sustenta a advogada.

03 A memória de uma outra baía

EM 42 ANOS, a cidade mudou, jogou-se ao firmamento. O casario térreo e vetusto, os telhados dobrados sobre si mesmos, deu lugar a torres e a eremitérios engavetados uns sobre os outros. Outrora varridas pelo sol e embaladas pelo longínquo rumor do mar, as ruas

escureceram e o encanto que outrora suscitavam foi esmorecendo na mesma medida em que se encheram de sombras.

Na Areia Preta e noutros pontos de Macau, Amélia António viu erguer-se uma urbe em que o ritmo desde cedo subjugou a métrica, nos antípodas da cidade-verso pela qual se apaixonou. “Foram construídos muitos prédios, muito altos e com uma densidade populacional extremamente elevada. Tão elevada que as pessoas que lá vivem não se chegam a conhecer”, defende a presidente da Casa de Portugal, cargo que assumiu quase há duas décadas.

Nem todo o crescimento, reconhece Amélia António, desvirtuou a cidade, mesmo quando a alterou incontornavelmente. O fecho da Baía da Praia Grande expurgou Macau de uma realidade que fez durante séculos parte do seu ADN, mas ajudou a resolver outros problemas. “A

Praia Grande valorizou muito com o arranjo que foi feito. Os lagos ajudaram a resolver a questão dos cheiros e uma série de outros problemas desagradáveis. Mas a antiga baía, com o seu murete e, sobretudo, com as redes de pesca suspensas das canas de bambu, tinha um encanto particular. Era uma imagem muito icónica de Macau”, lembra a causídica, uma das sócias fundadoras, em 1989, da Associação dos Advogados de Macau.

04 O sossego na Sintra dos trópicos

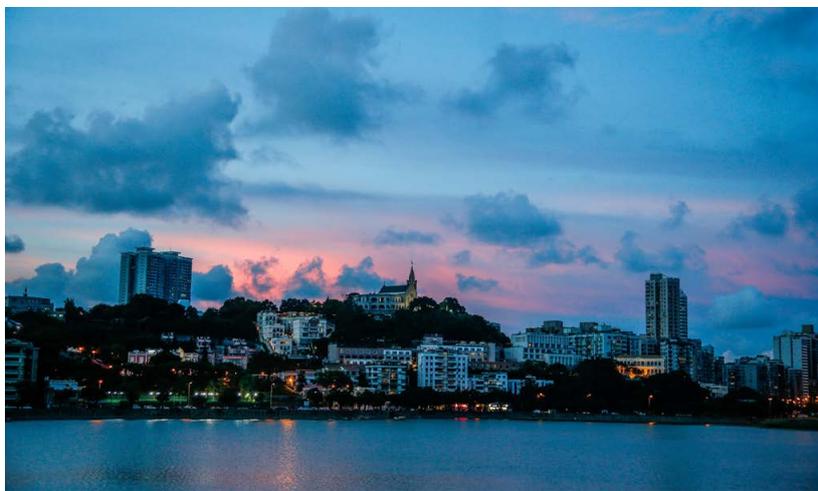
SE MACAU se tornou casa, Coloane tornou-se refúgio há quase 30 anos. No final da década de 1990, Amélia António responde ao apelo do mar e procura, na maior das ilhas da região, um recanto de paz e bem-estar onde se pudesse resguardar da turbulência dos dias. Com as suas

praias e pequenas enseadas, Coloane já não era o entreposto remoto, quase inacessível que fora outrora, mas continuava a estar, aos olhos de muitos, a um mundo de distância do Largo do Senado.

“Vivo em Coloane há 28 anos. Macau começou a crescer muito, eu tinha uma vida muito agitada e a determinada altura senti a necessidade de encontrar um sítio de paz e de bem-estar. Em retrospectiva, acho que foi das melhores decisões que alguma vez tomei, ao ponto de eu hoje dizer, meio a brincar, meio a sério, ‘Vou para Sintra’”, assume a advogada.

“O que Coloane me ofereceu foi a sensação de sair da cidade, de deixar a confusão para trás. O caminho, por si só, é terapêutico: passar por espaços arborizados, sem casas, com plantas, com pássaros, ajuda-me a chegar a casa com outra cabeça. As pessoas sempre se queixaram que a vida em Macau é muito lenta, muito chata e não sei mais o quê, mas comecei desde muito cedo a ter um quotidiano muito intenso e essa perspectiva tem-se vindo sempre a agravar, quer por razões de trabalho quer por razões de participação cívica”, conta. “Coloane trouxe-me tranquilidade, aproximou-me do mar. A água, o movimento das ondas e a imensidão sempre tiveram um efeito significativo na minha forma de ser. Ajudam-me a alcançar o equilíbrio”, remata. ▲

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO



Praia Grande



O PASTEL QUE LANÇOU MACAÛ NAS BOCAS DO MUNDO

É uma gesta com tanto de afortunado, como de improvável. Um farmacêutico inglês, radicado em Macau, reinventa uma pequena, mas emblemática iguaria portuguesa que faz os consumidores chineses perder a cabeça há mais de três décadas. As icónicas “tartes de ovo” criadas por Andrew Stow tornaram-se um símbolo de Macau e, para milhares de turistas, uma doce razão para visitar a cidade

gastronomias

Texto **Marco Carvalho**

Fotografia **Oswald Vas**

QUANDO, a 15 de Setembro de 1989, Andrew Stow inaugura uma pequena e inconspícua padaria na então pacata ilha de Coloane, está longe de imaginar que a arriscada aposta viria a estar na origem de uma das histórias de maior sucesso da Macau contemporânea, um conto de fadas adocicado sem princesas, magos e bruxas, mas com uma boa dose de espanto e cobiça à mistura.

Químico-farmacêutico de profissão, Andrew Stow levava dez anos de Macau quando embarca numa aventura que muitos imaginavam talhada para o naufrágio. Longe da agitação da cidade e do quotidiano frenético da Praia Grande, Coloane era, no final da década de 1980, um idílico fim-do-mundo que acenava às comunidades expatriadas com montanhas e praias e entardeceres indolentes.

Situada a dois passos do braço de mar que separa a vila de Coloane de Hengqin, a Lord Stow's Bakery propõe-se preencher um vazio, muitas vezes identificado pelos estrangeiros radicados na ilha, e oferece carcaças, bolos de aniversário, pães de canela e outros bolos e bolinhos.

Entre eles, uma versão muito própria do pastel de nata, que

Andrew Stow proporciona aos amigos portugueses como paliativo para a saudade e para a distância, sem se aperceber ainda que a pequena tarte amarela iria não só transformar a sua vida, mas também mudar a própria imagem de Macau no mundo. A iguaria depressa se tornou apreciada e a sua popularidade rapidamente extravasou fronteiras, começando por Hong Kong.

Trinta e cinco anos depois, a padaria Lord Stow's vende milhares de pastéis por dia, nas quatro lojas que possui em Macau. “Temos a padaria Lord Stow's em Coloane, onde tudo começou. Temos uma loja na Taipa, na Rua do Cunha. Estamos no Venetian e possuímos um novo espaço no Londoner. Ao todo, nestes quatro locais, vendemos entre 30 mil e 32 mil tartes por dia e todas elas são confeccionadas à mão”, explica Eileen Stow, que assumiu a gestão da padaria depois do falecimento do irmão, em 2006.

“São muitas as pessoas que me abordam e me dizem, ‘Porque é que não abres uma loja aqui? Porque é que não abres uma loja acolá?’, mas as perspectivas não são assim tão simples. Há um enorme trabalho em garantir que as condições de produção são as condições certas. Antes de abrirmos o que quer que seja, há um enorme investimento na formação de recursos humanos para garantir que o produto final

tem a qualidade de sempre”, esclarece a empresária britânica.

DE COLOANE, COM AMOR

A fidelidade à fórmula original e o respeito pelo método de produção definido por Andrew Stow explicam, argumenta a irmã, o extraordinário sucesso que as “Portuguese egg tarts” alcançaram nos quatro cantos da Ásia. Em 35 anos, muito mudou, mas as tartes de ovo da padaria Lord Stow's preservam o sabor e a textura de sempre.

“A razão pela qual o Andrew fez o que fez e criou a sua própria receita foi por não querer estar a usar receitas de terceiros, até porque também não possuía uma fórmula que lhe permitisse confeccionar os pastéis em grande quantidade. As receitas com que se foi cruzando tinham todas um procedimento em comum, a necessidade de se cozinhar o recheio da tarte antes de o adicionar à massa, e ele queria eliminar esse passo. Ao fazer isso, deixou de recorrer à farinha para engrossar o creme e substituiu-a por uma maior quantidade de nata”, explica Eileen Stow.

Com uma massa menos estaladiça e menos oleosa que a nata portuguesa, e com uma consistência mais clara, brilhante e homogênea, a tarte de Andrew Stow depressa caiu no goto – e no gosto – dos consumidores da vizinha Hong Kong, que começaram a peregrinar a



A padaria Lord Stow's vende milhares de pastéis por dia

Coloane em grandes números apenas para provar a iguaria que colocou, ao fim de pouco mais de três anos, Macau nas bocas do mundo. Três décadas e meia depois, a romagem às lojas do grupo mantém-se, uma tendência que para Eileen Stow não é mais do que o maior dos atestados de qualidade com que a iguaria poderia ser brindada.

“Creio que, para quem gosta de comida, é como se fosse uma peregrinação. Na loja de Coloane, as pessoas compram os pastéis e tiram fotografias com o saco, a comer as tartes junto do nosso logotipo, e isso para nós é uma grande honra. É algo de que nunca me farto. Sempre que testemunho estes momentos, sinto orgulho”, assume a empresária. “Quando o Andrew abriu a padaria em 1989, o propósito era, simplesmente, o de ganhar a vida, depois de uma sequência de anos um pouco mais difíceis. Mas nunca

imaginou que o projecto pudesse alcançar o sucesso que alcançou. Se foi bem-sucedido, parece-me, foi por causa de toda a dedicação, do grande amor que colocou nestes pastéis”, acrescenta Eileen, que em Março do ano passado delegou na sobrinha, Audrey, a direcção executiva da padaria.

CARTÃO DE VISITA

Se as filas permanentes no exterior das lojas Lord Stow's são o sinal mais evidente do sucesso do projecto sonhado e engendrado por Andrew Stow, um outro fenómeno, bem menos positivo, atesta a importância e o significado que a tarte de ovo viria a adquirir. Foram muitos os que tentaram cavalgar a onda do sucesso alcançado por Andrew Stow, ao atropelo das regras mais básicas do negócio e da decência, recorda Eileen Stow.

Na viragem do milénio, a fama da criação já tinha suplantado a do criador e os pastéis de nata de Lord Stow começaram a ser vistos, dentro e fora de portas, como um designio de Macau e um dos grandes cartões de visita da cidade.

“Tanto eu como o Andrew tivemos de fazer as pazes com a ideia de que, a partir de determinada altura, não seria possível produzir todas as tartes de ovo que seriam eventualmente vendidas em Macau. A decisão, em última análise, cabe ao consumidor. É ele que vai decidir se prefere o original ou, se por uma razão de conveniência, opta por aquele que estiver mais próximo”, assume Eileen Stow.

O consumidor – a julgar pela extraordinária quantidade de pastéis que a padaria produz todos os dias – fez a sua escolha. O volume de negócios que a Lord Stow's registou no ano passado bateu todos os recordes e o negócio emprega hoje quase duas centenas de pessoas. A tarte de ovo, essa, argumenta Eileen Stow, dá sustento a muitas mais.

“Surpreendentemente, 2023 foi o nosso melhor ano de sempre em termos financeiros”, afirma a empresária britânica. “Recrutámos mais funcionários para responder à procura. Neste momento, empregamos cerca de 190, mas se pensarmos no número de lojas que vendem, actualmente, os pastéis, o número é amplamente superior”, remata Eileen Stow. ▲

roteiro

+ ESPECTÁCULO

Uma aventura mágica para além das nuvens

Por entre todos os contos infantis que atingiram projecção universal, “João e o Pé de Feijão” é, porventura, o menos canónico. Sem um desenlace moral inequívoco e com um personagem atípico para histórias da índole – um anti-herói preguiçoso, indolente e pouco escrupuloso –, a narrativa, popularizada por Joseph Jacobs na derradeira década do século XIX, escapa ao paradigma que norteia grande parte dos clássicos da literatura infanto-juvenil, a de ensinar pelo exemplo.



© CENTRO CULTURAL DE MACAU

A versão da história que a Companhia de Teatro Hikosen traz ao Grande Auditório do Centro Cultural de Macau difere, no entanto, da versão original e apresenta uma variante mais conforme com aquilo que nos habituámos a esperar das narrativas para crianças: um final feliz, um desenlace no qual o bem e a justiça prevalecem.

“João e o Pé de Feijão”**LOCAL** Grande Auditório do Centro Cultural de Macau**DATA** 13 de Dezembro, às 19h30;

14 e 15 de Dezembro, às 15 horas

PREÇO Entre 120 e 480 patacas

MAIS INFORMAÇÃO

+ EXPOSIÇÃO

Zheng Guanying e o despertar da China moderna

Os predicados abundam, mas nenhum é mais significativo do que a constatação de que, sem a sua obra, a China talvez fosse hoje uma nação muito diferente. Intelectual eminente e um dos mais influentes pensadores na China moderna, a obra “Advertências em Tempo de Prosperidade” de Zheng Guanying contribuiu para avançar as ideologias políticas da China.

Intitulada “Exposição do Legado de Zheng Guanying”, a mostra, que sublinha os laços profundos entre a família de Zheng e Macau, reúne mais de uma centena de itens e objectos – entre os quais constam cartas, fotografias, escritos, dísticos e outros documentos – que fazem incidir uma nova luz sobre “a influência significativa das ideias reformistas” de Zheng Guanying, segundo o Instituto Cultural.

A exposição apresenta uma vasta gama de elementos provenientes

da exposição permanente original, incorporando novos materiais de investigação e objectos disponibilizados pelos descendentes da família de Zheng Guanying, pela Biblioteca de Xangai e pelos Arquivos Audiovisuais de Xangai.



© INSTITUTO CULTURAL

“Exposição do Legado de Zheng Guanying”**LOCAL** Museu Memorial de Zheng Guanying, Casa do Mandarin**DATA** Acervo permanente**HORÁRIO** De quinta-feira a terça-feira, entre as 10 e as 18 horas**PREÇO** Entrada gratuita

MAIS INFORMAÇÃO

+LIVROS

Pessoal, mas transmissível

Dos seis livros de fotografia que Gonçalo Lobo Pinheiro lançou até ao momento, “Close To Me” é o mais íntimo e pessoal. Concebido no âmbito do Mestrado em Nova Fotografia Documental que o

fotojornalista português, radicado em Macau desde 2010, concluiu na LABASAD – School of Arts & Design, de Barcelona, o projecto é invulgar em mais do que um sentido: por um lado, por propor um raro e fascinante vislumbre sobre as relações humanas que nos são mais gratas, as que se fundamentam nos laços de sangue; por outro, por constituir uma tentativa com tanto de frugal como de comovente de registar a normalidade possível nos adversos dias em que a máscara era a norma.

Registada em 2022, ainda com Macau sob os efeitos da pandemia da COVID-19, a série de fotografias que compõem “Close to Me” – e que tem os filhos do fotógrafo como protagonistas – é um ensaio cru, por vezes comovente, sobre a resiliência – e tudo o mais que nos humaniza – perante a adversidade.

Com uma edição limitada a 150 exemplares, numerados e assinados, a obra notabiliza-se também pelo seu formato: instantâneos a preto e branco, de pequena dimensão, a lembrar uma carteira e o hábito, muito difundido em Portugal, de se trazer dentro dela os retratos dos que nos são mais queridos. Para levar no bolso. Ou junto ao coração.

“Close to Me”

AUTORIA Gonçalo Lobo Pinheiro

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Fotografia

IDIOMA Inglês

EDITOR Ispis Verbis

PREÇO 150 patacas

+NA REDE

Na senda da governação do futuro

Se dúvidas houvesse sobre o impacto das novas tecnologias nos pressupostos da governação, os números dissipá-las-iam por completo: dos 175 mil residentes de Macau que tiveram este ano de apresentar um atestado de prova de vida, 149 mil fizeram-no por via electrónica. Destes, 99 mil efectuaram a sua prova de vida online, através dos recursos disponibilizados pela Conta Única.

Lançada, a 1 de Janeiro de 2019, com o objectivo de promover o desenvolvimento da governação electrónica e agilizar os processos administrativos, a solução informática onde convergem virtualmente todas as modalidades de serviço prestadas pelas diferentes entidades públicas e instâncias governamentais tornou-se uma ferramenta de uso quotidiano para um vasto número de residentes de Macau.

No final do primeiro semestre do corrente ano, a Conta Única de Macau contava com mais de 580 mil aderentes e proporcionava o acesso a mais de 360 modalidades de serviços públicos. Se é verdade que a esmagadora maioria dos utilizadores opta por aceder aos recursos disponibilizados pela Conta Única a partir de aplicações para telemóvel, a plataforma centralizada de serviços também está disponível através de soluções mais convencionais.



ORGANIZAÇÃO Governo da Região Administrativa Especial de Macau

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Administração, governação e prestação de serviços

IDIOMA Português, Chinês Tradicional, Inglês



WEBSITE
<https://www.mo.gov.mo/home>



“DOPPELGÄNGER: APPLE” (2024)

Instalação em fibra de vidro, acrílico e aço (300cm altura x 480cm comprimento x 240cm largura)

Ng Man Wai

NASCIDA em Macau em 1980, Ng Man Wai licenciou-se em Belas Artes, em 2002, em Taiwan. Posteriormente, dedicou-se à educação artística e ao trabalho criativo, entre Taiwan e Macau. Em 2018, concluiu um mestrado em Belas Artes na Escola Superior de Belas Artes de Saar (Hochschule der Bildenden Künste Saar), na Alemanha.

Ng Man Wai conta no currículo com participações em diversas exposições a nível internacional, tanto na Ásia como na Europa, desde o Japão e Coreia do Sul a França. O seu trabalho pode actualmente ser apreciado no âmbito da Exposição Anual de Artes entre a

China e os Países de Língua Portuguesa, parte do 6.º “Encontro em Macau – Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, com Ng Man Wai a figurar entre os representantes de Macau na mostra.

A artista foca a sua produção artística na reprodução, em moldes realistas, de objectos do quotidiano, explorando a dicotomia entre real e irreal, usando para tal uma perspectiva associada à cultura de consumo da sociedade actual. Ng Man Wai também está activa no circuito do associativismo artístico local, integrando diversas plataformas criativas de Macau. ▲

FELICITA O 25° ANIVERSÁRIO DO
ESTABELECIMENTO DA REGIÃO
ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU





主動
Pró-activo
Be motivated

+1

貼心
Carinhoso
Be considerate

+1

禮貌
Bem educado
Be polite

+1



熱情
Entusiasta
Be passionate

+1



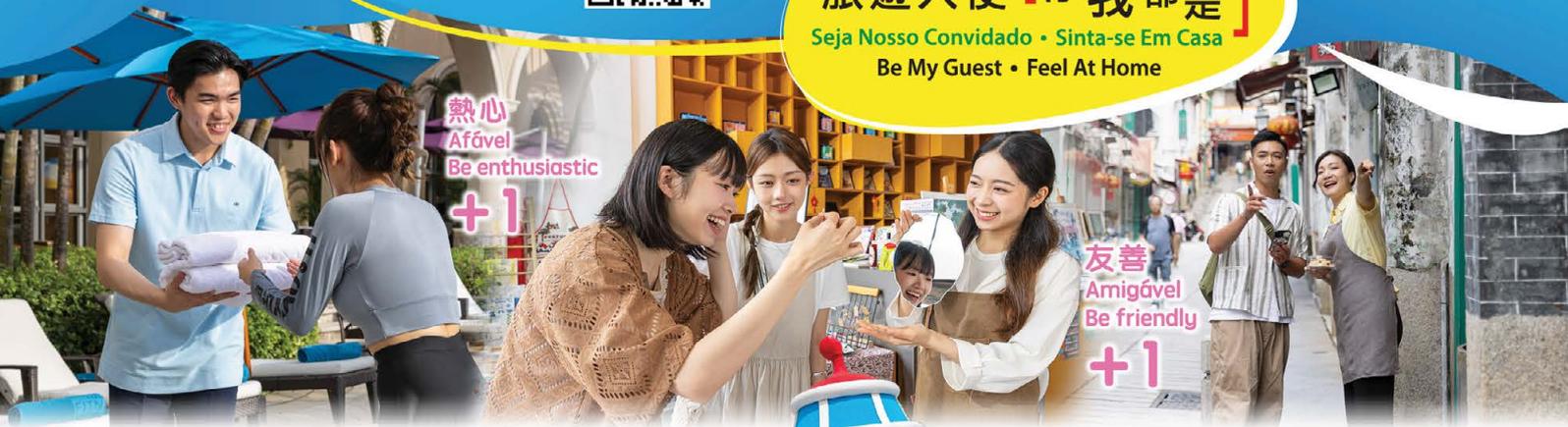
澳門有禮運動

Campanha de Cortesia de Macau
Macao Courtesy Campaign



旅遊大使「你我都是」

Seja Nosso Convidado • Sinta-se Em Casa
Be My Guest • Feel At Home



熱心
Afável
Be enthusiastic

+1

友善
Amigável
Be friendly

+1



親切
Amável
Be sincere

+1

旅遊大使
你我都是
Seja Nosso Convidado • Sinta-se Em Casa
Be My Guest • Feel At Home



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE